

Leitura & CRIAÇÃO

9



INSTITUTO FEDERAL
Goiás
Câmpus Inhumas



BIBLIOTECA
ATENA

Biblioteca Atena

Leitura e Criação 9

Organizadores/as:

Danilo Lopes Ribeiro

Larissa Stefane Rodrigues de Lima

Márcio Ferreira Milhomem

Maria Aparecida Rodrigues de Souza

Milena Bruno Henrique Guimarães

Inhumas, GO

2022

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Câmpus Inhumas

Reitora: Oneida Cristina Irigon

Pró-Reitor de Extensão: Willian Batista dos Santos

Diretor Geral: Luciano dos Santos

Gerente de Pesquisa e Pós-Graduação: Érica da Silva Oliveira

EQUIPE TÉCNICA

Organizadores/as

Danilo Lopes Ribeiro - IFG Câmpus Inhumas

Larissa Stefane Rodrigues de Lima - IFG Câmpus Inhumas

Márcio Ferreira Milhomem - IFG Câmpus Inhumas

Maria Aparecida Rodrigues de Souza - IFG Câmpus Inhumas

Milena Bruno Henrique Guimarães - IFG Câmpus Inhumas

Revisão textual

Rita Rodrigues de Souza - IFG Câmpus Jataí

Letícia Maria Damaceno Sateles Alves - IFG Câmpus Inhumas

Comissão Científica

Renan Alves Melo - Escritor e publicitário

Francisca Oleniva Bezerra da Silva - Escola Estadual Maria Amélia do Espírito Santo
- Manaus/AM

Carlos André Tavares Sales - Centro Universitário UniProjeção - Brasília/DF

Maria Dolores Martins de Araújo - Aula de redação particular

Capas

Igor Ferreira Coelho - IFG Câmpus Inhumas (Egresso)

Design e foto das capas dos livros

Samantha Moreira de Jesus - IFG Câmpus Inhumas

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos/as respectivos/as autores/as.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Leitura e criação 9 [livro eletrônico] / Organização Danilo Lopes Ribeiro... [et al]. – Inhumas: IFG Câmpus Inhumas, 2022. – (Coletânea Leitura e Criação; 9).

159 f.

Inclui bibliografia.

Vários autores.

ISBN (e-book): 978-65-00-55282-9

1. Resenha literária. 2. Leitores. 3. Leitura. I. Ribeiro, Danilo Lopes. II. Título. III. Coleção.

CDD – 418.4

Larissa Stefane Rodrigues de Lima – Bibliotecária – CRB/1-3424

Instituto Federal de Goiás - Câmpus Inhumas



“[...] sempre acreditei que livros têm um quê de magia. Algumas folhas de papel e tinta que podem mudar sua vida”.

WIGGS, Susan. **A livraria dos achados e perdidos**. Rio de Janeiro: Harlequin, 2022. p. 228.

Lista de figuras

Figura 1	Infográfico de divulgação <i>Como participar com resenha</i>	15
Figura 2	Cartaz de divulgação da oficina <i>Construção de resenhas</i>	96
Figura 3	Cartaz de divulgação da palestra <i>Literatura indígena contemporânea no Brasil: atravessando pontos, destruindo muros</i>	100
Figura 4	Cartaz de divulgação da palestra <i>Toni Morrison e a existência do feminino na literatura produzida por mulheres</i>	112
Figura 5	Cartaz de divulgação da palestra <i>Sentir e sentimentos (emoções): um debate conceitual</i>	119
Figura 6	Cartaz de divulgação da roda de conversa <i>Encontro com leitores</i>	132
Figura 7	Gráfico do resultado do questionário eletrônico <i>O que mais te motivou a enviar uma resenha para o concurso?</i>	143
Figura 8	Cartaz de divulgação dos prêmios	154
Figura 9	Cartaz de divulgação das atividades do Concurso	155
Figura 10	Cartaz de divulgação da Cerimônia de encerramento do Concurso	156

Sumário

1 APRESENTAÇÃO	12
2 DA LEITURA À RESENHA	14
3 RESENHAS	18
Diário de um banana: casa dos horrores	
Akidauã Oliveira da Silva.....	19
Reflexões sobre o livro “Quarto de despejo: Diário de uma favelada”	
Alciane Barbosa Macedo Pereira.....	20
Como eu era antes de você	
Amanda Veloso e Faria.....	22
Jane Austen - A Vampira	
Ana Luiza Guimarães Vieira.....	24
A fantasia científica de “O Nome do Vento”	
Anicio Nonato da Silva Júnior.....	26
Misteriosas nove noites	
Bruna Silva Guerra.....	28
O Uruguai	
Carlos Emanuel dos Santos Gabriel Silva.....	30
Freire e a busca eminente por uma educação libertadora	
Carlos Gabriel de Almeida.....	31

Um futuro em que as mulheres estejam no comando

Cecília Maria Mendes Leite.....33

Solo Leveling

Cibele Winter Araujo da Silva.....35

O Médico e o Monstro

Elen Regina de Paula Oliveira.....37

A importância do ato de ler

Elis Eduarda Guimarães de Castro.....39

Sonho de uma noite de verão

Emilly Vitória Araújo Teixeira.....41

A culpa é das estrelas

Gabrielly Araujo Camila de Souza.....43

Novembro, 9

Gabrielly de Oliveira Costa.....45

Feitos um para o outro

Geovana Silva Costa.....47

Extraordinário

Grazielly de Oliveira Costa.....49

Fábulas de Esopo

Guilherme dos Santos Araújo.....51

É assim que acaba

Gyovana Lopes Paranhos Montagnni.....52

Contundente e corajoso

Helisa Vieira Magalhães.....53

A visão de um cão

Izadora Lôbo Ramos.....55

Projeto Rumo à Lua

Jayanne Nicole de Souza Dias.....57

Persona Non Grata

Jéssica Garbim Pacheco.....59

Nem sempre só o amor é suficiente

Jessica Santana Silva.....61

O gnomo

Karen Regina Camargo dos Santos.....63

Quanto vale seu QI?

Karla Katiuska Batista Santos.....64

Trujillo: o Bode

Katielly Santana Lúcio da Costa.....66

Profecia, guerras e deuses

Laís Betânia Silva Pereira.....68

Jogador nº1: o contraste de duas realidades

Lucas Santos de Souza.....69

O livro comunista

Marcos Paulo Nunes Rodrigues Ferreira.....71

Diário de um biólogo

Maria Clara Bosco Batista.....72

Ressignificando palavras

Maria Fernanda Guimarães Justino.....74

Verdade nua e crua

Mylla Cristina Sousa Rodrigues.....75

A rainha vermelha

Natanael Pereira Silva.....76

Os monstros do rio das mortes

Nathielly Aparecida Paula Oliveira.....77

A praga das gêmeas

Níbya Ferreira Toledo.....79

O amor de Lily Bloom

Nicolly Viana.....81

Enquanto eu te esquecia

Nubia de Araújo da Silva Souza.....83

Um livro como nenhum outro

Paulo Henrique Luis da Silva Júnior.....84

Sejamos todos humanos

Rute Hellen Vasconcelos de Araújo.....86

De cabeça baixa

Sthefany Cruz Araújo.....88

Histórias que te fazem refletir sobre a morte

Thayssa Expedita Ribeiro Soares.....89

Sherlock Holmes: um estudo em vermelho

Tiago Jansen de Lima Pires.....91

Frankenstein

Yuri Rodrigues Kikumor.....93

4 OFICINA, PALESTRAS E RODA DE CONVERSA.....95

Resenha crítica literária

Daniel Aldo Soares.....97

Literatura indígena no Brasil contemporâneo: atravessando pontes, desconstruindo muros

Sélvia Carneiro de Lima.....101

Toni Morrison e a existência do feminino na literatura escrita por mulheres

Liliane de Paula Munhoz.....113

A ética organizando os sentimentos da moral

Ronaldo Ferreira Vaz.....120

Roda de conversa “Encontro com leitores/as”.....132

Uma reflexão sobre a utilidade da vida

Danilo Lopes Ribeiro.....133

Leve a vida com amor

Larissa Stefane Rodrigues de Lima.....135

Um pesadelo, um sonho com final feliz

Márcio Ferreira Milhomem.....136

Dicas de leitura

Maria Aparecida Rodrigues de Souza.....138

Para além de Dom Quixote

Milena Bruno Henrique Guimarães.....140

5 O ALCANCE DO INCENTIVO À LEITURA.....142

6 APÊNDICES.....151

Livros lidos e resenhados disponíveis nas bibliotecas do IFG.....151

Galeria de cartazes154

Apoiadores.....157

POSFÁCIO.....158

1 APRESENTAÇÃO

A compreensão da importância deste livro, intitulado *Coletânea Leitura e Criação 9*, parte, inicialmente, da compreensão da identidade do Instituto Federal de Goiás – IFG. Instituição *multicampi* e com missão institucional fortemente ancorada na formação omnilateral em que o trabalho dos/as servidores/as se centra na vinculação do tripé ensino, pesquisa e extensão a um processo formativo de discussão e valorização da diversidade sociocultural existente na sociedade em que o IFG se insere. Nessa perspectiva, a *Coletânea Leitura e Criação 9* ilustra tanto um processo formativo que integra a interação de diferentes sujeitos em diferentes etapas de construção do conhecimento e de autoria. Tal processo contribui, sobremaneira, para uma formação integrada e integral dos sujeitos, uma vez que o protagonismo dos/as participantes é evidenciado em cada página, em cada texto verbal e não verbal presente na coletânea, bem como nas interlocuções tecidas entre ensino, pesquisa e extensão.

A *Coletânea Leitura e Criação 9* evidencia o esforço envidado pela equipe¹ de servidores/as da Biblioteca Atena em parceria com professores/as e estudantes, do IFG Câmpus Inhumas, para tecer relações didático-pedagógicas de fomento à leitura e à escrita para as e com as comunidades interna e externa, em um diálogo profícuo. A coletânea presenteia o/a leitor/a com um conjunto de produções que engloba textos de discentes do ensino fundamental, do ensino médio, do ensino médio técnico integrado, licenciandos/as e doutor/as, resultantes do processo de desenvolvimento das atividades do Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano que já se encontra na 10ª edição.

De maneira exemplar, esta coletânea retrata os fios que se entrelaçam para a construção de sentidos na leitura e na escrita. Assim, o/a leitor/a encontrará em cada página um convite para interagir com resenhas sobre temas variados e caros em um processo de ensino e aprendizagem que valoriza o sujeito como ator

¹ Equipe executora do 10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano: Cristiana Ferreira Franco; Danilo Lopes Ribeiro; Larissa Stefane Rodrigues de Lima; Márcio Ferreira Milhomem; Maria Aparecida Rodrigues de Souza; Milena Bruno Henrique Guimarães; Liliane de Paula Munhoz; Sélvia Carneiro; Daniel Aldo Soares; Ronaldo Ferreira Vaz; João Lopes Santana Neto.

importante e que tem algo a contribuir. Trata sobre a vida, a morte, a alegria, a tristeza, o amor, o ódio, a esperança, os desafios, as lutas ...

Os/As resenhistas trouxeram para *Coletânea Leitura e Criação* 9 indicações de leitura de poesia, contos, romances nacionais, traduções de clássicos das literaturas inglesa, norte-americana e hispânica, *best sellers*, obras teóricas sobre temáticas de relevância para acadêmicos/as.

Na gênese da organização do livro, percebe-se o relevo conferido aos textos densos produzidos pelos/as palestrantes e oficinas. Os textos evidenciam a literatura que traz a representação de mulher negra e dos povos originários. E, de certo modo, discutem e reivindicam o lugar dessa literatura na formação do/a leitor/a. São textos necessários que fundamentaram as palestras de incentivo à leitura de livros de autoria indígena e mulheres negras. Ressalta-se, ainda, os textos que embasaram as oficinas de construção de resenhas, mesa redonda e bate-papo. Primordiais para a formação discente e apoio ao trabalho docente.

O diálogo entre ensino, pesquisa e extensão faz desta coletânea uma recomendada indicação de leitura de incentivo a novas leituras literárias e escritas para estudantes do ensino fundamental, médio e superior. Também, indicado como um material de consulta que pode contribuir para o fomento a novas práticas institucionais e pedagógicas de leitura e escrita no âmbito dos quatorze câmpus que compõem o IFG, como de outras instituições municipais e estaduais de Educação.

Em suma, este livro brinda o/a leitor/a com um acúmulo de (re)leituras e experiências didático-pedagógicas de dinamização de práticas de leitura e escrita que transcendem as paredes da Biblioteca Atena, os limites internos do IFG, Câmpus Inhumas, a cidade de Inhumas-Goiás e alcança leitores/as e a escrita de outras searas em sua nona edição da coletânea e décima edição do Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano.

Boa leitura a todos/as!

Rita Rodrigues de Souza
IFG, Câmpus Jataí
Doutora em Estudos Linguísticos

2 DA LEITURA À RESENHA

Concordando com Henry David Thoreau (2001, p. 57, tradução nossa) que “muitos homens [e mulheres] iniciaram uma nova era na sua vida a partir da leitura de um livro”, os organizadores e organizadoras do *10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano* propuseram o desafio, aos/às participantes do Concurso, de mudança da condição de não-leitor/a para leitor/a e escritor/a. A possibilidade de publicação das resenhas na Coletânea “Leitura e Criação 9” foi uma das metas do Concurso.

Esta Coletânea é produto resultante da Ação de Extensão *10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano*, editado em 2022, via chamada pública do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) – Câmpus Inhumas, com inscrições abertas no período de 28 de março a 14 de setembro de 2022.

Foi disponibilizado um total de 100 vagas para a Ação de Extensão, sendo destinadas aos seguintes públicos: estudantes de escolas da Educação Básica, universidades e comunidade em geral, com escolaridade mínima do 8º ano do Ensino Fundamental completo ou cursando.

A ação visou propiciar aos/às participantes formação em leitura e produção de resenha a partir do incentivo à leitura de livros literários e paradidáticos de bibliotecas públicas, universitárias e escolares do município de Inhumas e região. Outro propósito que a ação perseguiu foi fomentar a leitura e a escrita como possibilitadoras do desenvolvimento humano nos aspectos cognitivo, cultural e social.

A confirmação da participação no Concurso ocorreu com o envio da resenha de livro literário ou paradidático, em formulário próprio disponibilizado na página da Biblioteca no *site* do IFG Câmpus Inhumas, para o endereço eletrônico, e/ou presencialmente no balcão de atendimento da Biblioteca Atena. O período de recebimento das resenhas ocorreu de 28 de março a 14 de setembro de 2022. Visando garantir a originalidade das resenhas submetidas ao Concurso, elas foram submetidas ao sistema *Plagiarism*, detector de plágio.


Como estratégia de incentivo e adesão dos/das participantes ao Concurso, a leitura de cada obra literária e a produção de resenha equivaleram a uma carga

horária de 5 horas complementares. A avaliação de uma resenha de cada participante foi um dos critérios eliminatórios do concurso. A classificação das resenhas foi realizada por uma banca com pareceristas às cegas, que seguiram critérios pré-determinados e divulgados no Edital de Chamada Pública nº 02/2022 IFG-Câmpus Inhumas. A Figura 1 apresenta a forma de participação no Concurso.




10º Concurso Cultural
Leitores/as Destaque do Ano

Como participar?



Leia um livro

Pode ser livro físico (impresso), livro eletrônico (e-book) ou audiolivro. Pode ser literário ou paradidático. Pode ser em prosa, verso ou quadrinhos (graphic novel, por exemplo).



Escreva uma resenha

Baixe o formulário na página da Biblioteca Atena* (<https://ifg.edu.br/inhumas/biblioteca?showall=&start=5>) ou solicite uma versão impressa no balcão de atendimento. A resenha é sobre o livro lido e precisa ter entre 10 e 30 linhas.



Entregue a resenha

A resenha impressa deve ser entregue no balcão de atendimento (segunda a sexta-feira das 7h às 22h e sábados letivos das 7h às 13h). A resenha digital deve ser enviada para o e-mail: concurso.leitores@ifg.edu.br




Preencha o formulário de inscrição

Antes de preencher o formulário** (<https://forms.gle/oZCjuswFMSsyh318>) não esqueça de ler a chamada pública nº 04/2022, é preciso estar ciente do projeto e concordar com os termos antes de se inscrever no concurso. A confirmação da inscrição se dá pelo preenchimento do formulário e entrega/envio da resenha.




Certificação

Cada resenha entregue corresponderá a 5h de atividades complementares. A certificação máxima será de 40h.



Premiação

Serão premiadas as 3 resenhas melhor avaliadas por uma banca externa.



Publicação

As resenhas avaliadas pela banca (uma de cada participante) poderão fazer parte da publicação com ISBN da coletânea "Leitura e Criação 9".



***Mais informações**

****Inscreva-se**



Aberto à comunidade

Podem participar estudantes a partir do 8º ano do Ensino Fundamental ou pessoas que já tenham parado de estudar, mas que cursaram pelo menos até o 8º ano do Ensino Fundamental.

Fonte: Elaborado por Milena Bruno Henrique Guimarães.

Esta Coletânea traz 44 resenhas cujos/as autores/as autorizaram a publicação das mesmas. A ordem de inclusão das resenhas na Coletânea segue a sequência alfabética do primeiro nome dos/as autores/as.

A disponibilização das resenhas na Coletânea é de acesso aberto para permitir a apreciação de maneira igualitária à comunidade jovem. Os organizadores e organizadoras do Concurso receberam um total de 123 resenhas oriundas da participação de 54 pessoas inscritas. Essas foram mediadas por técnico-administrativos que atuam na Biblioteca Atena do Câmpus Inhumas com o intuito de aproximar a biblioteca da comunidade. O trabalho realizado pelos mediadores e mediadoras de leitura foi além da recepção das resenhas e suas leituras. Esses/as profissionais sugeriram melhorias no texto, indicação de outros livros e foram porta-voz dos/das participantes para melhoria da ação.

Os livros resenhados e classificados para incluir na coletânea representam parte dos 115 livros literários, dentre literatura infanto-juvenil e clássicos, e paradidáticos. Do universo de livros lidos e resenhados estão disponíveis nas bibliotecas do IFG 45 títulos (Apêndice A). Cada participante teve o direito de submeter, à avaliação para premiação, uma das resenhas dos livros que escolheram para ler voluntariamente, conforme a preferência de leitura dele/a.

Além da mediação de leitura e escrita de resenhas, os/as inscritos/as tiveram a oportunidade de participar de uma oficina e palestras com temáticas variadas como a construção de resenhas, literatura indígena, literatura feminina e filosofar sobre sentimentos e emoções, tendo como objeto principal o livro. Também, tiveram a possibilidade de prestigiar um encontro com os/as mediadores/as em uma roda de conversa, na qual puderam falar de forma mais informal sobre as obras lidas e suas experiências na participação no Concurso.

A ação iniciou em um contexto em que o isolamento social ainda estava presente, devido a pandemia mundial da Covid-19. E a finalização da ação também perpassou por momento de cuidado com o próximo, mantendo o distanciamento conforme estudos científicos. Portanto, para a realização das atividades optou-se prioritariamente por utilizar ambientes virtuais como o *Google Meet* e *Youtube*. A pandemia não foi uma impossibilitadora da concretude de mais uma edição da Coletânea *Leitura e Criação*. Segundo o memorável José Saramago, escritor

português, “a leitura é, provavelmente, uma outra maneira de estar em um lugar”. E por que não utilizar a rede mundial de computadores para propagá-la?

Nas páginas seguintes, você encontrará as resenhas produzidas por estudantes da rede municipal, estadual e federal de educação. São textos, que expressam o universo literário, escolhidos pelos próprios participantes.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS. **Biblioteca Atena - Câmpus Inhumas**. Disponível em <https://www.ifg.edu.br/inhumas/biblioteca?showall=&start=5>. Acesso em 27 set. 2022.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

THOREAU, Henry David. **Walden**. 2001. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu000205.pdf>. Acesso em 27 set. 2022.

Organizadores/as

Danilo Lopes Ribeiro - IFG-Câmpus Inhumas (Bacharel em Direito)

Larissa Stefane Rodrigues de Lima - IFG-Câmpus Inhumas (Bacharel em
Biblioteconomia)

Márcio Ferreira Milhomem - IFG-Câmpus Inhumas (Licenciado em Educação Física)

Maria Aparecida Rodrigues de Souza- IFG-Câmpus Inhumas (Doutora em
Educação)

Milena Bruno Henrique Guimarães - IFG-Câmpus Inhumas (Bacharel em
Biblioteconomia)



Igor Ferreira Coelho

Personagens inspirados: Miles Morales (de “Homem-aranha”); Gandalf (do “Senhor dos Anéis”); Anne (de “Anne de Green Gables”); H.P. Lovecraft (escritor).

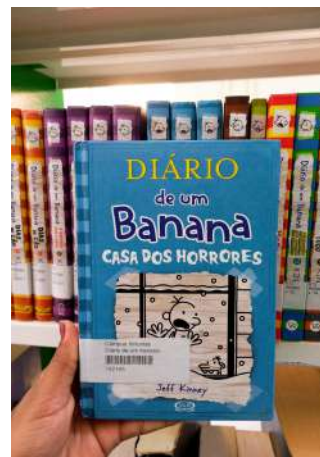
Diário de um banana: casa dos horrores


KINNEY, Jeff. **Diário de um banana: casa dos horrores**. São Paulo: V&R Editoras, 2006.

Greg se meteu em uma grande enrascada. Após o muro de sua escola ser pichado e a polícia estar atrás do culpado, Greg precisa arranjar um jeito de esconder, já que é o principal suspeito.

Uma nevasca acontece e impede que ele saia de casa. Ele aproveita suas férias forçadas e sem prazo para terminar.

Apesar deste ser o enredo principal de “Casa dos horrores”, muita coisa acontece antes do muro ser pichado...



 @samantha_moreiraj

(AKIDAUÃ OLIVEIRA DA SILVA - Discente do curso Técnico Integrado em Química,
1º ano, IFG Câmpus Inhumas)

Comentário da mediadora: Obrigada pela sua participação no *Concurso Leitores/as Destaque do Ano*, Akidauã! Espero que tenha aproveitado bastante essa experiência. Parabéns pela resenha! Continue lendo e escrevendo. (Larissa Stefane – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

Reflexões sobre o livro “Quarto de despejo: Diário de uma favelada”

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática Scipione, 2004.

O livro “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada” é um diário composto por 20 textos com demarcações temporais, construídos por longos cinco anos. A obra foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, que realizava trabalhos nas comunidades à beira do Rio Tietê. Não foram realizadas revisões ortográficas, o que nos mostra a universalidade da leitura e da produção textual. A autora, Carolina Maria de Jesus, é uma mãe solteira, negra, catadora de lixo de uma favela em São Paulo, capital.



 @samantha_moreiraj

A narrativa apresentada é marcante, crua, forte e impactante. Em uma leitura rasa e superficial diriam que Carolina conta apenas sobre si, seu cotidiano e o dia a dia das pessoas com as quais convive. Um desvelamento da obra, a convite da própria autora, no entanto, nos leva a deparar com a fome, preconceito, violência e sofrimento. E além disso, oportuniza-nos uma reflexão profunda sobre atravessamentos como gênero, raça, classe social, violência e exclusão.

A leitura e a possibilidade de produção textual encontrada pela autora, torna para ela libertador, como a própria autora sinaliza na página 65: “Prefiro empregar meu dinheiro em livros do que em álcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço para dizer: -Muito bem, Carolina!” Muito bem, Carolina! Muito boa obra, Carolina! Essa obra é inspiradora para todos e todas, em especial para aquelas pessoas em situação de vulnerabilidade social e demonstra a potência do livro e da literatura.

(ALCIANE BARBOSA MACEDO PEREIRA - Servidora IFG Câmpus Aparecida de Goiânia)



Comentário da mediadora: Alciane, obrigada pela sua participação no *Concurso Leitores/as Destaque do Ano!* Espero que tenha aproveitado bastante essa experiência. A leitura de uma vivência que nos leva a refletir sobre a nossa própria realidade. Parabéns pela resenha! Continue lendo e escrevendo. (Larissa Stefane – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

Como eu era antes de você

MOYES, Jojo. **Como eu era antes de você**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. 320p.

O livro fala sobre a história de Will e Lou.

Tudo começa quando Will sofre um acidente e fica tetraplégico e depois de então Will acha a vida sem graça, sem cor para viver, pois ele só pode mexer os olhos e a boca. Ele é um homem com a vida bem sucedida.

Lou é uma menina bem legal, simpática e que mora com seus pais, ela trabalhava como atendente de um café. Demitida, estava à procura de outro emprego. “Lou não sabia que perder seu emprego iria mudar sua vida”. A primeira oportunidade de emprego que aparecesse, Lou disse que iria pegar, mas de muitas oportunidades de emprego que teve, nenhuma deu certo com Lou.

Quando ela já estava quase desistindo, apareceu uma vaga de emprego que era como cuidadora assistente. Lou foi até a casa e conseguiu esse emprego.

Depois que Will sofreu o acidente, como ele não conseguia fazer nada, ele decide fazer uma eutanásia (morte sem sofrimento e dor). Nas primeiras vezes Will não se dava bem com Lou. Mas ao longo do tempo os dois começam a se dar bem e Will começa a olhar Lou com outros olhos e percebeu o quanto ela era divertida e Lou também percebeu que Will era engraçado e atencioso e que ele dava mais atenção para ela do que seu próprio namorado. Depois de um tempo, Lou descobre que Will queria morrer. Quando Will vai para outro país para fazer a eutanásia, Lou fica muito triste. Depois que Will faz isso ele deixa uma carta para Lou dizendo que a amava e que tinha deixado tudo que era dele para ela...



 @samantha_moreiraj

(AMANDA VELOSO DE FARIA – Discente do curso Técnico Integrado em Química,
1º ano, IFG Câmpus Inhumas)



Comentário do mediador: Parabéns, Amanda, por sua participação no *10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano!* Que você cultive o hábito de ler e cresça em sabedoria e conhecimento! (Danilo Lopes Ribeiro – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Jane Austen - A Vampira

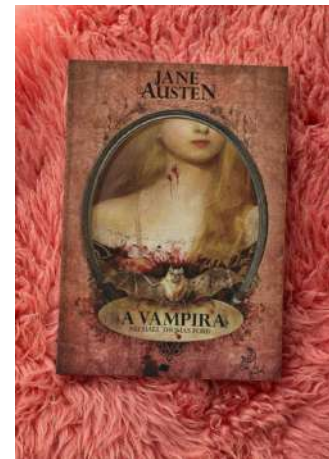
FORD, Michael Thomas. **Jane Austen - A Vampira**. São Paulo: Leya Brasil, 2010.

O livro “Jane Austen – A Vampira”, escrito por Michael Thomas Ford, possui a proposta de pegar um clássico da literatura e contextualizá-lo na época atual. Dessa forma, ele mostra a história da autora inglesa, Jane Austen, que se destacou por criar obras que ressaltaram a figura feminina independente e seu papel na sociedade e os embates por classe social, como uma vampira!

Austen, agora com o novo sobrenome, Fairfax, e com quase dois séculos e meio de vida, habita a calma cidade de Brakeston, onde é dona de uma livraria e tenta publicar seu novo livro: Constance, que já foi recusado 116 vezes por editores. Sua vida vira um turbilhão quando o motivo de sua imortalidade e antigo amor, o vampiro Lord Byron, reaparece em sua livraria. Entre romances e desafios, a protagonista nos envolve em uma história divertida e dotada de referências a outros escritores e obras clássicas.

Em meu primeiro contato com o livro, tive a impressão de que o autor era um oportunista que quis usar o nome de uma notória e estereotipada figura de inspiração e inovação acoplado à febre de contos sobrenaturais, fazendo assim uma perfeita isca para jovens sonhadoras e rebeldes. Descobri estar enganada quando já nas primeiras páginas, Jane se mostra completamente insatisfeita com as adaptações absurdas de suas antigas obras, como O livro Fitness de Jane Austen ou as receitas de Jane Austen, e mais ainda por usarem seu nome e não ter acesso a um tostão de direitos autorais, afinal, Austen está “morta”. O autor busca na verdade, com muito humor, fazer uma crítica a esses livros que tomam conta do mundo editorial atual, escritos sem nenhum conteúdo, apenas com o intuito de gerar dinheiro e fama.

A Jane do livro fala o que bem entende, sendo essa uma das principais características que demonstra que até mesmo sua personalidade é uma releitura das personagens complexas de suas obras originais, e junto à sua pose irônica,



 @samantha_moreiraj



atribuem um sentido cômico e dinâmico para a obra. Jane Austen *A Vampira* é um livro superdivertido e que faz você rir bastante, principalmente por apresentar situações tão comicamente humanas, que tornam o tópico “ser uma vampira” com 233 anos de idade um mero detalhe para o leitor.

(ANA LUIZA GUIMARÃES VIEIRA – Discente do 1º ano do Ensino Médio, Centro Educacional Sesc Cidadania)

Comentário do mediador: Parabéns pela participação Ana Luiza. Sua resenha está muito bem elaborada e atende todos os requisitos do *Concurso Cultural Leitores/as Destaque 2022*. Parabéns!! (Márcio Milhomem - servidor do IFG Câmpus Inhumas)

A fantasia científica de “O Nome do Vento”

ROTHFUSS, Patrick. **O nome do vento**. A crônica do matador do Rei: primeiro dia. São Paulo: Arqueiro, 2009.

As narrativas fantasiosas sempre arrastaram milhões de fãs às livrarias mais próximas, ansiosos para desbravarem novos mundos e aventuras. Histórias mágicas como a do bruxinho Harry Potter conquistaram leitores no mundo todo e consolidaram um novo tipo de gênero, que se apoia no imaginário de quem lê e se empolga com cada novo capítulo revelado. “O Nome do Vento” é um novo sucesso absoluto na construção de um mundo mágico e distópico. Kvothe, o protagonista dessa série de 3 livros (sendo o último ainda não finalizado), é um jovem rapaz que passou por uma infância traumatizante, amadurecendo em meio à uma realidade hostil e desigual. Filho de pais artistas e membros de uma trupe, Kvothe testemunhara a morte de todos a quem conhecia e amava, vítimas de uma terrível lenda conhecida como a ameaça dos Chandrianos.



 @samantha_moreiraj

Decidido a vingar a família e a entender o que vira quando ainda criança, ele decide então ir para o único local onde obteria respostas e o conhecimento necessário para tal: a Universidade. A partir daí, a narrativa acompanha o jovem ruivo em sua jornada de amadurecimento e aperfeiçoamento. Durante a história, vemos Kvothe conhecer a magia, a ciência e o funcionamento da vida em sociedade. Mais que um cidadão, ele foi um sobrevivente da maldade e perversidade das pessoas. O livro é cativante e longo, porém necessário para que o leitor possa imergir e torcer pelo protagonista.

O modo como a magia é, brilhantemente, associada à ciência e ao funcionamento dos recursos naturais traz um novo conceito que se diverge como este elemento já foi utilizado em outras histórias de livros e filmes, como a já citada saga Harry Potter. Assim, uma nova identidade é dada ao livro e aos seus elementos construtivos, não se apoiando em repetições de séries consolidadas pelo sucesso e pela popularidade. O Nome do Vento é uma nova narrativa promissora

entre a nova geração juvenil de leitores apaixonados pela fantasia e pelo imaginário surreal.

(ANICIO NONATO DA SILVA JÚNIOR - Discente do curso de Graduação em Enfermagem, 1º Período, UFG)

Comentário do mediador: Anicio, sua participação nos enche de alegria, visto que você como egresso da instituição, está sempre atendendo as expectativas e participando dos eventos promovidos pela Biblioteca Atena. Parabéns pela participação. Sua resenha está muito bem elaborada. (Márcio Milhomem servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Misteriosas nove noites

CARVALHO, Bernardo. **Nove Noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

“Isto é para quando você vier. É preciso estar preparado. Alguém precisa preveni-lo.” (CARVALHO,2006, p. 6) São nessas palavras de Bernardo Carvalho que o leitor deve se agarrar, pois serão necessárias apenas nove noites para descobrir as motivações da misteriosa e brutal morte do antropólogo Buell Quain. Para tanto, será difícil discernir o que é verdade e o que é mentira nisso, contudo vale lembrar que se trata de uma história real; o antropólogo se matou em uma aldeia indígena no Tocantins, no Brasil, em 1939 aos 27 anos.



 @samantha_moreiraj

Dessa forma, a história narrada no livro gera a cada página um sentimento de extrema curiosidade pela verdade, pelo o que ocorreu e real motivo da tragédia. O leitor é ainda mais estimulado, pois o Buell Quain deixa apenas cartas para algumas pessoas próximas. Contudo, estas cartas não são tão claras e demonstram o quanto Quain não conta tudo que sabe por medo ou por simplesmente não querer.

A investigação vai se tornando intensa, principalmente quando em uma das cartas o antropólogo diz que os índios não tinham nada a ver com a sua morte. Nesse sentido, mais uma vez faz com que o leitor se estranhe e se indague sobre a premeditação da sua própria morte. Por que alguém que foi estudar os índios krahôs, dias antes de ir embora da aldeia, se suicida brutalmente e [aparentemente] sem motivo? Muitas coisas não são respondidas e outras não fazem sentido, pois há um confronto entre as vivências com os índios e as contradições perante as investigações acerca da morte misteriosa.

(BRUNA SILVA GUERRA - Discente do curso de Graduação em Filosofia, 8º
Período, UFG)



Comentário da mediadora: Bruna, obrigada pela sua participação no *Concurso Leitores/as Destaque do Ano*! Espero que tenha aproveitado bastante essa experiência. Sua escrita é muito clara e objetiva. Por meio das suas resenhas, é possível sentir motivação para a leitura das obras e inspiração através das suas análises. Desejo que a sua dedicação em ler e escrever te traga bons frutos. Parabéns pela resenha! Continue lendo e escrevendo. (Larissa Stefane – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

O Uruguai

GAMA, Basílio da. **O Uruguai**. Reimpr. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012. 139 p.

O texto *O Uruguai* a declamação trágica e um soneto foi escrito pelo poeta brasileiro José Basílio da Gama ou só Basílio da Gama, nascido em São José do Rio das Mortes no dia 22 julho de 1741 e morreu em 1795 com 54 anos de idade.

O soneto *O Uruguai* nos mostra um pouco sobre as Guerras dos espanhóis e os portugueses contra os jesuítas, e os indígenas no estado do Rio Grande do Sul no período de 1753 a 1756.

O texto em si retrata um projeto e uma coleção de vários autores entre eles está o Basílio da Gama.



 @samantha_moreiraj

(CARLOS EMANUEL DOS SANTOS GABRIEL SILVA – Discente do 9º ano do Ensino Fundamental, Escola Municipal Alessandro Miguel)

Comentário do mediador: Parabéns! Carlos Emanuel, sua resenha está coesa e coerente com o livro resenhado. A equipe da biblioteca Atena fica feliz pela participação no *Concurso Cultural Leitores/as Destaque 2022*. (Márcio Milhomem – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Freire e a busca eminente por uma educação libertadora²

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 54. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013, 253 p.

A educação é um direito de todos, além de permitir o desenvolvimento humano por meio do processo ensino-aprendizagem. Por meio dela, somos preparados para enfrentar diversas situações-problemas propostas na sociedade. Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro, atualmente é considerado como um dos maiores pensadores na história da pedagogia, impulsionando diferentes perspectivas de se abordar metodologias de ensino.



 @samantha_moreiraj

Em sua obra *Pedagogia do oprimido*, publicação do ano de 2013, da editora Paz e Terra, tem como principal mensagem o questionamento referente aos impactos de uma educação tradicional, frente a uma metodologia ativa de ensino, e como este tipo de pedagogia é capaz de oprimir este sujeito. Sua leitura exige concentração, podendo ser caracterizada como uma leitura interpretativa, ao fato de ser uma leitura crítica que exige do leitor entender a indagação proposta por Freire, a fim do leitor reconhecê-la. Portanto, sua leitura pode ser cansativa, tendo em vista que muitas palavras desconhecidas estão presentes, o livro apresenta 256 páginas.

A educação ao longo da história sofreu inúmeras mudanças. Atualmente, os educadores possuem liberdade e possuem acesso a diferentes maneiras de ensinar. Freire chama a atenção a este período ao qual a educação privava o sujeito de sua liberdade de expressão. Para tal, Freire designou o termo “pedagogia do oprimido”, tendo em vista que este sujeito se tornava refém do educador, que apenas transferia conhecimentos a seus educandos, sem a possibilidade de troca de interação entre professor e aluno. Com isso, Paulo Freire critica este tipo de metodologia que impossibilita essa troca de conhecimentos entre professor e aluno.

² Resenha premiada na categoria “Honra ao Mérito” em reconhecimento ao seu desempenho na participação da 10ª edição do Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano.

Pois, para Freire, esta troca é benéfica para ambos e necessária, afinal uma metodologia ativa estimula o espírito crítico do sujeito.

Paulo Freire introduz em sua obra uma verdadeira aprendizagem para a vida. Com um foco para docentes, sua intencionalidade é provocar aos leitores, a uma reflexão sobre qual tipo de metodologia o mesmo utiliza. Reflete profundos ensinamentos e questionamentos, mediante a libertação de uma educação emancipadora a todos e que estimule a criticidade do sujeito. Apesar de abordar uma linguagem interpretativa, o que pode se tornar um desafio literário para certos leitores. Minhas considerações finais refletem uma leitura positiva e recomendo a todos os pedagogos, para que tenham a oportunidade de refletir todas essas questões levantadas por Freire, em busca da libertação deste sujeito que por longos anos se tornou oprimido por uma concepção bancária de educação.

(CARLOS GABRIEL DE ALMEIDA – Discente do curso de Licenciatura em Química,
8º período, IFG Câmpus Inhumas)

Comentário do mediador: Carlos Gabriel, seu comprometimento com o *Concurso Leitores/as Destaque do Ano* é admirável! Além de já ter participado em outras edições, tendo inclusive já saído como ganhador, e também ter participado em outra edição como mediador de leitura, neste ano também não deixou passar em branco e nos presenteou com esse belo texto! Parabéns! (Danilo Lopes Ribeiro – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Um futuro em que as mulheres estejam no comando³

QUACH, Michelle. **Não nasci para agradar**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022. 400 p.

Michelle Quach, escritora estadunidense descendente de chineses e vietnamitas, graduada em literatura e história pela Universidade de Harvard, é uma jovem autora que debutou na literatura com o romance "Não nasci para agradar". A obra tem uma linguagem simples e como foco o público juvenil. O romance discorre sobre as eleições ao cargo de editora-chefe de Corneta, jornal da escola, para o qual Eliza Quan, personagem principal, é a candidata com muita credibilidade nesta área. Porém, o vencedor da eleição acaba sendo Len Dimartile, um ex-jogador de beisebol, eleito por aparentar ter uma postura de líder e não por ser o candidato adequado, demonstrando assim como o ambiente escolar de Willoughby é machista.



 @samantha_moreiraj

Além disso, Eliza, tendo consciência de como a decisão popular foi misógina, escreve um manifesto, em que aborda como é desigual a maneira como as mulheres são submetidas para ocupar um cargo de líder. No manifesto, ela também discorre sobre como as mulheres devem demonstrar competência e gentileza, enquanto os homens não precisam dessas qualidades para alcançar esta posição, assim como foi demonstrado com as eleições de Corneta. Apesar de Eliza escrever sua opinião, ela não chega a publicá-lo, porém algum indivíduo a publica no jornal escolar sem sua permissão, o que gera grande repercussão levantando reflexões sobre o feminismo, sendo comparado até mesmo com o nazismo, tamanha a aversão contra este movimento social na escola. Entretanto, Eliza não se sente intimidada. Decidida a mudar a estrutura machista de sua escola, ela organiza movimentos a favor das mulheres em cargos de liderança, assim como uma manifestação contra um sistema opressor existente.

Desse modo, a obra de Quach levanta argumentos importantes na contemporaneidade, demonstrando a necessidade de uma visão crítica ao número de mulheres em posições de liderança na sociedade. O livro é extenso e leva ao

³ Resenha premiada em segundo lugar na 10ª edição do Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano.

leitor a se interessar mais sobre a história de movimentos feministas e sua necessidade. Além disso, descreve a trajetória de Eliza como uma líder feminista e suas dúvidas em relação aos próprios ideais. Inegavelmente, a experiência proporcionada pela obra me ajudou a entender mais sobre movimentos de equidade e a necessidade de discussões sobre gênero crítico e não conformistas em ambientes escolares.

(CECÍLIA MARIA MENDES LEITE – Discente do curso Técnico Integrado em
Vigilância em Saúde, 3º ano, IFG Câmpus Águas Lindas)

Comentário do mediador: Cecília, obrigado por participar, mais uma vez, do nosso concurso! Parabéns pelo belo texto e pela reflexão que você se propôs a fazer!
(Danilo Lopes Ribeiro – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Solo Leveling

Chu-Gong. **Solo Leveling**. New Pop, 2018/2019.

Solo Leveling é uma obra coreana em quadrinhos escrita por Chu-Gong, que teve seu início em torno de 2018/2019 e foi finalizada no início deste ano (2022). A obra é dividida em vários capítulos, lançados semanalmente na Coreia em formato digital, e em sequência uma equipe brasileira fazia a tradução e reescrevia-os. Após esse processo, eram disponibilizados os capítulos aos leitores brasileiros. As equipes responsáveis por fazer esse tipo de tradução são chamados de Scam e fazem esse tipo de serviço em várias outras obras estrangeiras.



 @samantha_moreiraj

A obra conta a história de um rapaz que vive em um mundo onde existem milhares de Dungeons, que são portais que dão acesso a outro local que possui monstros e uma Base. Após a Base Dungeons ser derrotada, ele se fecha. Os responsáveis por derrotar esses monstros e fechar Dungeons são chamados caçadores, que possuem suas forças medidas por ranqueamento, que são eles: E,D,C,B,S,SS.

O protagonista Sung Jin-Woo é o caçador mais fraco desse mundo, mas precisa trabalhar para sustentar sua família. Certo dia o rapaz acaba entrando em uma Dungeons nível baixo da sua equipe, mas o que não sabia era que havia outra Dungeons de ranqueamento S, onde grande parte de sua equipe acaba morrendo, sobrando apenas um pequeno grupo de pessoas. O protagonista se sacrifica para salvá-los, ficando apenas ele no Dungeons.

Solo Leveling envolve ação de lutas magníficas, uma arte incrível, uma pitada de romance e uma experiência única, uma obra que evolui as lutas de forma original.

(CIBELE WINTER ARAÚJO DA SILVA – Discente do 8º ano do Ensino Fundamental, Escola Municipal Alessandro Miguel)



Comentário do mediador: Parabéns! Cibele Winter, sua resenha está coerente com a proposta do *Concurso Cultural Leitores/as Destaque 2022*. A equipe da biblioteca Atena fica feliz pela participação no *Concurso Cultural Leitores/as Destaque 2022*. (Márcio Milhomem – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

O médico e o monstro

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**: o estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

O médico e o monstro é um livro escrito pelo autor escocês Robert Houis. Narrado através do personagem Sr. Gabriel John Wtterson, um advogado londrino, amigo de Dr. Jekyll.

Sr. Wtterson em uma caminhada com seu amigo e parente, Sr. Enfield, escuta do amigo um caso que ele presenciou de um homem de aparência repugnante que estava causando o caos pela cidade. Sr. Enfield disse que esse homem estranhamente estava ligado com o amigo de juventude de Wtterson, o médico filantropo Dr. Henvey Jekyll. Essa ligação com o homem chamado Eduard Hyde despertou interesse de Wtterson, a fim de proteger seu amigo Dr. Jekyll.



 @samantha_moreiraj

O Sr. Hide, aquele homem monstruoso era na verdade, resultado do experimento feito por Dr. Jekyll, que queria separar o bem do mal dentro de si. A monstruosidade do Sr. Hyde, não estava só na aparência, estava na sua personalidade.

Este livro me surpreendeu pela narrativa de Wtterson e no final mostrando a versão de Jekyll, a complexidade dos dois lados. A escrita do livro nos faz “ir conforme a direção do vento” é uma das maiores qualidades do livro, nos dando uma versão do que é aceito e o que é desprezado pela sociedade, os conflitos entre o bem e o mal.

O livro é uma obra extremamente boa, recomendo bastante!

(ELEN REGINA DE PAULA OLIVEIRA - Discente do curso Técnico Integrado em Agroindústria, 2º ano, IFG Câmpus Inhumas)



Comentário do mediador: Parabéns Elen! A equipe da biblioteca Atena agradece a sua participação. Continue lendo e resenhando. (Márcio Milhomem – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

A importância do ato de ler

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989. 87 p.

A importância do ato de ler (Freire, 1989) contextualiza a importância da leitura, discute o processo de alfabetização que prioriza o pensamento crítico e analítico do sujeito. Freire rememora sua trajetória de infância, traz elementos de seu passado que considera fundamental para seu desenvolvimento crítico e pessoal.

No primeiro momento, o autor faz uma leitura minuciosa de sua infância na casa amarela onde debaixo da sombra de uma mangueira no quintal de sua casa se deu sua primeira leitura de mundo.

Posteriormente, o autor enfatiza a importância da leitura, para que através da mesma o sujeito seja capaz de refletir sobre o que o cerca, compreendendo a opressão que lhe é imposta. Assim, partindo da criticidade pautada no pensamento crítico o sujeito seja capaz de sair da condição de oprimido.

Freire pontua que a alfabetização traz elementos que contribuem com o meio em que se insere o indivíduo de modo que, com elementos da realidade, o sujeito faça associação crítica, evitando assim a manipulação que o cerca. O autor sugere a construção da biblioteca popular, construída com escritos populares.

O que se observa nessa obra é que Paulo Freire foi um grande defensor do povo, especialmente dos que estão à margem da sociedade. Amante da educação, Freire evidencia que a mesma é o elo para a transformação social, podendo ela ser a responsável pela ascensão ou manutenção das classes.

(ELIS EDUARDA GUIMARÃES DE CASTRO – Discente do curso Técnico Integrado em Química, 2º ano, IFG Câmpus Inhumas)



 @samantha_moreiraj

Comentário da mediadora: Elis Eduarda, achei interessante uma estudante do ensino médio, ler e escrever sobre Paulo Freire. *A importância do ato de ler* é um



título muito comum entre estudantes de graduação e pós-graduação das áreas de licenciatura ou educação em geral, mas não entre estudantes do ensino médio. Ainda assim, é uma leitura agradável e propõe reflexões importantes, mesmo para adolescentes. Espero que tenha gostado do livro e de participar do *10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano*. (Milena B. H. Guimarães – servidora do IFG Câmpus Inhumas).

Sonho de uma noite de verão

SHAKESPEARE, William. **Sonho de uma noite de verão**. Belo Horizonte: CEDIC - Centro Difusor de Cultura, 2005.

O livro começa falando sobre dois romances cheios de confusão e brigas. A história é romântica e confusa, mas bastante interessante de ler. Esse livro traz várias histórias da Grécia antiga, que diz sobre dois casais que por tudo brigavam. O homem chamado Lisandro e Demétrio eram apaixonados por Helena que, por sua vez, é apaixonada por Lisandro. Helena é apaixonada por Demétrio e vivia correndo atrás dele. O Demétrio não faz nem questão dela. Essa história traz fantasia e realidade. Tanto é que Helena é obrigada a casar com Demétrio por causa da insistência do pai.



 @samantha_moreiraj

Durante toda essa confusão amorosa, o pai de Helena, Egeu, pede para conceder essa decisão e dá um tempo para Helena pensar e tomar a sua decisão. Se ela não se casar com Demétrio, ela seria obrigada a ficar presa em uma casa isolada, então decidiu fugir com Lisandro para não ter que casar com Demétrio. Na floresta, eles são completamente apaixonados um pelo outro até que no outro dia tudo vira de cabeça para baixo. Lisandro e Demétrio se apaixonam por Helena através de um feitiço, feito pelo duende maldoso. No palácio de Teseu ia ter uma peça que ensinava sobre um amor triste. Teseu não confia muito nessa peça, mas ele se surpreende. O Duende pede desculpas por toda essa confusão entre os casais, ele diz que vai ser mais bondoso com todo mundo. Enfim, recomendo esse livro para pessoas que gostam de confusão amorosa e que acham engraçado o contexto do livro. Penso que esse livro poderia ter mais aventura.

(EMILLY VITÓRIA ARAÚJO TEIXEIRA – Discente do 9º ano do Ensino Fundamental, Escola Municipal Alessandro Miguel)

Comentário do mediador: Emilly, a equipe da biblioteca Atena agradece a sua participação no *Concurso Cultural Leitores/as Destaque 2022*. Continue lendo e se



aventurando no mundo dos livros. (Márcio Milhomem – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

A culpa é das estrelas

GREEN, John. **A culpa é das estrelas**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.


O livro conta a história de Hazel Grace, uma adolescente próxima de 17 anos de idade, que é diagnosticada com câncer terminal anos antes. Mas, no momento que começa a história, ela tem metástase no pulmão.

A Hazel é filha única, ela passa muito tempo em casa assistindo série e lendo livros, a sua mãe começa a se preocupar dizendo que a filha está deprimida, e sugere que Hazel comece a participar de um grupo de apoio para adolescente com câncer. Primeiramente, Hazel não gostou muito da ideia, mas acaba se acostumando e colaborando com a ideia da mãe e começa a participar desse grupo. Lá ela conhece August que também é um garoto que teve câncer. Eles se tornam grandes amigos, a Hazel compartilha o seu livro favorito e mais o sonho dela de ir a Amsterdã e conhecer o autor do livro preferido dela. August faz de tudo para agradar Hazel, só que ela tem muito medo de machucá-lo e as pessoas ao seu redor, por conta da doença estar em estado avançado.

Hazel acaba deixando isso meio de lado e acaba ficando junto com August, juntos resolvem visitar o escritor que inspira Hazel, mas ao conversar com o escritor, descobrem as amarguras dele e indiferenças. Os jovens continuam com sua viagem, se entregando pela primeira vez um ao outro. August descobre que o câncer tomou o seu corpo e acaba falecendo deixando Hazel desolada.

(GABRIELLY ARAUJO CAMILA DE SOUZA - Discente do 9º ano do Ensino Fundamental, Escola Municipal Alessandro Miguel)



 @samantha_moreiraj

Comentário do mediador: Parabéns!! A equipe da biblioteca Atena agradece a sua participação. Continue lendo e resenhando. Os livros podem nos apresentar



histórias inspiradoras. Parabéns! (Márcio Milhomem – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Novembro, 9

HOOVER, Colleen. **Novembro, 9**. São Paulo: Galera Record, 2015. 352 p.

Fallon, uma garota de 16 anos que na data do dia 9 de novembro faz aniversário. Dia que marcou drasticamente a sua vida. Ela teve sua carreira de atriz interrompida por um incêndio, que a deixou com cicatrizes, afetando seu corpo e, principalmente, sua confiança e autoestima.

Dois anos depois, no dia em que ela se muda para Nova York, na esperança de prosseguir com sua carreira, nessa mesma data, dia 9 de novembro, ela conhece Ben, o rapaz que transforma subitamente a vida dela. No mesmo momento em que seus olhares se cruzaram, a atração entre eles foi imediata. Ben, com seu jeito interessante e seu charme, conquistou minha admiração na sua primeira fala.

Após passarem um dia inesquecível juntos, Fallon precisa seguir seus sonhos em Nova York, não querendo desistir da ideia de que algo poderia ser incrível entre eles, é quando decidem selar um acordo. Todo 9 de novembro, no mesmo local e no mesmo horário que se conheceram, eles se reencontrariam e passariam o dia juntos, sem manter contato nenhum durante os outros dias, prolongando esse acordo ao longo de cinco anos. “Você nunca conseguirá se encontrar se estiver perdido em outra pessoa.”

A narrativa é alternada entre Fallon e Ben, e mesmo tendo conhecimento dos sentimentos deles, a cada 9 de novembro aconteceram situações que marcaram significativamente suas vidas e transformam a realidade de nós leitores, causando várias sensações, nos deixando imersos nesse romance.

Colleen Hoover é excepcional e *Novembro, 9* é a prova disso, se tornando um dos meus romances favoritos pela forma intensa que me envolveu. O emocionante desse *plot twist* são os personagens se encontrarem uma vez por ano. Quem não se surpreenderia com a força dos sentimentos despertados entre esse jovem casal e as inseguranças que um exerce sobre o outro a cada 9 de novembro?



 @samantha_moreiraj

Colleen nunca decepciona, me fez mergulhar nesse romance terrivelmente lindo, que me cativou na primeira frase, me deixando sob a expectativa de “hum, lá vem bomba”, típico de Hoover.

(GABRIELLY DE OLIVEIRA COSTA – Discente do curso Técnico Integrado em Química, 2º ano, IFG Câmpus Inhumas)

Comentário da mediadora: Gabrielly, me lembro da sua participação no concurso do ano passado e nos encontramos algumas vezes (virtualmente) no *Clube do Livro* do Câmpus Itumbiara. No entanto, pessoalmente foram poucas vezes, uma em especial me marcou: quando você e sua irmã foram se inscrever para esta edição do concurso, estavam com uma amiga e começaram a conversar sobre alguns livros e citou vários que já tinha lido. Foi tão natural e falou com tanta propriedade, fiquei impressionada, especialmente por saber que você se envolve em outras atividades como o *Conecta IF*, escreve poesia, desenha... Espero que a literatura continue fazendo parte da sua vida e que sua vida seja cheia de coisas boas! (Milena B. H. Guimarães – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

Feitos um para o outro

SPARKS, Nicholas. **Diário de uma paixão**. Rio Branco-AC: Novo Conceito, 2010. 244 p.

Esse livro fala sobre uma história de amor, que mesmo depois de muito tempo longe um do outro, eles tiveram a oportunidade de ficar juntos.

Noah e Allie se conheceram quando teve uma festa na cidade de New Born.

Allie era filha de um homem que trabalhava para uma empresa de tabaco. Eles estavam passando as férias em uma cidade chamada New Born.

Uma noite, eles saíram e assim foram saindo mais vezes, pois estavam apaixonados, viveram momentos intensos.

Noah queria namorar com Allie, mas como a família de Allie era bem mais rica que a de Noah, o pai não aprovou.

Então quando as férias acabaram Allie teve que ir embora, porém ambos nunca se esqueceram um do outro.

Noah escreveu cartas à Allie por 1 ano, e a mãe de Allie não entregava para Allie.

Muito tempo se passou e a vida de ambos havia mudado. Allie estava noiva e Noah com uma condição muito melhor. Após Allie ver fotos de Noah no jornal, então resolveu voltar para New Born.

Allie gostava do seu noivo, mas nunca esqueceu Noah.

Então se reencontraram depois de 14 anos, mas com o reencontro ambos viram que ainda eram muito apaixonados.

Ela escolheu Noah e viveram uma linda história de amor.



 @samantha_moreiraj

(GEOVANA SILVA COSTA – Discente do curso Técnico Integrado em Química, 2º ano, IFG Câmpus Inhumas)



Comentário do mediador: Geovana, que a sua participação no *10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano* sirva como um estímulo na prática da leitura de bons livros e na busca de informação e conhecimento! (Danilo Lopes Ribeiro – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Extraordinário

AGAVINO, Rachel (tradução de). **Extraordinário**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 318 p, il.

Dividido em 8 partes com capítulos curtos, Extraordinário é um dos livros de R.J.Palácio. O livro, nas três primeiras partes, é narrado por August e as outras narradas por seus colegas e familiares.

O livro conta a história de August, um menino de 10 anos que nasceu com uma deformidade facial genética. Devido a esse problema, ele desde muito novo teve que passar por diversos procedimentos e cirurgias, passando sua infância dentro de um hospital.

Por causa da doença, ele nunca pôde ir à escola, inclusive, August tinha muito receio de sofrer *bullying*, ser rejeitado e ter que enfrentar os muitos maldosos olhares que receberia. Então, toda a educação e aprendizagem que recebia era dada em casa, por sua mãe. Mas chega um momento em que os pais decidem mudar de ideia e matricula-o em uma escola, após muita resistência do garoto, August começou a cursar o 5º ano do ensino fundamental. No começo, August se comparava com os meninos de sua idade e ficava muito magoado com os comentários, olhares curiosos e brincadeiras com a sua fisionomia, levando-o a sentir vergonha e até mesmo raiva de sua aparência.

No decorrer do livro, August, um menino extraordinário, conquista a amizade de muitos colegas, se torna mais maduro e prova a todos que, apesar da sua aparência incomum, é um garoto igual a todos os outros, se tornando um grande exemplo de superação e coragem.

É uma trama delicada, impactante e comovente, apesar das partes tensas é composto de muito amor e carinho, narrado de maneira leve e simples pela perspectiva de August e também dos seus familiares e amigos. Todos deveriam ter oportunidade de ler, pois é fonte de ensinamentos e lições, fazendo com que os leitores se conectem com os sentimentos dos personagens e sofra junto com eles, o que com certeza toca quem ousa vivenciar a história de August Pullman.



 @samantha_moreiraj



Ao concluir a leitura você percebe que a experiência te torna um pouco melhor, e isso faz com que o livro seja tão especial e simplesmente extraordinário, um dos melhores que já li!

(GRAZIELLY DE OLIVEIRA COSTA - Discente do curso Técnico Integrado em Química, 2º ano, IFG Câmpus Inhumas)

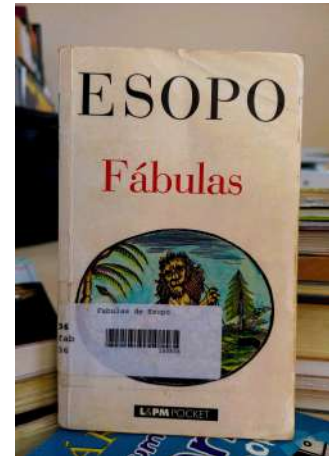
Comentário do mediador: Parabéns!! A equipe organizadora agradece a sua participação. Ficamos muito felizes com a sua participação. O livro que você fez a resenha nos apresenta boas reflexões. (Márcio Milhomem – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Fábulas de Esopo

TESTA, Fulvius. **Fábulas de Esopo**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Fábulas de Esopo é um livro que tem várias histórias, nele há um universo de criaturas que eu achei interessante. O leão e o rato, bem vou contar, o que entendi sobre esse capítulo. O leão estava amarrado, os caçadores prederam-no e o rato surgiu e subiu bem nas costas dele. O leão falou “agora vou te devorar”. O rato respondeu: “por que, sou tão pequeno que não mataria sua fome”.

Nesse livro e nas histórias que Fulvio Testa criou podem-se ver Fábulas de Esopo e são muitas fábulas há mais de dois mil anos. As Fábulas de Esopo é um ótimo livro, é isso que tenho a dizer sobre o livro.



 @samantha_moreiraj

(GUILHERME DOS SANTOS ARAÚJO - Discente do 8º ano do Ensino Fundamental, Escola Municipal Alessandro Miguel)

Comentário da mediadora: Obrigada pela sua participação no *Concurso Leitores/as Destaque do Ano*, Guilherme! Espero que tenha aproveitado bastante essa experiência. Parabéns pela resenha! Continue lendo e escrevendo. (Larissa Stefane – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

É assim que acaba

HOOVER, Colleen. **É assim que acaba**. 32. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2018. 368 p.

Em *É assim que acaba* a autora Colleen Hoover chama atenção para o problema de violência doméstica. A autora destaca principalmente os sentimentos, pensamentos e ações da personagem que de primeiro observa os acontecimentos como terceira pessoa, em casa aos seus 15 anos, logo depois retrata a própria personagem como vítima de seu marido.

São 290 páginas de história dividida em 35 capítulos narrados em primeira pessoa, cheio de cartas antigas lidas em seu diário de adolescente, que traz mais um personagem crucial na história para um triângulo amoroso.

Cada capítulo do livro traz uma cena diferente, logo no começo do livro, tem um salto no tempo de 6 meses. A trama passada em Boston busca lembranças da trágica vida adolescente vivida por Lily, mas agora, aos 23 anos, e com seu pai morto, começa sua história com Ryle, um neurocirurgião traumatizado por sua infância e as coisas começam a desandar depois de começarem a namorar, e fica cada vez mais difícil esconder Atlas, antigo amor de Lily, de Ryle que explode facilmente e acaba machucando a personagem em alguns momentos.



 @samantha_moreiraj

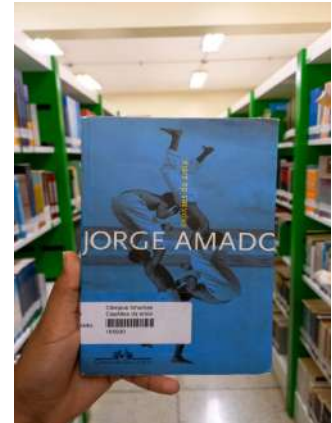
(GYOVANA LOPES PARANHOS MONTAGNNI – Discente do curso Técnico Integrado em Química, 2º ano, IFG Câmpus Inhumas)

Comentário do mediador: Parabéns, Gyovana, por sua participação no 10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano! Que você continue praticando o hábito de ler bons livros! (Danilo Lopes Ribeiro – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Contundente e corajoso

AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. 2.ed. 2. Reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 2010. 281 p.

A obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, traz no primeiro plano como protagonistas crianças em situação de rua, em seus dilemas, diversidades e complexidades. Foi a primeira vez que esses personagens, tiveram na literatura brasileira, esse espaço narrativo e enunciativo. Ao se deparar com a sua leitura, temos a escrita de um autor engajado e crítico que não se furta ao papel de denunciar as mazelas sociais e econômicas do Brasil.



 @samantha_moreiraj

O romance é ambientado em Salvador, terra amada do baiano Jorge Amado. Foi escrito em 1937, em um contexto ditatorial de Vargas e de ataques a liberdades de expressão e criação. O livro sofreu diversas censuras e foi inclusive queimado em praça pública e seu escritor foi preso e exilado.

A indiferença e as tônicas hipócritas de instituições religiosas e escolares que deveriam se preocupar mais com o cuidado do ser humano em si do que com aparência são mostrados na narrativa. Temos um olhar sensível e crítico aos efeitos da crueldade, do sadismo e do exercício do poder através da punição e suplício do corpo por autoridades oficiais do Estado que é vivenciado pelos personagens Pedro Bala e Sem Pernas.

Jorge Amado com maestria, utiliza de diferentes modalidades de textos no seu enredo para revelar como a mídia, o poder judiciário, a voz das mães dos *Capitães de Areia*, dos padres, dos delegados carregam posicionamentos ideológicos e políticos em seus discursos. Um personagem marcante é o Professor que com seus talentos de criatividade e inventividade narra histórias e consegue levar os capitães de areia para universos oníricos.

A orfandade e a posterior negligência de mais diversas esferas do poder público aos menores fazem com que a personagem Dora e seu irmão, o Fuinha fiquem em uma situação de total desamparo social, econômico e psicológico. O que acaba, infelizmente, se relacionando muito com o que vivemos recentemente na pandemia do Covid-19. Jorge Amado consegue levar as pessoas a



questionamentos sobre as estruturas sociais e as injustiças. Fica a reflexão: Quais crianças podem ter direito a uma infância feliz, segura e plena de oportunidades no Brasil e no mundo?

(HELISA VIEIRA MAGALHÃES – Discente do curso de Licenciatura em Letras -
Língua Portuguesa, 4º período, IFG Câmpus Goiânia)

Comentário do mediador: Parabéns, Helisa, pelo seu empenho em participar do *10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano* e ter entregado resenhas tão bem escritas e elaboradas! Que você continue sempre praticando o hábito da leitura. (Danilo Lopes Ribeiro – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

A visão de um cão

LONDON, Jack. **O grito da selva**. Tradução de Monteiro Lobato. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007. 118 p.

John Griffith Chaney, pseudônimo Jack London, nasceu em 1876 na Califórnia, EUA. Teve uma vida complicada, mas mesmo assim repleta de aventuras. Já foi operário em fábrica, pirata de ostras, marinheiro, andarilho, além de que – já estudou, mas nunca chegou a terminar a Universidade da Califórnia; participou de protestos trabalhistas, foi preso, e participou da Corrida do Ouro de Klondike. Então, voltou para a Califórnia e começou a escrever – ficou famoso e acumulou uma riqueza enorme ainda em vida. London teve uma vivência repleta de aventuras, e que serviram de palco para as suas histórias. Entre seus livros mais famosos estão: *O Grito da Selva*, *Caninos Brancos* e *O Lobo do Mar*.



 @samantha_moreiraj

Em *O Grito da Selva* é narrada a história de Buck, um cão de raça que é sequestrado e vendido para participar da corrida do ouro nos EUA. Precisavam de cães fortes e de grande porte para encarar o Alasca puxando trenós dia e noite. Forçado a se adaptar, mas muito esperto, ele logo toma jeito; a principal coisa que aprende é: deve abandonar seus valores antigos e viver pela lei do porrete e do dente – a lei do mais forte. Mas, ele não aprende sozinho – dentro de si, Buck sente o renascer dos instintos selvagens de seus antepassados lobos – acaba se tornando um cão habilidoso, entendido da maneira dos lobos e do modo de viver do Alasca, um inimigo formidável para qualquer um que ousasse desafiá-lo. Passa pela mão de vários donos, até chegar John Thorton – seu último dono. Buck descobriu com ele como é o sentimento de ser amado, e de como é amar alguém incessavelmente. Ele já havia praticamente cedido aos seus instintos, e o chamado da selva aumentava a cada dia. Porém, Buck possuía ainda um único laço com a humanidade o impedindo de fugir, o amor de Thorton. Mas, durante um ataque ao acampamento, ele acaba sendo morto. Buck conhecia bem a morte, então toma uma decisão final; responde ao chamado.

O livro permite você enxergar o mundo pela visão de um cão e traz uma temática interessante sobre descobrir o seu passado e quem você realmente é. Eu achei o livro bom, é uma releitura que fiz; li o livro uma vez e gostei, então decidi ler de novo, e continua sendo muito bom. Mas, é uma leitura um pouco difícil e repetitiva, então só recomendaria para quem realmente se interessar.

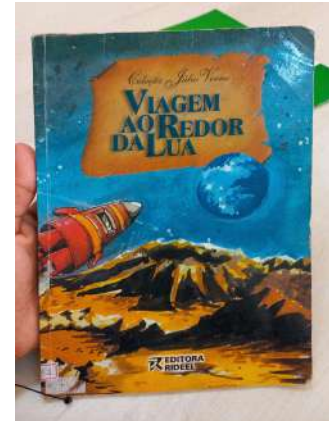
(IZADORA LÔBO RAMOS – Discente do curso Técnico Integrado em Química, 2º ano, IFG Câmpus Inhumas)

Comentário da mediadora: Izadora, obrigada por participar do *10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano*. Espero que tenha gostado da experiência e tenhamos contribuído de alguma forma. Sua resenha me surpreendeu, pois o título me levou a pensar em um contexto completamente diferente para a história. A palavra "selva" do título me remete a um ambiente de floresta e não ao frio do Alasca. À medida que fui lendo me lembrei do filme *O chamado da floresta* com Harrison Ford, lançado em 2020. Então pesquisei e descobri que tanto esse filme como *O grito da selva* de 1935 foram inspirados na obra de Jack London. Não lembro como o filme termina, no entanto, pela sua resenha creio que a adaptação ficou bem feita. Parece-me uma boa indicação para quem gosta de histórias de aventura. (Milena B. H. Guimarães – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

Projeto Rumo à Lua⁴

VERNE, Julio. **Viagem ao redor da lua**. Adaptação de Margareth. [S.I.]: Rideel, 2009. 48 p. (Coleção Júlio Verne).

Com quarenta e oito páginas, contendo ao final um glossário com informações sobre o autor, datas de publicação e roteiro de leitura, *Viagem ao redor da lua* é um dos livros da coleção *Júlio Verne*. É narrada a história de um grupo de norte-americanos que formavam o Clube do Canhão, criado em Baltimore, associação que produzia e aperfeiçoava mecanismos bélicos (armas militares) durante a Guerra de Secessão (1861-1865). O Clube se encontrava muito bem até o fim do conflito, quando tal acontecimento os levou a crer que seriam inúteis em tempos de paz, até o



 @samantha_moreiraj

líder, Barbicane apresentar sua nova ideia: construir um canhão com potência suficiente para enviar um projétil à lua. A história retrata duelos, concordâncias e discordâncias de opiniões e ideias um tanto quanto absurdas, até o acordo final em que os três personagens principais, o líder do Clube do Canhão, seu antigo inimigo e um professor francês partem dentro do projétil rumo à lua, depois de muito estudo e trabalho duro para a sua construção. Juntos, os três amigos vivem cinco dias a emoção de admirar o esplendor do espaço com suas fantásticas estrelas e vislumbrar a Terra vista de longe numa incrível viagem rumo ao desconhecido. Porém, os problemas começam quando se dão conta de que sequer pensaram como voltariam à Terra, se é que chegariam à lua, já que a velocidade insuficiente por um erro de cálculo fez com que eles orbitassem o disco lunar sem concluir seu objetivo.

É impressionante como a ficção de Júlio Verne retrata perfeitamente como seria a chegada do homem à lua, que aconteceu quase cem anos depois. Essa narrativa é perfeita para acrescentar conhecimento e imaginação aos leitores que se interessarem em se aventurar nesta leitura, descobrir a perplexidade do homem do

⁴ Resenha premiada na categoria “Honra ao Mérito” em reconhecimento ao seu desempenho na participação da 10ª edição do Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano.

século XIX e as maravilhas dessa época. Que leiam essa obra-prima, *Viagem ao Redor da Lua*, de Júlio Verne.

(JAYANNE NICOLE DE SOUZA DIAS – Discente do 8º ano do Ensino Fundamental,
Escola Municipal Alessandro Miguel)

Comentário da mediadora: Jayanne Nicole, obrigada por participar do *10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano* e compartilhar sua leitura conosco. O livro parece muito bom. Conheço outras histórias de Júlio Verne como *Volta ao mundo em 80 dias*, *Viagem ao centro da Terra* e *20.000 léguas submarinas*, mas essa eu não conhecia. Seu texto despertou minha curiosidade. Espero que você viva muitas aventuras, nos livros e fora deles. (Milena B. H. Guimarães – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

Persona Non Grata

GALERA, Daniel. **Barba ensopada de sangue**: romance. 1. ed. São Paulo: Grupo Companhia das Letras, 2012. 424p.

Essa é a história de um homem que se muda para a pequena cidade de Garopaba, no litoral de Santa Catarina, e deixa tudo para trás em busca de recomeço, mas também de respostas acerca da misteriosa morte do avô. *Barba Ensopada de Sangue*, de Daniel Galera, narra a história de um cara que não é, provavelmente nunca será, bem-vindo em Garopaba. Com pitadas de mistério e imprevisibilidade, o autor envolve o leitor nas tramas que rodeiam a bizarra vida do protagonista, e assim, de modo gradual, conhecemos mais sobre o personagem e seu passado, suas relações futuras e passadas. Dito isso, o romance se divide em três partes, isto é, três momentos cruciais, e então somos conduzidos juntos às pistas que sugerem um fim a todos os mistérios.



 @samantha_moreiraj

Curiosamente, nesta obra não sabemos qual é o nome do protagonista. Isso posto, sobre ele, sabemos que não é bem-vindo na cidade. Por consequência, uma *persona non grata*, dos moradores de Garopaba. E isso se segue, não só do hábito de não estarem acostumados a receberem turistas fora da temporada, mas também devido à perturbação que causa nos moradores, sobretudo aos mais velhos, com perguntas sobre a morte do avô, que era um antigo morador da cidade. Ademais, são perguntas que incomodam, justamente, aqueles que podem, mas não querem ajudá-lo a desvendar esse mistério, o que corrobora para que o clima bélico entre.

Para além do homicídio misterioso, outro grande enigma da obra é o próprio protagonista. Para o leitor, conhecê-lo equivale a montar um quebra-cabeça literário que pouco a pouco, autor e leitor, vão encaixando as peças. Segue-se a isso, uma das revelações mais chocantes da trama é descobrir que o protagonista vive num esforço consciente e constante devido à condição neurológica, rara, que possui. Portanto, ela influencia, e muito, nas relações que constrói com a comunidade, amigos e no trabalho.

Ademais, o que torna a leitura dessa obra extraordinária é o modo com que o autor descreve, detalhadamente, tanto as paisagens naturais quanto os

personagens de Garopaba. Desse modo, igualmente prazeroso é a forma realista e intimista com que Galera consegue transmitir os conflitos pelos quais o personagem atravessa na trama ao leitor de maneira pragmática. Isso posto, dividir o romance em três partes que se refletem não apenas no ritmo da leitura, mas também no desenvolvimento e amadurecimento desse personagem.

(JÉSSICA GARBIM PACHECO – comunidade externa)

Comentário da mediadora: Jéssica, é sempre uma alegria para nós termos egressos participando das atividades do Câmpus. Espero que tenha gostado e que tenhamos contribuído de alguma forma ao acompanhar sua produção textual. Será sempre bem-vinda quando quiser nos visitar na Biblioteca Atena. (Milena B. H. Guimarães – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

Nem sempre só o amor é suficiente

Hoover, Colleen. **Todas as suas (im)perfeições**. São Paulo: Galera Record, 2019. 304 p.

Dividido em trezentos e quatro páginas, *Todas as suas imperfeições* é um dos livros de Colleen Hoover. Narrado pela personagem principal, Quinn, que é uma mulher forte com um sonho de casar e ter filhos. Quinn conhece o amor da sua vida no pior dia da vida dela. Na volta de uma viagem, queria fazer uma surpresa pro seu noivo. Chegando no apartamento, viu um rapaz sentado na porta chamado Graham, que contou que seu noivo a estava traindo com a noiva dele dentro do apartamento. Pediram comida japonesa, conversaram e trocaram os números.



 @samantha_moreiraj

Quinn, não queria mais saber de relacionamento, entretanto Graham acreditava que eles eram alma gêmea, se casaram e logo descobriram que Quinn não poderia engravidar. O que era um sonho havia se tornado um pesadelo para o casamento deles. O casal que combinava em tudo, já não se entendiam mais, começaram a brigar e Graham acabou traindo sua esposa, que quando descobriu ficou muito chateada e viajou para casa da sua irmã que estava grávida. Graham não estava suportando o silêncio da sua esposa, pegou um voo e foi atrás dela, levando consigo uma caixinha que tinha dado para sua esposa no dia do casamento. Dentro da caixinha continha uma carta dela e várias cartas dele, que foram escritas em todos os momentos de crise no casamento. Depois de terem uma discussão calorosa, sua esposa abriu a caixinha que haviam prometido só abrir quando quisessem se divorciar e assim ela leu todas as cartas. Quinn, percebendo que amava Graham e que não era culpa dele seu problema de infertilidade, fez as pazes e o perdoou, adotaram um cachorro e obtiveram sua família completa.

A história envolve sentimentos de insuficiência, romance, alegria, choro e a consciência que nem sempre o amor é a resposta para tudo. É importante ressaltar temas que estão envolvidos no livro, como: infidelidade, paixão, infertilidade, compreensão ou ausência dela, depressão, necessidade de um tempo para refletir, obsessão e apesar de todos os problemas o diálogo foi a resposta para

encontrarem uma saída e continuarem a viver a linda história de amor deles. Colleen consegue transmitir no livro cada sentimento que a Quinn está passando, fazendo com que o leitor se coloque no lugar dela e torça para um final feliz no meio de tanta tristeza que é passada no livro. Termine esta resenha convidando aos que são fãs de livros de romance para lerem mais essa história emocionante da Colleen.

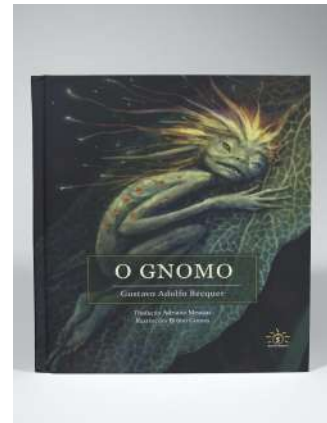
(JESSICA SANTANA SILVA - Discente Licenciatura em Química, IFG Câmpus Inhumas)

Comentário da mediadora: Jéssica, obrigada pela sua participação no *Concurso Leitores/as Destaque do Ano!* Espero que tenha aproveitado bastante essa experiência. A sua escrita é clara e objetiva, sempre fazendo reflexões da literatura com a atualidade. Parabéns pela resenha! Continue lendo e escrevendo. (Larissa Stefane - servidora do IFG Câmpus Inhumas)

O gnomo

BÉCQUER, Gustavo Adolfo. **O gnomo**. São Paulo: Sowilo, 2018. 39 p., il.

Dividido em trinta e seis páginas *O gnomo* é um dos livros de Gustavo Adolfo Bécquer. Narrado por ele mesmo. *O Gnomo* apresenta a história de duas meninas órfãs, Marta e Magdalena que são duas jovens curiosas que gostam de navegar sobre a cidade atrás de gnomo que o velho conta para elas nas praças juntas com mais duas meninas. Com isso, elas descobrem várias coisas e têm várias surpresas no decorrer da curiosidade delas. Descubrem vários cristais e preciosidades.



 @samantha_moreiraj

Eu achei muito bom e interessante o livro porque ele mostra sobre o mundo dos gnomos e da vida das belas jovens. Acho bom quando elas escutam vozes da água e do vento. Quando Magdalena volta para casa espantada e com medo pelo que ouviu e viu. O modo como o autor conduz as características do Gnomo motivam os leitores a culpar os Gnomos por fazer o que fizeram com Madalena. Essa história é circundada por desencontros, brigas, confusões e outros que fazem o livro ser mais interessante de ler. O livro traz temas interessantes como: o abandono dos filhos, responsabilidade e compreensão. Terminando essa resenha convidando aos que interessarem por uma leitura bem construída com maestria e com domínios linguísticos que leiam *O Gnomo* de Gustavo Adolfo Bécquer.

(KAREN REGINA DOS SANTOS – Discente do curso Técnico Integrado em Agroindústria, 3º ano, IFG Câmpus Inhumas)

Comentário do mediador: Parabéns pela participação Karen Regina. A equipe organizadora agradece a sua participação. Continue praticando a leitura e quando tiver a oportunidade escreva uma nova uma resenha. Parabéns!! (Márcio Milhomem - servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Quanto vale seu QI?⁵

KEYES, Daniel. **Flores Para Algernon**. 1 ed. São Paulo: Aleph, 2018. 288 p.

Daniel Keyes nasceu em Nova York e em 1950 recebeu o diploma em psicologia, foi editor de ficção e professor do ensino médio e universitário na Universidade de Ohio; morreu em sua casa em 15 de junho de 2014. O livro *Flores para Algernon* ganhou o prêmio *Nebula Award* de melhor romance lançado em 1966. Na história, contada por Charlie Gordon em forma de diário, ele é um homem nova-iorquino com uma deficiência mental não especificada e um sonho de “se tornar inteligente”. É escolhido por um



 @samantha_moreiraj

grupo de pesquisadores da Universidade Beekman para um novo método cirúrgico que promete reverter as causas de sua deficiência e aumentar sua capacidade intelectual. A cirurgia havia sido testada apenas em animais, como no rato branco Algernon, e Charlie seria a primeira cobaia humana.

Acompanhamos o dia-a-dia de Charlie, antes e depois da cirurgia, através das anotações em seu diário, escrito para que os pesquisadores possam analisar seu desenvolvimento intelectual. O início do diário é cheio de erros; nesse período Charlie vê o mundo com os olhos da esperança e admiração pelas outras pessoas, porém se considera inferior a todos por não ter a inteligência dos demais. Gradualmente, o personagem vai “se tornando mais inteligente” e percebemos a escrita de Charles melhorando em todos os aspectos linguísticos. O diário mostra a evolução do personagem na escrita e capacidade de interpretação do mundo. Começa a perceber os comportamentos de seus conhecidos e acessar locais de sua mente que antes estavam inacessíveis, como seus traumas e histórias de infância. Sem empatia e se sentindo superior, ele acaba afastando seus únicos amigos e se isolando novamente do mundo, apenas com Algernon como companhia. A cirurgia não é permanente e depois de alguns meses sendo considerado um gênio, os efeitos começam a passar. Vemos através de seu diário, suas capacidades de interpretação e reflexão regredindo. Charlie encerra seu diário

⁵ Resenha premiada em primeiro lugar na 10ª edição do Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano.

com uma despedida que nos faz refletir se a inteligência é de fato necessária para um ser humano ser considerado uma pessoa digna.

Um romance com um toque de ficção científica, reflexivo, comovente e profundo, tão contemporâneo quanto na época de sua primeira publicação, debate as relações interpessoais, nossa própria existência, o preconceito contra os diferentes, qualquer pessoa considerada inferior, medida pela falta de algo. *Flores para Algernon* é um clássico da literatura norte-americana que merece ser lido, conhecido e divulgado. É uma crítica à falta de afeto na pesquisa, na saúde e na educação, que tantas vezes trata o ser humano como um produto.

(KARLA KATIUSKA BATISTA SANTOS – Discente do curso Licenciatura em
Pedagogia Bilíngue, 3º período, IFG Câmpus Aparecida de Goiânia)

Comentário da mediadora: Karla Katiuska, fiquei feliz com sua participação no concurso mais uma vez. Esse ano te demos mais trabalho ao limitar o tamanho da resenha, mas mesmo cortando muito do seu texto original, você conseguiu apresentar informações importantes e despertar a curiosidade de novos leitores para essa interessante história. (Milena B. H. Guimarães – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

Trujillo: o Bode

LLOSA, Mario Vargas. **A Festa do Bode**. Alfaguara, 2011.

“Bem, a política é isso, abrir-se caminho entre cadáveres.”

A frase destacada acima, resume perfeitamente o romance histórico, *A Festa do Bode*, de Mario Vargas Llosa - jornalista, dramaturgo, ensaísta e crítico literário. Llosa é considerado um importantíssimo escritor latino-americano o qual recebeu em 2010 o Prêmio Nobel de Literatura. E, bem, depois da leitura desse calhamaço - *A Festa do Bode* -, não podemos negar a magistralidade



 @samantha_moreiraj

do escritor. Após uma extensa pesquisa sobre o governo ditatorial de Rafael Leónidas Trujillo Molina, na República Dominicana, Vargas Llosa reconstrói nesse romance histórico uma das mais sangrentas e cruéis ditaduras da América Latina.

O livro, dividido em três arcos narrativos, se encarrega de arquitetar a tirania do governo de Trujillo no século XX. Com isso, nos deparamos com uma obra completa e densa, em que o escritor entrecruza fatos reais e ficcionais impecavelmente. Somos, de fato, sugados por essas narrativas que nos impactam e nos indignam. Assim, diante de tanta desumanidade e perversidade motivadas pelo desejo de poder, nos perguntemos: há limites? O desejo de poder, ganância e etc., não tem limites? Enfim, são reflexões que surgem ao decorrer da leitura.

O primeiro arco narrativo, é o da personagem Urania. Uma das vozes mais interessantes do livro, que busca rememorar os momentos que contribuíram para o vazio que tornou a sua vida, o que lhe transformou num deserto; e tudo foi ocasionado pelo seu pai (braço direito de Trujillo) e o Generalíssimo - um dos vários “nomes” que Trujillo recebeu. O segundo arco narrativo, busca relatar a emboscada planejada para acabar com a vida de Trujillo. Nesse momento, há a apresentação de importantes personagens que chegaram a ser fiéis trujillistas. Mas, depois de presenciar tantas humilhações e atrocidades se revoltaram e decretaram que para pôr um fim na ditadura, que prolongava por mais de trinta anos, era preciso matar o Chefe. Assim, vamos acompanhando a história de cada um desses personagens

que resolvem libertar o país. Por último, o terceiro arco, é sobre o próprio Trujillo e os seus infundáveis bajuladores. Nesse terceiro arco, passamos a refletir sobre como era possível esses indivíduos se dedicarem integralmente à Excelência (mais um dos “nomes” de Trujillo), realizando todas as suas ordens e desejos. Aqui, ainda, vemos o quanto os indivíduos e o país se transformaram. Poderia citar uma lista enorme de exemplos que a leitura traz sobre todas as truculências inimagináveis de Trujillo, mas o espaço não permite.

É por isso que indico a leitura a todos e todas, pois necessitamos ler sobre tais acontecimentos para evitar que novas ditaduras surjam. O livro nos mostra o quão terrível e prejudicial é um governo absolutista. Lê-lo é se deparar com muitos eventos chocantes, intensos e violentos, assim, a revolta nos acompanha do início ao fim. Llosa, com essa escrita, se comprometeu em reconstruir a memória de um tempo deplorável da América Latina. Desse modo, para encerrar, concordamos com a frase de uma escritora contemporânea, que diz: “O que nos pode realmente nos salvar é este exercício constante de reconstruir o tempo na língua. A memória.”

(KATIELLY SANTANA LÚCIO DA COSTA – comunidade externa)

Comentário do mediador: Parabéns, Katielly! Suas resenhas são muito bem elaboradas e você está sempre nos encantando com temas tão atuais. Seu texto é perfeito e atende todos os critérios do *Concurso Leitores/as Destaque do Ano*. Parabéns pela suavidade nas palavras para temas tão sensíveis e atuais. (Márcio Milhomem – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Profecia, guerras e deuses

RIORDAN, Rick. **Percy Jackson e o último olimpiano**. São Paulo: Intrínseca, 2009.

O último livro da série *Percy Jackson e os olimpianos*, que mistura aventura, mitologia grega e força da amizade. Tudo em uma leitura infantojuvenil leve e gostosa de se ler.

No livro a personagem principal, Percy Jackson, chega a idade de uma profecia citada nos livros anteriores. A profecia diz que um semideus, aos 16 anos seria autor da queda do olimpo ou o salvaria. E então seria morto. Percy sendo filho de Poseidon e de uma humana, portanto um semideus, acredita que a profecia seja sobre ele.

Ele e os amigos correm contra o tempo para impedir que o exército de Cronos destrua tudo que conhecem. Lutam com diversos vilões. Com companheirismo, conseguem passar por eles.

Na minha opinião os desfechos foram, na maioria das vezes, previsíveis. O livro tem muitas cenas de guerras, momentos tensos. Particularmente, gosto muito desses momentos de apreensão e a "esperança" me mantém presa ao livro. Honestamente não consigo "não gostar" de nenhum livro dessa série.



(LAÍS BETÂNIA SILVA PEREIRA - Discente do curso Técnico Integrado em Agroindústria, 2º ano, IFG Câmpus Inhumas)

Comentário do mediador: Laís, a equipe organizadora do *Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano* ficou muito feliz com a sua participação. Sua resenha atende aos critérios do concurso. A história que você apresenta é "amada" por boa parte daqueles que gostam de ler os livros desta coleção. Parabéns pela participação e continue lendo e resenhando. Abraços! (Márcio Milhomem – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Jogador nº1: o contraste de duas realidades

CLINE, Ernest. **Jogador Número 1**. 1. ed. Editora Leya, 2019, 464 p.

Essa história se passa em 2045, em um mundo devastado pela pobreza e destruição, os humanos só se preocupam em sobreviver, já a tecnologia está em alta, isso por causa do OASIS (um jogo de realidade virtual). Tirando dormir, comer e ir ao banheiro, os humanos “vivem” no OASIS, eles fazem amigos, se divertem e procuram o *easter egg* do Halliday.

A narrativa é contada e vivida pelo personagem Wade Watts, que assim como os outros humanos, só vive no OASIS e despreza sua vida no mundo real. Esse é um dos poucos livros que li em que o protagonista não é o “herói” da história, isso porque durante a trajetória de Wade podemos ver que em nenhum momento ele pensa em usar o dinheiro do *easter egg* (caso o ache) para “tentar” consertar a sua realidade, quem achar o *easter egg* provavelmente vai ser a pessoa mais rica do mundo, é aqui que entra a “divisora de águas” da história: a Samantha Cooke (codinome: Artemis).

Vários elementos são inseridos durante a história, que também são importantes, mas nenhum tem a relevância da Samantha, além de formar um belo romance com o Wade. Ela é diferente dele, ela quer consertar o mundo, ela não desistiu da humanidade, ela joga o torneio, não por ela, mas pelo mundo, ela não aceita a realidade em que os humanos vivem, com isso o Wade ganha um motivo para lutar. No final, por capacidades intelectuais, ele acha o *easter egg* mas aprende a verdadeira lição do livro: “... por mais dura que a realidade possa ser temos que valorizá-la, não podemos viver em uma ilusão, no fim da minha vida estava triste e sozinho porque vivi no meu mundo...” Essas palavras foram ditas pelo Halliday, que criou o jogo OASIS, é controverso da parte dele, mas é uma lição para nossa vida.



 @samantha_moreiraj

(LUCAS SANTOS DE SOUZA – Discente do curso Técnico Integrado em Vigilância em Saúde, 1º ano, IFG Câmpus Goiânia Oeste)



Comentário do mediador: Lucas, que você continue firme com a prática de boas leituras e cresça, cada vez mais, em conhecimento e sabedoria! Parabéns por sua empenhada participação! (Danilo Lopes Ribeiro – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

O livro comunista

MARX, Karl. **O manifesto comunista de 1848 e cartas filosóficas**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006. 154 p.


O Manifesto Comunista é a obra que fundamenta o comunismo. Neste livro Marx, e Engels detalham o capitalismo e o criticam, propondo uma forma de combatê-lo.

O Manifesto começa fazendo uma distinção entre as duas principais classes do capitalismo: burgueses (classe que concentra a maior parte da riqueza, donos dos meios de produção) e proletariados (maior parte da sociedade, os explorados pelos detentores do poder). O documento deixa clara a desigualdade e a briga entre burgueses e proletariados que é totalmente real visto que não sobra nada para os proletários a não ser vender sua mão de obra para sobreviver em uma sociedade que exalta a competição e as chances de vencer são mínimas.

Os escritores propõem uma revolta proletariada para que se igualem as condições de vida, essa nova ordem seria o comunismo que a distribuição do poder é através do mérito. Particularmente concordo muito com muitas das ideias comunistas, e fico curioso de como funcionaria na prática.

(MARCOS PAULO NUNES RODRIGUES FERREIRA – Discente do curso Técnico Integrado em Química, 2º ano, IFG Câmpus Inhumas)



 @samantha_moreiraj

Comentário da mediadora: Marcos Paulo, fiquei feliz por você aproveitar as leituras das disciplinas e compartilhar suas reflexões conosco. Pelos seus outros empréstimos na biblioteca percebi que temos gostos literários muito diferentes, mas gostei de te conhecer e conversar com você este ano. Obrigada por participar do *10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano*. (Milena B. H. Guimarães – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

Diário de um biólogo

SANTOS FILHO, Carlos Stênio Lemos dos. **Diário de um biólogo**. [S.l.]: Editora do Autor, 2021.

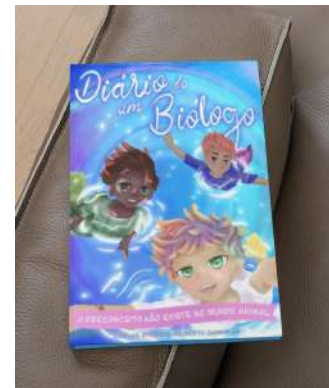
O livro *Diário de um Biólogo* escrito por Carlos Stênio, idealizador do projeto Biologia aplicada que tem o intuito de fazer divulgações científicas utilizando a cultura *pop*, para abordar temas de ciência especialmente no Brasil.

Este livro, apesar de ser direcionado para um público infantil e trazer muita cor nas suas ilustrações, trata de abordagens que são necessárias para as crianças conhecerem sobre os temas, ou melhor dizendo, as lutas, mas de extrema importância, principalmente para os adultos.

Diário de um biólogo é narrado por uma criança autista que se sente muito diferente em relação às outras crianças e que tem o sonho de ser astronauta, mas isso muda quando conhece um aquário e os animais que ali vivem. Ele observa que todos têm suas diferenças, seja de cor, tamanho, entre outras características, mas que ali todos eram aceitos e amados igualmente. E a partir daí ele faz o seu maior questionamento “Por que preconceitos, discriminação, roubos e outras coisas ruins só aconteciam na espécie humana?” A partir desse momento o sonho de astronauta deixa de existir e o de ser biólogo começa a ganhar força.

Nesse mesmo aquário, Estéfano conhece uma mulher negra e cientista que tem o nome em homenagem à uma das maiores líderes na luta pelos direitos das mulheres brasileiras, também faz amizade com dois meninos, um cadeirante e outro que tem vitiligo, que ao final do livro apresentam as dificuldades que enfrentam a respeito da acessibilidade, preconceito e cita algumas ações que as pessoas podem fazer para ajudar a melhorar a conscientização.

Ficou chocado ou chocada com esse livro? A princípio eu também fiquei. Um livro infantil que aborda diversas lutas mesmo que de forma sutil não se encontra em qualquer estante.



 @samantha_moreiraj



(MARIA CLARA BOSCO BATISTA – Discente do curso Licenciatura em Química, 7º período, IFG Câmpus Inhumas)

Comentário da mediadora: Maria Clara, respondendo a pergunta da resenha, não fiquei chocada com o livro, na verdade fiquei muito interessada. O livro *Diário de um biólogo* parece ótimo! Sua participação nesta edição do concurso me trouxe ótimas indicações, obrigada pela oportunidade de acompanhar algumas das suas leituras através de suas resenhas. Espero que suas leituras continuem te proporcionando ótimas experiências e que seu interesse pelos livros contagie muitas pessoas. (Milena B. H. Guimarães – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

Ressignificando palavras

DOEDERLEIN, João. **O livro dos ressignificados**. 1. ed. São Paulo: Paralela, 2017. 216 p.

O *livro dos ressignificados*, do autor João Doederlein – que assina com o nome “aka poeta” - é de gênero poesia, e se tornou uma febre. Inicialmente, ele publicou seus textos de ressignificação nas redes sociais.

A obra vai muito além dos significados originais do dicionário, e surgiu de uma busca por autoconhecimento do escritor.

Ele o dividiu em seis partes: o jardim, o zodíaco, o coração, a mente, a cidade e a história de nós dois. Cada parte do livro é introduzida por uma poesia relacionada ao tema, e com o passar da leitura, percebemos que o objetivo de João é nos entregar um significado além do óbvio, um significado abstrato, algo que sentimos ao ler a palavra.

O que eu mais gostei no livro foi como os significados realmente representavam o que eu sentia diante daquela palavra, e o quão intenso foi essa experiência.



 @samantha_moreiraj

(MARIA FERNANDA GUIMARÃES JUSTINO – Discente do curso de Psicologia, 2º Período, FacUnicamps)

Comentário do mediador: Maria Fernanda, que a sua participação no 10º Concurso Leitores/as Destaque do Ano te estimule, ainda mais, na prática de boas leituras! (Danilo Lopes Ribeiro – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Verdade nua e crua

HOOVER, Colleen. **É assim que acaba**. 32. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2018. 368 p.

Lily, mulher que cresceu em um lar conturbado. Via sua mãe ser agredida pelo pai constantemente. Após a morte de seu pai, decide se mudar para Boston e abrir seu próprio negócio. Em meio a mudanças, Lily conhece Ryle, um neurocirurgião que demonstra falar uma verdade nua e crua.

O livro trata-se de um relacionamento abusivo. A indicação é para maiores de dezoito anos, por conter trechos impróprios. Sendo um livro de leitura fácil e viciante. Com frases que ficam marcadas.



 @samantha_moreiraj

(MYLLA CRISTINA SOUSA RODRIGUES – Discente do curso Técnico Integrado em Agroindústria, 2º ano, IFG Câmpus Inhumas)

Comentário do mediador: Parabéns, Mylla Cristina, por sua participação no *10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano!* Que você cultive o hábito de ler e cresça em sabedoria e conhecimento! (Danilo Lopes Ribeiro – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

A Rainha Vermelha

AVEYARD, Victoria. **A rainha vermelha**. Tradução de Cristian Clemente. São Paulo: Seguinte, 2015. 419 p.

Victoria Aveyard, nascida em 27 de julho de 1990 é uma escritora americana de ficção e roteiros para jovens e adultos. Ela é conhecida por seu romance de fantasia *A Rainha Vermelha*. Aveyard escreveu o romance um ano depois de se formar no programa de roteiro da Universidade do Sul da Califórnia em 2012, a Sony Pictures juntou-se a ela para escrever o roteiro de *Eternal*.

O livro é o primeiro de uma série de cinco livros que se passa em uma sociedade em que as pessoas eram divididas pelo sangue: vermelhos e prateados. Os vermelhos eram forçados a trabalhar para produzir o que era necessário; já os prateados eram tipo a elite da sociedade. Eles usufruíram do que era o melhor. Os vermelhos nasceram para ser servos e os prateados nasceram para dominar e governar.

Concluindo, eu achei no início da leitura um pouco arrastada e tediosa, mas no decorrer da história eu fui criando um certo carisma pelos personagens, a história fica muito emocionante.

(NATANAEL PEREIRA SILVA – Discente do curso Técnico Integrado em Meio Ambiente, 3º ano, IFG Câmpus Águas Lindas)



 @samantha_moreiraj

Comentário da mediadora: Natanael, que bom tê-lo participando do concurso novamente e dessa vez com resenha. Tive a oportunidade de te encontrar (virtualmente) em outros projetos como o *Clube do Livro* do Câmpus Itumbiara. Fico feliz com seu interesse por literatura e que agora esteja se aventurando na escrita. Espero que a leitura continue te levando a aprender coisas novas e a se divertir. (Milena B. H. Guimarães – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

Os monstros do Rio das Mortes

ISAÍAS, Davi. **Os monstros do Rio das Mortes**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. 348 p.

Na primeira parte, trata-se da história de um grupo de amigos que fazem uma pescaria no Rio das Mortes, no Mato Grosso, onde ocorre uma morte misteriosa. Embalados pela bebida e para cumprimento de um pacto, continuam o passeio normalmente e só vão embora no prazo anteriormente combinado.

Na segunda parte, terminado o drama da viagem de volta, a vida volta à normalidade, até que, uns anos depois, o fato é descoberto, entra a polícia no meio, o caso é investigado, alcançando enorme repercussão na imprensa nacional e até internacional. Delegado e promotores pegando carona nos acontecimentos e buscando notoriedade, a imprensa dando ampla e vigorosa cobertura, conclui-se o inquérito.

A terceira e última parte é dedicada ao julgamento, mostrando as artimanhas da defesa e da acusação, desde os estudos aprofundados dos jurados até a defesa oral no plenário do júri.

Resumindo o livro completo e por minhas argumentações, o livro é muito bom. O leitor tenta interagir com os personagens diante a fala de cada um. Mais diante das minhas argumentações críticas sobre o livro pode-se dizer que o ponto negativo dessa história é que não tem um suspense feito na morte do pescador. O livro contém o objetivo de nos ensinar que as pessoas fazem pactos e promessas com outras pessoas, mas no final não têm suas expectativas feitas, diante do que a pessoa realmente deseja. Porque nem tudo nessa vida são flores.



 @samantha_moreiraj

(NATHIELLY APARECIDA PAULA OLIVEIRA – Discente do 8º ano Ensino Fundamental, Escola Municipal Alessandro Miguel)



Comentário do mediador: Parabéns, Nathielly, por sua participação no *10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano!* Que você cultive o hábito de ler e cresça em sabedoria e conhecimento! (Danilo Lopes Ribeiro – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

A praga das gêmeas

REZENDE, Stella Maris. **As gêmeas da família**. São Paulo: Globo, 2018. 160 p., il. (Programa Nacional do Livro Didático - PNLD).

Esse livro se passa no período da Ditadura Militar no Brasil durante o ano de 1965, e relata a história das trigêmeas, de uma família que por anos sofria de uma praga. Carina não se conformou quando viu seu noivo preferir se casar com a bisavó de Ana Clara, mãe das trigêmeas. Sua bisavó Almalice era muito viçosa e o noivo da Carina se apaixonou por ela quando já estavam noivos. Eles iam se casar dali a um mês quando ele terminou o noivado e disse: “me apaixonei mesmo por Almalice”. Carina não suportou ser trocada e rogou uma praga horrível, uma maldição que dizia que todas as mulheres gêmeas dessa família seriam infelizes no casamento e Ana Clara tem uma irmã gêmea e em seu casamento foi abandonada, se tornando mãe solo, e com medo de suas filhas também serem prejudicadas pela praga, fez uma intenção a Santa Rita de Cássia para acabar de vez com a praga iria vestir suas filhas de Maria da Fé usaria apenas azul, Maria da Esperança usaria apenas verde e Maria da Caridade usaria apenas rosa até seus 18 anos. As trigêmeas com seus 15 anos inventaram que sairiam escondidas para Rio de Janeiro, pois queriam conhecer Rita Pavone, e como não se esconde nada de mãe, pois o que ela não vê o Santo conta, no dia que elas saíram escondidas para o posto de ônibus a mãe já estava lá esperando. As quatro foram ao encontro de Rita Pavone, e realmente conseguiram falar com a ídola delas, mas enquanto isso a mãe escreveu uma carta que iria dar uma volta, e nunca mais voltou. Suas filhas pegaram o dinheiro da passagem e voltaram para a casa sem a mãe. Contaram do ocorrido para seus professores e colegas que as ajudaram a continuar a viver sem seus pais, e depois de muito tempo elas se casaram e a praga teve um fim. Que livro fantástico!



 @samantha_moreiraj

(NÍBBYA FERREIRA TOLEDO – Discente do curso Técnico Integrado em
Agroindústria, 1º ano, IFG Câmpus Inhumas)



Comentário da mediadora: Níbya, a história de *As gêmeas da família* parece bem interessante, li mais alguns comentários sobre o livro e fiquei com vontade de lê-lo. Obrigada por participar do *10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano*.
(Milena B. H. Guimarães – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

O amor de Lily Bloom

HOOVER, Colleen. **É assim que acaba**. Galera Record, 2018.

É assim que acaba é uma obra dividida em 35 capítulos longos, escrita pela premiada autora Colleen Hoover, escritora de vários outros *best-sellers*.

Narrado pela personagem principal Lily Bloom, esta é uma história recheada de altos e baixos, em que a nossa personagem acaba de perder seu pai que já a feriu muito no passado e fica revivendo seu passado com Atlas, um menino desabrigado que ela ajudou a se apaixonar. Quando a mesma sobe em um edifício para ver a vista da cidade e



 @samantha_moreiraj

sofrer pela perda dos dois acaba conhecendo Ryle, um médico misterioso que acaba de presenciar a morte de uma criança. Semanas mais tarde eles se encontram e começam a se relacionar. Ryle pode ser uma boa pessoa, mas ele bate em Lily e se culpa por isso. O acontecimento se repete, mas depois que Atlas reaparece na vida de Lily, isso mexe com sua cabeça.

É assim que acaba um dos livros mais vendidos no Brasil em 2022 e merecidamente. A história triste e envolvente deveria ser lida por todos, as pessoas que já viveram e vivem relacionamentos abusivos ou não. A escrita de Colleen Hoover facilita bastante a leitura para jovens que estão iniciando o hábito de leitura agora.

Sinto o coração da autora em cada palavra, já que este é um livro baseado na história de sua mãe. E desejo que todos tenham coração e leiam esta grande obra.

(NICOLLY VIANA - Discente do 9º ano Ensino Fundamental, Escola Municipal
Alessandro Miguel)

Comentário do mediador: Parabéns Nicolly! Uma história baseada em uma história real. A autora teve muita sensibilidade na escrita. Continue lendo e resenhando. A



equipe da biblioteca Atena agradece a sua participação no *Concurso Leitores/as Destaque* em 2022. (Márcio Milhomem – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Enquanto eu te esquecia

SHORTRIDGE, Jennie. **Enquanto eu te esquecia**. São Paulo: Unica, 2014. 382 p.

O livro conta a história de Lucie Walker, uma mulher que foi encontrada na baía de São Francisco após ter fugido de casa por causa de uma briga com seu marido. Ela foi enviada para uma clínica psiquiátrica, onde foi informada que estava com um raro tipo de amnésia, e ela não conseguia se lembrar do seu passado, e seu esposo Grady, acaba encontrando-a com a ajuda da imprensa mas quando se encontra com ela, Lucie não se lembrava dele. Lucie acredita que quando voltar para casa vai recuperar sua memória, mas infelizmente não é isso que acontece, mesmo com ajuda de Grady para que ela se lembre de tudo, ela apenas consegue se lembrar de pequenos flashes do seu passado.



 @samantha_moreiraj

Lucie acaba mudando de personalidade, e aos poucos vai se lembrando da antiga Lucie. E percebe que ambas são totalmente diferentes, mas felizmente ela mudou para melhor. Será que Lucie conseguirá manter o amor por Grady, ou a oportunidade de recomeçar será sua salvação?

Ao decorrer da minha leitura eu percebi que o livro traz uma mensagem que nós sempre temos uma chance de recomeçar e ser feliz.

(NUBIA DE ARAÚJO DA SILVA SOUZA – Servidora da Escola Municipal Alessandro Miguel)

Comentário do mediador: A equipe da biblioteca Atena ficou muito contente com a sua participação no *Concurso Cultural Leitores/as Destaque 2022*. Parabéns pela iniciativa. (Márcio Milhomem – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Um livro como nenhum outro

ROTHFUSS, Patrick. **O nome do vento**: A crônica do matador do Rei: primeiro livro. São Paulo: Arqueiro, 2009. 651 p.

O nome do vento, primeiro livro da trilogia *A Crônica do Matador do Rei*, é uma obra de fantasia que me chamou a atenção pelo grande número de elogios que recebia. Confesso que gostei muito do enredo, mas a escrita é o ponto principal da obra. Patrick Rothfuss, com sua prosa poética incrível, é capaz de contar uma história que impele amor e ódio pelos personagens.

Kote, dono de uma hospedaria, é o protagonista dessa história. Acompanhamos ele narrando sua história para um cronista, que estava se hospedando na taberna a convite de Kote. Sua história começa em uma trupe, vivendo feliz com sua família, até que o Chandriano, um temível grupo lendário, a aniquila. Então, movido pela vingança e por sua vontade de aprender sobre as magias antigas, ele começa sua jornada.

Ele decide entrar na universidade dos arcanos, local em que se dá bem por ser inteligente e perspicaz, mas também faz muitos inimigos por sua personalidade impulsiva. E ao longo de 650 páginas ele também ama, sofre, se ilude e se desilude. Kote é um personagem extremamente inteligente e bom em tudo que faz, o que o leva a ser uma figura lendária, mas também possui muitos defeitos, que o levam a ser apenas um taberneiro no final.

O livro é grande, mas nem por isso se torna desinteressante em algum momento. Possui personagens marcantes e uma estrutura linguística muito boa. Agora só me resta esperar que o Rothfuss lance logo a sequência.



 @samantha_moreiraj

(PAULO HENRIQUE LUIS DA SILVA JÚNIOR – Discente do curso Técnico Integrado em Química, 2º ano, IFG Câmpus Inhumas)



Comentário do mediador: Parabéns, Paulo Henrique, por sua participação no *10º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano!* Que você continue praticando o hábito de ler bons livros! (Danilo Lopes Ribeiro – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

Sejamos todos humanos

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Reviravolta, 2018. 44 p.

Este é um livro que foi transcrito de um discurso da Chimamanda N. Adichie de 2012, e a abertura é uma explicação sobre o motivo pelo qual ela adotou a luta feminista. É resumidamente um livro curto sobre a conversa da autora.

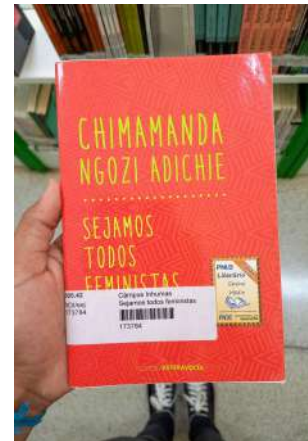
O livro *Sejamos todos feministas* é um convite a todos na sociedade a terem um pensamento feminista. Ela também fala ao longo do livro sobre cada indivíduo como sociedade, homens e mulheres pensando sobre a questão de gênero, pois como um bom exemplo o feminicídio, são mortes que acontecem porque a vítima é do sexo feminino, essa é uma questão que o feminismo coloca em evidência.

A Chimamanda é uma mulher negra do continente africano, o que refuta muito o estigma, que o feminismo é um movimento branco que foi elaborado por mentes europeias.

Esse livro dá muito embasamento para querer se declarar feminista. É interessante saber que a origem do movimento pode ter saído da Europa, mas isso ocorreu não por uma falta de pensar ou querer das mulheres negras, pois grande fator que as impediu de falar, é realmente não ter voz. Acontece que as mulheres brancas começaram a ser livres primeiro, reconhecidas como indivíduos primeiro. Mas atualmente isso vem mudando pois a luta é de todas e todos.

(RUTE HELLEN VASCONCELOS DE ARAÚJO – Discente do curso Bacharelado em Ciência e Tecnologia de Alimentos, 1º período, IFG Câmpus Inhumas)

Comentário da mediadora: Rute Hellen, acho muito legal você variar suas leituras: romances *best sellers*, ficção científica e livros de não-ficção que discutem temas importantíssimos como este *Sejamos todos feministas* e *Pequeno Manual*



 @samantha_moreiraj



Antirracista (publicado na coletânea *Leitura e Criação 7*, de 2020). Obrigada por participar mais uma vez do concurso *Leitores/as Destaque do Ano*. Espero que os livros continuem fazendo parte de sua vida para entretenimento e novas reflexões.
(Milena B. H. Guimarães – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

De cabeça baixa

PINSKY, Mirna. **De cabeça baixa**. São Paulo: Atual, 2018.

Dividido em 15 capítulos, *De cabeça baixa* é um conto produzido por Mirna Pinsky. Nesse conto o assunto central é o *bullying* e *cyberbullying* (*bullying* por meio das redes sociais). Conta a história da protagonista Sofia que acaba de mudar para São Paulo. Com a intenção de ir bem na escola e fazer novas amizades, isso acaba não dando certo. Ela enfrenta uma série de problemas na escola.

O *bullying* está presente em vários colégios, inclusive na da Sofia. Essa protagonista acaba sofrendo discriminação pela turma de meninos, por conta de seu sotaque, menosprezam sua inteligência e capacidade. Para enfrentar o *bullying* e tentar não se sentir sozinha, a menina escreve um diário e agarra-se ao seu talento como pianista.

As escolas deveriam ter um apoio especial para esses jovens como (rede de apoio, psicólogos, pediátricos) e combater assim o *bullying* nas escolas e acabam não ensinando a superar isto de uma maneira melhor. Somos diferentes, todos temos qualidades e defeitos, conseguir valorizar as próprias características é um dos melhores caminhos para superar o *bullying*.

(STHEFANY CRUZ ARAÚJO - Discente do 9º ano do Ensino Fundamental, Escola Municipal Alessandro Miguel)



 @samantha_moreiraj

Comentário da mediadora: Obrigada pela sua participação no *Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano*, Sthefany! Espero que tenha aproveitado bastante essa experiência. A temática deste livro é muito relevante na atualidade, devendo ser cada vez mais debatido visando o fim do *bullying* nas escolas. Parabéns pela resenha! Continue lendo e escrevendo. (Larissa Stefane – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

Histórias que te fazem refletir sobre a morte⁶

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **Histórias lindas de morrer**. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2020. 224 p.

Ana Claudia Quintana Arantes é autora e médica brasileira, formada na Universidade de São Paulo (USP), com residência em Geriatria e Gerontologia no Hospital das Clínicas da FMUSP e especializada em Cuidados Paliativos pelo Instituto Pallium e Universidade de Oxford. É escritora do *best-seller* *A morte é um dia que vale a pena viver*, com sequência dos livros *Histórias lindas de morrer* e *Pra vida toda vale a pena viver*. O segundo livro *Histórias lindas de morrer* é um pouco técnico, mas de um conhecimento enorme, traz momentos tensos, tocantes e divertidos, e tem como público-alvo, desde pessoas que estão superando a perda de entes queridos até os que estão apenas interessados pelo título do livro.



 @samantha_moreiraj

A obra tem como foco contar as histórias de pacientes com doenças terminais que passaram por Ana Cláudia durante os últimos 20 anos de sua carreira. Em contato com a maior vulnerabilidade do ser humano, o fim da vida. Nessa perspectiva, o livro nos apresenta pessoas de várias idades, crenças e etnias, e como a importância das relações humanas e do respeito ao outro é imprescindível para a última apreciação da vida do indivíduo. A morte para mim sempre foi algo difícil de entender, porém depois de ler tantas histórias, almas e vidas de pessoas reconfortantes e especiais é fácil entender que terminamos de viver após cumprirmos nossa missão. Este livro nos traz uma visão diferente sobre a morte, e até pode nos tornar mais humanos no meio de todo esse caos.

O livro de Ana Cláudia é um dos livros mais lindos, reflexivos e comoventes já lido. Apesar de não possuir uma leitura extensa, ele aborda sobre a morte, que é um assunto associado a sentimentos ruins como dor, saudades e tristeza, o que gera dificuldades em ser dialogado, mas na obra é trazido de maneira simples e de

⁶ Resenha premiada em terceiro lugar na 10ª edição do Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano.



fácil compreensão. Sem dúvidas, ele muda a forma de pensar dos leitores assim como mudou a minha.

(THAYSSA EXPEDITA RIBEIRO SOARES – Discente do curso Técnico Integrado em Eletrotécnica, 2º ano, IFG Câmpus Itumbiara)

Comentário do mediador: Thayssa, obrigado por participar em mais uma edição do nosso concurso! Parabéns pela escrita desse texto belo e sensível, que desperta em quem o lê o desejo de conhecer a obra original. (Danilo Lopes Ribeiro – servidor do IFG Câmpus Inhumas)

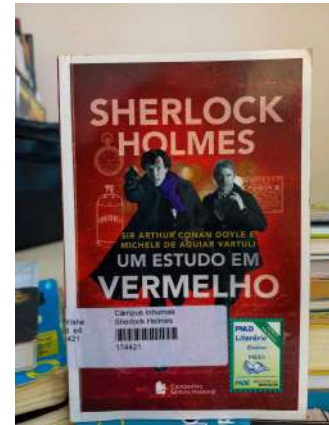
Sherlock Holmes: um estudo em vermelho

DOYLE, Arthur Conan. **Sherlock Holmes**: um estudo em vermelho. Tradução de Michele de Aguiar Vartuli. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2018.

O livro, *Um Estudo em Vermelho*, é uma ótima história de conto policial. Para quem gosta desse gênero, essa é uma ótima história, recomendo. Envolve uma boa mistura de suspense, mistério, pistas enigmáticas, rastros falsos, romance e vingança. Sério, a história é ótima, e o gênero colocado no livro é que ele é um Romance Inglês, ou seja, ele é da Inglaterra.

A história começa com o Dr. Watson, um ex- cirurgião do Departamento Médico do Exército Britânico, que volta da guerra do Afeganistão e está a procura de algum lugar para morar. Ele acha que vai morar com um homem chamado Sherlock Holmes, que o Dr. Watson descobre que Sherlock tem uma profissão um tanto diferente, que é chamada de Detetive Consultor. Eu, particularmente, achei interessante e fiquei bem admirado como era; é que Sherlock respondeu e esclareceu casos que os outros detetives tinham dificuldades. Sherlock pega um caso complexo, em que um homem havia sido assassinado, mas Sherlock rapidamente descobre que ele foi morto por veneno, e um dia depois o ajudante do homem que havia sido assassinado, também morre, e da mesma forma. Sherlock e Watson preparam uma armadilha, e o assassino que era um taxista chamado Jefferson Hope. Mais tarde, ele revela o motivo e a história comovente de amor, e depois vingança. (Não dá pra resumir).

Enfim, um bom livro pra quem gosta de conto policial com mistério, suspense e um pouco de romance, assim como eu gosto. Personagens bem construídas como Sherlock, Watson e os outros também, é um bom raciocínio intelectual. Recomendo para todos!



 @samantha_moreiraj

(TIAGO JANSEN DE LIMA PIRES - Discente do curso Técnico Integrado em Agroindústria, 1º ano, IFG Câmpus Inhumas)



Comentário da mediadora: Tiago, obrigada pela sua participação no *Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano*! Espero que tenha aproveitado bastante essa experiência. Parabéns pela resenha! Continue lendo e escrevendo. (Larissa Stefane – servidora do IFG Câmpus Inhumas)

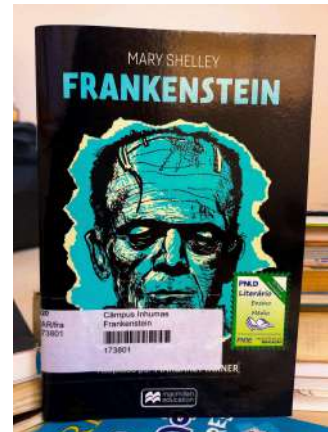
Frankenstein

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. São Paulo: Macmillan Education, 2018.

O livro conta a história de Victor Frankenstein e sua busca pelo segredo da vida. Desde cedo, Victor esteve interessado nas peculiaridades da vida. Quando se tornou mais velho, se tornou um estudante de medicina. Após vários experimentos, ele criou sua própria criatura feita de várias partes de cadáveres humanos.

Após sua façanha, Victor se arrepende do que fez, dizendo que criou um monstro. A criação de Frankenstein nutre ódio por seu criador pois devido à sua aparência horrenda, não pôde interagir com pessoas, já que ficavam com medo dele. Após isso, vários eventos levam à vingança da criatura contra Victor.

Essa história trata de forma muito interessante a busca pelo segredo da vida, mostrando um ponto de vista que diz que essa curiosidade quanto à origem da vida pode trazer muitas tragédias. É uma boa história de terror que cita assuntos pertinentes à sociedade.



 @samantha_moreiraj

(YURI RODRIGUES KIKUMORI - Discente do curso Técnico Integrado em
Informática para Internet, 1º ano, IFG Câmpus Inhumas)

Comentário da mediadora: Yuri, obrigada pela sua participação no *Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano*! Espero que tenha aproveitado bastante essa experiência. Consegui ver a evolução da sua escrita durante o concurso. Parabéns pela resenha! Continue lendo e escrevendo. (Larissa Stefane – servidora do IFG Câmpus Inhumas).



Oficinas
PALESTRAS
Rodas de Conversa

4 OFICINA, PALESTRAS E RODA DE CONVERSA

Para fomentar a leitura literária e produção de resenhas, os/as organizadores/as do Concurso propuseram aos participantes uma oficina, três palestras e uma roda de conversa com leitores.

A oficina *Construção de resenhas* foi a primeira atividade ofertada visando preparar os participantes para o processo de escrita das resenhas dentro dos quesitos que seriam observados pela comissão avaliadora. Ao mesmo tempo, foi um momento de aproximação do público leitor com o incentivo a novas leituras.

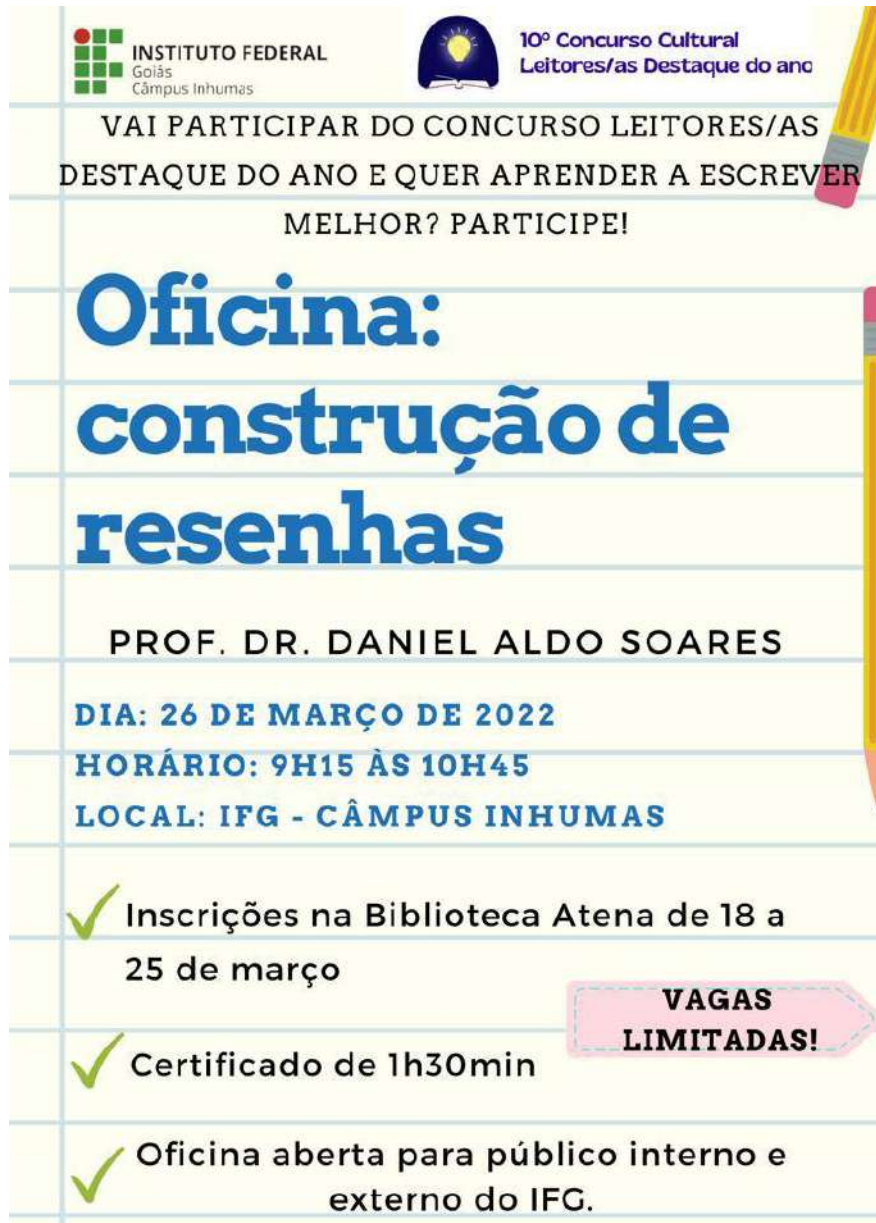
Houve três momentos, no formato palestra, para incentivar a leitura de livros escritos por índios ou por mulheres negras, e sobre a temática sentimentos, sendo os dois primeiros pouco representados no universo editorial. O incentivo foi por meio das palestras *Literatura indígena contemporânea no Brasil: atravessando pontos, destruindo muros*, *Toni Morrison e a existência do feminino na literatura produzida por mulheres*, e *Sentir e sentimentos (emoções): um debate conceitual!*.

A roda de conversa intitulada *Encontro com leitores/as* também foi um momento motivador e de aproximação com os/as participantes. A conversa foi bastante descontraída, possibilitando a quem lá estava expor seu ponto de vista e gosto literário acerca da obra lida.

Nas páginas seguintes são apresentados os cartazes de divulgação das atividades com as respectivas sínteses, de autoria dos/as ministrantes.

Oficina “Construção de resenhas.”

Figura 2 - Cartaz de divulgação da oficina *Construção de resenhas*.



 INSTITUTO FEDERAL
Goiás
Câmpus Inhumas

 10º Concurso Cultural
Leitores/as Destaque do ano

VAI PARTICIPAR DO CONCURSO LEITORES/AS
DESTAQUE DO ANO E QUER APRENDER A ESCREVER
MELHOR? PARTICIPE!

Oficina: construção de resenhas

PROF. DR. DANIEL ALDO SOARES

DIA: 26 DE MARÇO DE 2022
HORÁRIO: 9H15 ÀS 10H45
LOCAL: IFG - CÂMPUS INHUMAS

✓ Inscrições na Biblioteca Atena de 18 a
25 de março

✓ Certificado de 1h30min

✓ Oficina aberta para público interno e
externo do IFG.

**VAGAS
LIMITADAS!**

Fonte: Criação e arte de Larissa Stefane Rodrigues de Lima

Resenha crítica literária

Prof. Dr. Daniel Aldo Soares (IFG-Câmpus Inhumas / GPEL)

Conceito

A comunicação por meio da escrita compreende a materialização, em palavras, de conceitos, conflitos, histórias e ideias. Essa se dá, quotidianamente, por meio de mensagens de *whatsapp*, *e-mails*, *posts* em redes sociais, artigos científicos, narrativas, poemas e outros. A Resenha crítica é uma das maneiras que as palavras são usadas para comunicar uma ideia. Por vezes, a resenha crítica comunica a opinião de seu redator sobre um livro ou um filme, objetivando tanto a apresentação do texto resenhado quanto a opinião (comentário crítico) do resenhista. Dessa forma, a resenha crítica coopera para que outros conheçam sobre livros, autores, opiniões, sendo considerada, portanto, como trabalho acadêmico.

Estrutura

A estrutura de um texto depende muito das escolhas estilísticas de seu autor. Todavia, o limite estrutural de um texto busca viés comum para a caracterização deste enquanto gênero literário, no caso, resenha crítica. Assim, entendemos que apesar da liberdade na produção de um texto, um redator precisa se atentar às recomendações estruturais do gênero literário escolhido para a produção de seu texto. Coloco abaixo uma recomendação estrutural para a produção de uma resenha crítica.

- 1. Identificação** — É importante que a resenha crítica apresente os dados bibliográficos essenciais do texto (livro, conto, poema, reportagem) ou artigo sobre o qual se construirá a resenha;
- 2. Apresentação** — Inicialmente, em um parágrafo, apresenta-se a estrutura geral do texto resenhado, como a divisão em capítulos, em seções, o foco narrativo ou até o número de páginas do texto completo. Após tratar-se da estrutura, o resenhista resume o enredo do livro lido, procurando centrar-se num ponto principal — não há a necessidade de contar toda a história — uma boa resenha ocupa-se de gatilhos para convidar o seu leitor a ler o livro resenhado;

- 3. Análise crítica** — Essa exige a construção de outro parágrafo. Nesse, o resenhista escreve a opinião dele quanto ao texto resenhado. Para que a construção argumentativa tenha fundamento crítico, o resenhista pode servir-se de teorias, conceitos e pensamentos de outros autores. Além disso, podem ser usados conceitos de outras áreas do conhecimento, bem como de outra narrativa para a fundamentação teórica da opinião crítica apresentada pelo resenhista. Vale ressaltar que apesar de crítica, esta análise deve manter-se curta, sucinta e convidativa.
- 4. Recomendação** — Ao final da análise crítica, o resenhista deve recomendar ou não o texto lido. A recomendação pode ser feita por meio de uma frase, mas espera-se do resenhista a justificativa desta.
- 5. Assinatura e identificação:** Terminada a resenha, o resenhista deve assiná-la, deixando a sua identificação e a possibilidade de os leitores entrarem em contato.

Abaixo, deixo um exemplo de resenha crítica, escrita sobre um dos clássicos da literatura brasileira.

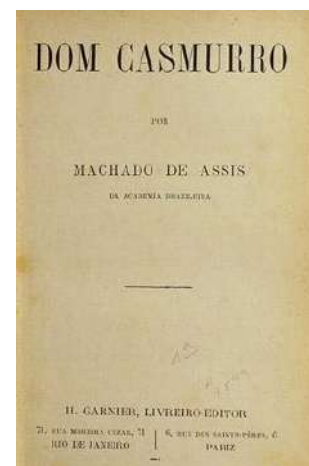
Título: Dom Casmurro

Autor: Joaquim Maria Machado de Assis.

Ano de publicação: 1899

Gênero: Romance, Ficção, Realismo Literário.

Dividido em cento e quarenta e oito capítulos curtos, Dom Casmurro é um dos livros de Machado de Assis. Narrado por Bento Santiago ou Dom Casmurro, este romance, já no início da trama, conta a história de Bento, o Bentinho. O enredo inicia pela apresentação do sonho e da promessa de Dona Glória, a mãe dele, de fazer do filho um padre. Este sonho foi o que levou Bentinho ao seminário, local onde o narrador e protagonista da história conheceu Escobar (desde então seu melhor amigo). Não adaptado à vida de seminarista, Bentinho deixa o seminário e, tempos depois, casa-se com Capitu,



Fonte da imagem:
Enciclopédia Itaú Cultural

amiga de infância. Sobre ela, o narrador deixa claro o comentário descritivo de “os olhos de ressaca”, o que induz o leitor à característica “cigana oblíqua e dissimulada”, responsável por motivar os leitores a “culpar” Capitu pelo divórcio do casal.

A história é circundada de encontros, desencontros e outras peripécias que fazem deste um dos mais famosos livros da Literatura Brasileira, todavia centro-me nestas informações, pois as julgo suficientes para chamar outros leitores a experimentarem a grandiosidade deste romance. Saliento a atualidade dos temas nele tratados: influência dos pais nas decisões dos filhos, casamento resultante de relacionamento entre amigos, infidelidade conjugal, e, tenuemente, o amor entre Escobar e Bentinho. Termina esta resenha convidando leitores interessados em um texto construído com maestria, domínio linguístico e recheado de temas intrigantes.

Palestra "Literatura indígena contemporânea no Brasil: atravessando pontos, destruindo muros"

Figura 3 - Cartaz de divulgação da palestra *Literatura indígena contemporânea no Brasil: atravessando pontos, destruindo muros*.



The poster is designed to look like an open book with a blue cover and a blue ribbon bookmark on the left page. The background is light blue with decorative elements like paper clips and a potted plant. The text is centered and uses a clean, sans-serif font.

Palestra

Literatura indígena contemporânea no Brasil: atravessando pontos, desconstruindo muros

Mediadora - Maria Aparecida R. de Souza
Ministrante - Sélvia Carneiro de Lima
Intérprete Libras - Cristiana Ferreira Franco

Data: 06/04/2022
Horário: 17h30 às 19h
Certificação de participação de 2h complementares.

Se inscreva através do link:
<https://sugep.ifg.edu.br/eventos/>

E acesse a palestra pelo link:
meet.google.com/wwc-wypm-vvd

Oferecimento:

 BIBLIOTECA
ATENNA

 INSTITUTO FEDERAL
Goiás
Câmpus Inhumas

Fonte: Criação e arte de João Lopes Santana Neto

Literatura indígena no Brasil contemporâneo: atravessando pontes, desconstruindo muros

Sélvia Carneiro de Lima (IFG-Câmpus Inhumas / GPEL)

“Escrevo para manter-me índio”.

Daniel Munduruku

Oriundas da tradição oral, marca indelével das sociedades indígenas, as narrativas das histórias e crenças de vários povos têm sido transformadas por diversos escritores, em palavras que sulcam páginas e alcançam espaços diversos. Narrativas que revelam a cosmovisão e as cosmologias dos povos indígenas ressoam além das fronteiras das aldeias, pelos dedos de Daniel, o Munduruku, de Potiguaras, Wapichanas, Guaranis, Krenaks, Maraguês, Kayapós, Payayás e tantos outros e outras. Vozes que ampliaram seu alcance ao registrarem a memória de seu povo de origem. São escritores que compõem sua trajetória literária a partir de sua experiência e circulação entre mundos, da aldeia à cidade.



 @samantha_moreiraj

É nessa ponte experienciada por cada escritor indígena, que se alonga do local ao global, que as raízes de suas culturas se encontram, portanto, com o mundo moderno. E nele o aporte da escrita posiciona-se como mais uma ferramenta de sobrevivência e construção de suas identidades como nos ensina, mais uma vez, a epígrafe: “Escrevo para manter-me índio” (MUNDURUKU, 2010b).

Nesse sentido, a escritora indígena Eliane Potiguará, em um texto autobiográfico, faz uma profunda reflexão sobre sua inserção no mundo, ao afirmar: “Já nasci predestinada a pertencer a uma estatística esmagadora de pobres e excluídos social e economicamente no mundo”. A mulher indígena, escritora, poetisa, mãe, brasileira, localiza seu lugar no mundo; chama a atenção para as mazelas que não são só suas.

Essa declaração e sua divulgação por meio da escrita evidenciam esse movimento peculiar de vários povos indígenas no Brasil: o uso da palavra escrita

como estratégia de denúncia das mais variadas formas de violência, de luta política e de registro das cosmovisões e das memórias ancestrais desses povos originários que formam e esculpem o território brasileiro.

A força da oralidade que, por séculos, marcou o modo como as culturas indígenas no Brasil eram transmitidas de geração a geração, ganha uma nova forma de registro de saberes: a escrita. O registro escrito das diferentes visões de mundo e das mais diversas línguas indígenas faladas no território nacional tem se configurado, para muitos povos indígenas no Brasil contemporâneo, um *locus* de autoafirmação étnica, como também de denúncia de espoliações e de registro e divulgação das culturas das mais diversas etnias, por meio do registro de narrativas, canções, ritos e rituais que consagram suas diferentes cosmologias.

Neste sentido, de povos com tradição oral, o aporte do código linguístico escrito tem sido apreendido nas escolas das aldeias, das cidades, no contato com não indígenas, em situações diversas, e utilizado pelos indígenas para a produção de material didático, pedagógico e de obras literárias tanto coletivas, como individuais, seja em Língua Portuguesa, ou nas línguas maternas, tanto em caráter bilíngue, como multilíngue.

A produção de textualidades indígenas é um conceito que ainda está em formação no Brasil, e adotamos aqui “Literatura indígena” ancorados na adoção que o movimento de escritores indígenas tem adotado no Brasil. Há uma gama de referências variadas para definir essas narrativas e trazemos algumas delas: literatura nativa, literatura das origens, literatura ameríndia e literatura indígena de tradição oral, textualidades indígenas, etc. Para os autores, que têm pesquisado e produzido teorias acerca dessa produção literária, a marca mais importante que separa a literatura indígena das demais produções literárias é a autoria indígena (NOVAIS, 2011).

Inicialmente, a produção de material literário, produzido pelos indígenas, teve como embrião os diversos cursos de formação superior de professores indígenas no Brasil. Material escrito, de suporte didático-pedagógico, para subsidiar o processo da Educação Escolar Indígena que teve impulso no Brasil, a partir das conquistas legais da Constituição Federal de 1988. Diversos tipos de material didático, instrucional, literário e cartilhas de autoria coletiva foram publicados como material

específico, visando à alfabetização tanto na língua indígena como na portuguesa e como acervo da cosmologia particular das etnias que os produziram.

Nesta produção coletiva, as particularidades culturais e linguísticas do povo indígena, responsável por sua produção, são evidenciadas e este material tem se tornado mais uma fonte de registro do arcabouço cultural de cada etnia envolvida na elaboração.

Ainda no que tange à manifestação de narrativas escritas por indígenas, outro fenômeno ganhou destaque no Brasil, sobretudo nos últimos 20 anos: o surgimento de escritores individuais, em sua maioria, residentes fora de suas aldeias, portanto, indígenas em contextos urbanos, produzindo e publicando livros na língua portuguesa, majoritariamente classificados pelas editoras na categoria infanto-juvenil. Neste universo autoral há uma diversidade de gêneros que esses escritores têm produzido tanto em prosa como em verso. Há também textos autobiográficos, e a mistura de gêneros literários na composição de uma mesma obra.

Um número significativo da produção autoral indígena tem sido de cunho memorialista, recontando histórias ouvidas, aprendidas, vividas, ou lidas, portanto, essa produção que ora é crescente tem apresentado nas narrativas parte do universo mítico de vários povos indígenas, e ainda suas perspectivas de futuro, denúncias, sonhos e anseios.

Nessas narrativas têm sido apresentadas, pela visão de seus autores, as perspectivas de mundo de seu povo de origem, e as suas próprias (que não se apresentam só de lá... da aldeia, e nem só daqui... da cidade), as vicissitudes da vida, as permanências das lutas dos povos indígenas na atualidade, as preocupações com as relações sociais e com a natureza. Ainda dentro dessa literatura de autoria indígena, algumas narrativas mostram a confluência entre modernidade e tradição e os gargalos do encontro iniciado nos idos do século XVI, entre povos originários e os europeus.

Esse movimento de produção literária de autoria indígenas evidencia, portanto, a trajetória de sujeitos que, das aldeias ao mundo urbano, além de sofrer a violência do desenraizamento, pode, a partir da arte literária, construir dentre muitos aspectos, meios de afirmação étnica.

É válido ressaltar que a demanda pela literatura indígena foi promovida em grande parte pelas leis a seguir. A partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei nº 9.394/1996), do Plano Nacional de Educação - CNE (Lei nº 10.172/2001) e mais recente, da Lei Federal nº 11.645/2008, um número crescente de obras escritas por indígenas, sejam acadêmicas, didáticas e literárias, ganhou e tem ganhado espaço em diversas editoras, e nos espaços acadêmicos em todo o país.

A referida Constituição Federal determina um marco legal que muda o paradigma da Educação Escolar Indígena, que é aquela praticada nas escolas destinadas aos povos indígenas. A partir desse conjunto de leis que complementam as previstas na Carta Magna, nos artigos 231 e 232, aos indígenas foram garantidos os direitos de estabelecerem seus processos de aprendizagem em suas línguas próprias, respeitando e incentivando a valorização da cultura peculiar a cada povo.

Portanto, a conquista legal abriu demanda tanto para produção de material didático-pedagógico e instrucional voltado para as escolas das aldeias, com abordagem de suas cosmologias e línguas próprias, como também outro caminho, o da publicação de obras literárias que abordam o universo indígena para compor os acervos das escolas não indígenas. O mercado editorial aqueceu, a partir da necessidade das escolas brasileiras, a demanda por este tipo de material.

Neste cenário, há de se compreender que este fenômeno da produção literária indígena e sua comercialização teve um crescimento significativo no Brasil, sobretudo nos últimos 30 anos. Esse crescimento da produção literária indígena não se deu de maneira espontânea, como vimos, houve marcos legais que influenciaram de maneira contundente esta dinâmica de oferta e demanda da produção deste material específico.

Essas conquistas tiveram como pano de fundo o Movimento Indígena, iniciado na década de 1970, que, aliado à Igreja, às universidades, às organizações não-governamentais, aos indigenistas, dentre outros, culminaram nas conquistas estabelecidas na Constituição Federal de 1988, outorgando o direito aos indígenas de continuarem a existir em seus próprios termos.

As escolas nas Terras Indígenas (TIs) foram transportadas, a partir dessa Constituição, para outra dinâmica que enuncia a construção coletiva de um espaço de afirmação identitária e epistemológica. Modelo esse completamente diferente do

atribuído à educação para indígenas desde a monarquia até o período anterior à promulgação da referida lei.

De locus de desaprendizagem das culturas indígenas a educação escolar passa a ser utilizada como mais um aporte de luta política por seu duplo sentido: a autoafirmação étnica, no sentido de afirmação de seus saberes ou epistemologias e a possibilidade de compreender os códigos dos não indígenas, dentre eles, o linguístico.

É neste cenário, da construção de uma escola apropriada pelos indígenas, que a demanda por materiais didático-pedagógicos e literários, específicos de cada povo indígena ganhou impulso. No entanto, as duas leis citadas vão abrir vias diferenciadas em relação à produção, consumo e circulação das obras produzidas.

A Constituição Federal de 1988 e a LDB nº 9.394/2008 impulsionam a formação de professores indígenas para assumirem a escola pela qual lutaram, a implementação da educação escolar indígena, gestada, organizada e gerida pelos indígenas. É nos espaços de formação superior dos professores indígenas, dentre os quais se destacam os cursos superiores de Licenciaturas Indígenas, que ganha corpo e volume a prática de construção e elaboração coletiva de material específico de cada povo a serem utilizados nos espaços escolares dentro das aldeias. Portanto, produção e circulação “para dentro”.

Após duas décadas da promulgação da Constituição de 1988, é aprovada a Lei nº 11.645/2008 que possibilitou a criação de mecanismos para a expansão de outro fenômeno literário: a produção de obras literárias cunhadas em Língua Portuguesa, cujo teor seja a história e cultura indígena para abastecer a demanda das escolas não indígenas.

A dinâmica da produção deste material específico referente às culturas e aos diversos povos indígenas adquiriu uma trajetória de circulação e consumo fora das aldeias, embora não exclusiva e nem excludente. Portanto, são, sobretudo, as escolas não indígenas, por meio dos órgãos públicos que gerem o sistema educativo, que potencializaram a demanda e a aquisição dessas obras, nesse caso, a escrita caracteriza-se por um movimento “para fora” das aldeias e para dentro do universo não indígena.

Como uma ponte entre mundos, carregando sentidos de vida nas suas diversas esferas, as narrativas deslocam-se do espaço vital das aldeias indígenas e

adentram os salões de livros, bibliotecas, cantinhos de leitura, livrarias. As palavras ganham trajetórias novas e avolumam-se sujeitos indígenas neste novo ofício: a escritura.

Em outras palavras, as Redes Federal, Estadual, Municipal e Particular de Educação começam a escolher produções literárias que abordam a temática indígena para subsidiar, com materiais específicos, a compreensão de docentes e discentes sobre o tema nas salas de aula e nos cursos de formação de professores. É neste contexto que a produção literária indígena ganha impulso e entra em efervescência. Não apenas a produção de material literário passa a ser valorizada, mas também, cursos, palestras e oficinas em escolas e universidades se robustecem para que a Lei tenha condições mínimas de ser efetivamente, na prática, implementada.

O acervo mais amplo desta literatura, escrita por indígenas contemporâneos, tem sido, como mencionado anteriormente, classificado pelo mercado editorial para o público infanto-juvenil com diversas obras premiadas nacional e internacionalmente, e aquinhoadas, algumas delas, com o selo de altamente recomendável pela Unesco. No entanto, a despeito do crescente volume das produções e da importância cultural que apresenta, essa produção literária ainda é pouco conhecida pelo público leitor brasileiro. O interesse pela diversidade étnica que compõe o território brasileiro também se fez sentir em relação à produção acadêmica. Há um movimento crescente de pesquisas interessadas pela temática indígena, e, neste caso específico, pela manifestação literária.

Neste cenário, concordar-se-á com a assertiva de Freire (2002) de que “Se nós não tivermos um conhecimento correto sobre a história indígena, sobre o que aconteceu na relação com os índios, não poderemos explicar o Brasil contemporâneo.”

Portanto, o surgimento desses sujeitos indígenas, os escritores, e das instâncias de produção, circulação e consumo das obras literárias, parece marcar um tempo significativo de resistência, sobretudo, epistêmica e de ampliação da divulgação de suas culturas e visões de mundo por meio, tanto da produção de suas obras, como da socialização de suas cosmologias e cosmovisões em redes sociais, blogs, sites, debates, palestras e eventos específicos.

Compreendemos, neste sentido, que a produção de obras literárias, apresenta-se como um caminho que tem permitido a criação de novas instâncias de produção, circulação, divulgação cultural e transposição de fronteiras locais e nacionais, caracterizando-se ao mesmo tempo como produto e produtora de novas identidades.

Produtora no sentido de que a obra escrita e publicada, adjetiva o sujeito, neste caso, o (a) indígena, como escritor (a), constituindo-se um fenômeno recente na história da produção literária brasileira.

Na confluência entre a tradição e o moderno, surge um entrelugar onde autores e obras se situam. Uma terceira margem, resultado destas identidades multifacetadas que marcam criador e produto. Estes escritores indígenas contemporâneos falam das aldeias partindo do urbano e transitam entre mundos constituindo-se sujeitos de diversos lugares, nas palavras do escritor e professor Edson Kayapó, coordenador da Licenciatura Indígena- IFBA. Esta visibilidade da riqueza cultural do universo indígena contribui para a valorização do patrimônio sociocultural brasileiro, além de abrir possibilidades de construção de um dos valores mais importantes na atualidade, cada vez mais barbarizada por intolerâncias diversas: o respeito pela pessoa humana.

Freire (2002) lembra que a temática indígena e a relação da sociedade envolvente, que foi se estruturando nestas terras invadidas pelo colonizador, constitui-se um dos pontos centrais para descortinar o Brasil contemporâneo.

As sociedades indígenas constituem um indicador extremamente sensível da natureza da sociedade que com elas interage. A sociedade brasileira se desnuda e se revela no relacionamento com os povos indígenas. É aí que o Brasil mostra a sua cara. (...) tentar compreender as sociedades indígenas não é apenas procurar conhecer —o outroll, —o differentell, mas implica conduzir as indagações e reflexões sobre a própria sociedade em que vivemos (FREIRE, 2002, p. 2).

Estes escritores preconizam um esforço de fazer com que a sociedade brasileira conheça os povos indígenas, como chama a nossa atenção Freire (2002). Portanto, a produção literária dos escritores indígenas tem a possibilidade de revelar este Brasil pouco conhecido, desvelar sobre nós mesmos, revelar os “Brasis”, como bem atestou Darcy Ribeiro (1995).

Romper anos de silenciamentos e eleger a literatura como ponto fulcral de transformação de olhares quanto aos povos indígenas é, a nosso ver, uma

estratégia de libertação. Neste encontro entre tradição e modernidade, as bases para a composição de identidades multifacetadas marcam as trajetórias desses sujeitos que Santos (2013) denomina de “novos sujeitos”, pensando no movimento recente de publicação de obras literárias por indígenas no Brasil.

Cada escritor indígena é perpassado por uma multiplicidade de marcas culturais, histórico-temporais que são de alguma maneira reverberadas nas ideias que tatuam suas obras. Não sendo possível desassociar obra e autor do contexto social, político, histórico e geográfico em que se inserem, conforme a perspectiva da “Abordagem Contextual”, de Berdoulay (2003).

Memórias de sujeitos indígenas acessadas no passado ancestral de cada povo são as bases que alimentam as raízes das palavras nas mais diversas textualidades indígenas, e dentre elas, a literária. Nesse caminho, a oratura, base para a escritura, vai cruzando fronteiras e tatuando narrativas nas mais diversas prateleiras.

Para vários escritores indígenas, como Daniel Munduruku (2001, 2010c, 2010d), Olívio Jekupé (2000, 2009), Edson Kayapó, Graça Graúna (2003, 2013), Kaká Werá Jekupé (2002), as obras literárias que refletem parte das textualidades indígenas são essenciais no mundo letrado por oferecer a oportunidade de uma contra-história em detrimento da história única contada pelos colonizadores. Nessa construção social do que hoje é o Brasil, os indígenas aparecem desde a primeira Carta de Pero Vaz de Caminha. Ali começa a traçar os primeiros traços de uma, entre tantas imagens, que viria ser formada no imaginário social em relação aos indígenas. Grande parte das obras literárias que abordam personagens indígenas, como os de José de Alencar, em seu clássico, “O Guarani”, ajudaram a construir o mito do bom selvagem, do ingênuo e daquele cujo ideal é tornar-se “branco”.

Nessa perspectiva a literatura indígena vem na contra-mão do que foi erigido na história colonial brasileira, para desconstruir ideias equivocadas arraigadas nas crenças sociais que transformam a diferença em desigualdade a partir de mecanismos como o silenciamento e a anulação do outro.

Portanto, os materiais didáticos utilizados como um dos principais recursos nas salas de aula de todo o país podem, ao veicular uma imagem do indígena encontrado na situação colonial, ser colocados em cheque, a partir da imagem do indígena atual veiculado nas obras literárias, trazendo a possibilidade de

desconstruir os estereótipos e os preconceitos que fundam grande parte do imaginário social ao cristalizar os indígenas na imagem do passado, seja como figura ingênua, ou bárbara, vinculado ao atraso e a indolência.

A desconstrução da história única narrada pelos invasores e perpetuada pelas estruturas religiosas, educativas e políticas são colocadas em xeque em obras como “Todas as vezes que dissemos adeus”, de Kaká Werá Jekupé (2002), que aborda a ótica do “descobrimento” do Brasil pelo olhar indígena. Uma narrativa questionadora, que evidencia o outro lado da história colonial, podendo encaixar-se nas análises do que os pós-coloniais denominam de desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008).

Nessa perspectiva, podemos em síntese compreender a escrita como resistência, e nesse sentido, a caneta é uma arma de combate aos processos de silenciamentos, de invisibilização e da violência do racismo, dos estereótipos e preconceitos, e a literatura uma das flechas utilizadas no campo da luta política e da r-existência.

A essa literatura, escrita por indígenas, é dada mais uma possibilidade de revelar um Brasil pouco conhecido. As obras já publicadas revelam, portanto, uma parte muito rasa ainda da riqueza cultural dos povos indígenas que habitam o território nacional.

É importante salientar que esse movimento da escrita indígena e sua comercialização têm seu marco temporal, bem recente, a partir do século XX. Nas palavras de Santos (2013, p. 1) “os índios brasileiros, que passaram a escrever sobre a sua experiência vivida (...) como forma de resistência e resiliência, desde meados de 1970, promovem uma nova forma de desvelar-se ao mundo de forma coletiva”.

São os conhecimentos ancestrais que durante séculos possuíam na oralidade sua principal fonte de transmissão de saberes para os povos indígenas que fornecem a base primordial para o avanço de uma literatura escrita e publicada. Essas vozes transpõem fronteiras e hoje são reconhecidas exatamente pelo mesmo motivo pelo qual foram espoliadas no passado colonial: a diferença. Diferença essa que possibilita o vislumbre das caravelas do passado, como lembranças de um tempo de apagamentos. Apagamentos de corpos, de línguas, de memórias por meio dos genocídios, linguicídios, etnocídios narrados em diversos escritos que

denunciam o modo como as terras, deste lado do oceano, foram espoliadas de seus nativos.

No entanto, em detrimento dos anos de silenciamentos, estes povos ressurgem no cenário nacional e internacional como vozes de r-existência (GRAÚNA, 2003, 2013). No período colonial, indígenas, que habitavam a denominada América, adentraram caravelas e desciam com seus pés descalços em terras estranhas, terras do Velho mundo, no além-mar. Hoje, o movimento continua. No entanto, a viagem tem sido, no caso dos escritores indígenas, transcorrida em atendimento aos mais variados convites. É um convite para levar palavras. Para narrar palavras escritas, para fazer ecoar... narrativas ancestrais.

REFERÊNCIAS

BERDOULAY, Vincent. A abordagem contextual. **Espaço e cultura**, UERJ, RJ, N. 16. P. 47-56, Jul./Dez. de 2003. 168

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cinco idéias equivocadas sobre o índio**. In Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH). Nº 01, Manaus-Amazonas, Setembro, p. 17-33, 2002.

GRAÚNA, Maria das Graças Ferreira. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2003. 170

_____. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

JEKUPÉ, Olívio. **O Saci verdadeiro**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual de Londrina, 2000.

_____. **Literatura escrita pelos povos indígenas**. São Paulo: Scortecci, 2009.

JECUPÉ, Kaká Werá. **Todas as vezes que dissemos adeus**. São Paulo: Triom, 2002.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf>. Acesso em: 5 jan 2015.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura Indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade**. 2008. Disponível em: www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena. Acesso em: 08 jul, 2010a.

_____. **A escrita e a autoria fortalecendo a identidade**, s.d. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/iniciativas-indigenas/autoria-indigena/a-escrita-e-a-autoria-fortalecendo-a-identidade> . Acesso em: 08 jul, 2010b.

_____. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. **Meu avô Apolinário**: um mergulho no rio da (minhas memória). São Paulo: Peirópolis, 2001.

_____. **Mundurukando**. UK`A Editora. Lorena, S.P, 2010c.

_____. **Coisas de Índio**: um guia de pesquisa. São Paulo: Callis Ed., 2010d.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global Editora, 2004.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005a, pp.118-142. Disponible en la World wide web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/> Acesso em: 10 jan 2013.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido de Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Waniamara de Jesus dos. **Daniel Munduruku**: contador de histórias, guardião de memórias, construtor de identidades. 241 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Ouro Preto: Mariana/MG, 2013.

Palestra “Toni Morrison e a existência do feminino na literatura produzida por mulheres”

Figura 4 - Cartaz de divulgação da palestra *Toni Morrison e a existência do feminino na literatura produzida por mulheres*.

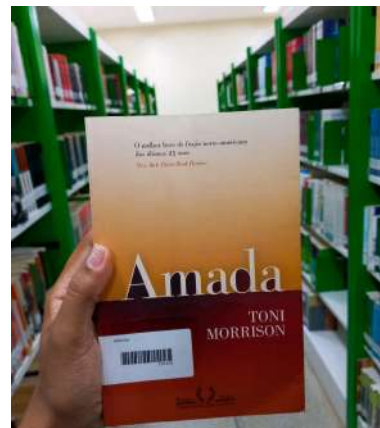


Fonte: Criação e arte de João Lopes Santana Neto

Toni Morrison e a existência do feminino na literatura escrita por mulheres

Liliane de Paula Munhoz (IFG-Câmpus Inhumas/GPEL)

Esta comunicação sobre a escrita de autoria feminina e, especialmente, as mulheres negras na obra de Toni Morrison, é um recorte da minha tese de doutorado, apresentada à Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás. À época de elaboração de proposta de pesquisa, em 2012, eu estava preocupada em atender à legislação que regulamenta os estudos de literatura, história e cultura africana e afro-brasileira, a Lei 10.639/03 e a 11.648/08.



 @samantha_moreiraj

Como sempre me seduziu a literatura que dá voz às mulheres, comecei a pesquisar sobre mulheres negras, autoras cujos temas, protagonistas e formas textuais ofereciam não apenas as discussões acerca do povo negro, mas também uma poética que me intrigasse. Quando li o romance *Amada*, de Toni Morrison, fiquei arrebatada e senti-me desafiada a conhecer melhor a autora e compreender o contexto e o reticulado daquela que considerei uma obra prima da literatura norte-americana.

Toni Morrison (*Chloe Ardelia Wofford*) nasceu em Lorain, Ohio, em 1931, e faleceu em Nova York, em 2019, aos oitenta e oito anos. Seus pais George e Rahmah Willis Wofford migraram do Sul, onde predominava o sistema conhecido como *plantation* (escravos negros, vindos da África, trabalhando nas plantações) e, depois da libertação em 1863/1865, as organizações racistas, até mesmo a mais radical e terrorista de todas, o Klu Klux Klan. Ela estudou, na juventude, em escolas segregadas; vivenciou a condição de ser mulher negra (*colored*) nos Estados Unidos no período anterior à sanção da Lei dos Direitos Civis de 1964 e tornou-se escritora após a Lei. Gradou-se em inglês pela Howard University no início dos anos de 1950, quando mudou o nome Chloe (associado aos negros) para Toni (nome andrógino), porque, segundo a autora, Chloe era um nome difícil de se pronunciar.

Li *Amada* (Beloved) muitas vezes, em inglês primeiro e depois, em português. Esse romance de 1987, é o primeiro de uma trilogia, que inclui *Jazz* (1992) e *Paraíso* (1997). *Amada* faz uma representação da vida dos afro-americanos nos anos de 1860 a 1870 – período que abrange a Emancipação dos escravos em 1863/1865 e o Pós-Guerra Civil Americana, quando, apesar de livres, os ex-escravos eram vítimas do racismo. *Jazz* traça um cenário do Harlem nos anos de 1920, porém, através de constantes incursões pelo passado, se estende retrospectivamente até meados do século XIX. E *Paraíso* retrata um outro momento da vida de afrodescendentes nos Estados Unidos: os anos de 1970. Nesse romance, Morrison nos fala dos preconceitos, dessa vez do povo negro em relação aos mestiços e aos brancos, e também ao modo como, da mesma forma que fizera nos outros dois romances, recorta a história da vida escrava na construção da identidade desse povo e, especialmente, figurativiza a vida das mulheres nas suas relações com os homens, com outras mulheres e com elas mesmas.

Esses foram os três livros aos quais dediquei leitura e estudos da fortuna crítica de Toni Morrison e de teoria da literatura metaficcional historiográfica e de realismo fantástico. Nesta comunicação, porém, em que concentro o olhar na autoria feminina, quero lembrar brevemente a primeira publicação da autora: *The bluest eye* (O olho mais azul), de 1970. Esse romance conta a história de uma menina negra – uma personagem totalmente vulnerável ao racismo – que queria ter olhos azuis. Conta a autora a ocorrência de um fato que lhe inspirou a contar essa história: um dia, voltando da escola, com uma amiga, a menina disse que Deus não existia e que ela tinha uma prova, porque ela havia rezado com frequência e intensamente para que Ele lhe desse olhos azuis e que Deus não a tinha ouvido nunca.

Lembrar esse evento que pertence à memória de Chloe Anthony Wafford é uma forma de falar sobre a autora, sobre o seu olhar para o mundo. Ela estava divorciada, com dois filhos, e queria ler sobre pessoas como ela, pessoas que fossem como ela, que nunca estiveram no centro do poder e do privilégio, e que parecessem reais. Uma realidade em que uma mulher sozinha, para quem a leitura era sua única companheira.

Como se pode ver, *The bluest eye* é parte autobiográfico: a menina que queria ter olhos azuis foi baseada numa amiga de infância e a personagem que ouve aquela confissão era baseada na autora. Toni Morrison apresenta uma menina que

responde àquela situação de forma ativa, forte e corajosa. É, segundo a autora, em entrevista à *Thames Television Production*, dessa forma que devem ser as mulheres e, especialmente, a mulher negra.

Esse livro custou-lhe anos de escrita. Não era um livro que ela estava escrevendo para ser publicado, mas, que ela escrevia para si mesma, para ter uma história que ela lesse e se visse representada. Uma história de uma mulher que é única, que sabe nutrir as outras mulheres. Toni Morrison, em 1970, já representava uma história de sororidade. Ela nos ensina a não julgar as mulheres que agem, enquanto vivenciam experiências hostis e terríveis, desesperadoras, muitas vezes, sentindo-se envergonhadas, humilhadas e sobrecarregadas. As mulheres precisam de amigas que sejam fortes, que tenham vontade, desejo de resistência que lhes ensinem essa forma de enfrentar as adversidades.

Retomando a autoria feminina, observa-se na obra de Toni Morrison a presença de autoria, narradores e protagonistas mulheres. O conceito de feminino não é muito tangível, não existem fronteiras entre o que é feminino e o que é masculino. Se dissermos que, por exemplo, as mulheres falam mais, derramam sentimentos e os homens são mais secos, menos românticos. Se fizermos afirmações semelhantes a essa, seremos, sem dúvida, preconceituosos e não passaríamos do gesto de registrar estereótipos.

Um texto de autoria feminina faz uma **representação** de diversas condições por que passam as mulheres. Toni Morrison mostra e conta histórias de mulheres que são mães e filhas, avós, netas, esposas, amantes, mulheres dando à luz, fazendo abortos, exploradas sexualmente, vistas como animais, como prostitutas, estranhas, solitárias, desamparadas, demoníacas e párias. Encerro essa enumeração de funções que as mulheres desempenham nos romances do estudo com a palavra “pária”, que remete à ideia de marginalização.

Quando usamos aqui a palavra representação (no parágrafo anterior), utilizamos o conceito aristotélico de mimesis, palavra grega que significa imitação. Portanto, quando Morrison cria as protagonistas dos seus romances, ela o faz a partir da observação de sua realidade. Seus personagens são semelhantes às mulheres que conhecemos, são imitações, no entanto, quando representadas, temos a noção de que são criação, são vida própria. Depois de *Sethe*, por exemplo, do romance *Amada*, existe uma mulher que foi baseada em Margareth Garner, que

repete alguns traços da personagem histórica, mas que também é mais que a mulher “real”, porque é a Margareth Garner, criada por Toni Morrison.

A história de Margareth Garner encontra-se entre os textos de *The Black Book*, um livro que é projeto de Morrison, quando ela trabalhou como editora para a Random House. O livro reúne vários textos de autoria do povo negro sobre suas vivências. Margareth Garner é uma mulher que foi escravizada e fugiu de uma fazenda em Ohio para um estado do Norte dos Estados Unidos, onde os negros já eram libertos. Ela levou consigo os quatro filhos: dois meninos e duas meninas: uma que engatinhava e a outra ainda na barriga. Um dia seu senhor a encontrou e, para não ver os filhos serem escravos, enquanto o seu “dono” se aproximava, ela correu para os fundos da casa e degolou a filha de dois anos, feriu um dos meninos no ombro e não teve tempo de matar todos eles e suicidar-se.

Esse é um caso célebre nos Estados Unidos, que chama a atenção para a “frieza” com que Garner diz que não se arrependia. Morrison afirmou, numa entrevista em vídeo disponível no *Youtube*, que tentou compreender essa mulher, teve de “pegá-la no colo” e aproximar-se dela. Daí, ela dá vida à Sethe, que convive com o “fantasma” da escravidão e da filha que ela degolara.

Além de representar mulheres, nas suas diversas condições, a escrita de autoria feminina apresenta também na sua literariedade⁷ uma voz feminina, ou seja, a mulher como sujeito da linguagem. Segundo as pesquisadoras GARNER; KAHANE; SPRENGNETHER (2004, p. 23), a escrita feminina é fluida, autoerótica e difusa. A escrita se movimenta, portanto, com leveza, regularidade, como algo que escorre com facilidade, sem rebuscamento. E, como autoerótica, observe-se que as pesquisadoras não se referem aos temas eróticos, mas à linguagem que “promove prazer em si mesma”, que se entrega ao outro, numa relação de amor e desejo. E, finalmente, como difusa, ela se espalha em muitas direções.

Não sabemos precisar se essa caracterização pode referir-se a toda escrita feminina, mas, no que se diz respeito à trilogia morrisoniana, esses adjetivos parecem caracterizar a aparente espontaneidade com que várias vozes se misturam no tecido narrativo. Em outras palavras, a voz feminina constitui-se na pluralidade de vozes e consciências, em uma intrincada cadeia de polifonia e intertextualidade.

⁷ Literariedade é um termo cunhado por Roman Jakobson, que se refere ao uso propriamente literário da língua. A literariedade diz respeito às propriedades formais dos textos, que apresentariam um efeito de estranhamento ou desfamiliarização. (COMPAGNON, 2010, p. 40)

Quanto ao subalterno, em especial a mulher como subalterna, que não pode falar e, quando tenta fazê-lo, não encontra os meios para se fazer ouvir, afirma Spivak (2014, p. 17-18). O discurso do subalterno, segundo a autora, está obliterado, e o discurso feminino está mais profundamente na obscuridade, ainda mais quando a mulher é negra e pobre:

Pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão da mulher parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvido de três maneiras (SPIVAK, 2014, p. 110).

Spivak parte do fato de uma jovem indiana ter se suicidado por enforcamento. Nesse evento, a estudiosa tenta compreender o que ela queria falar quando ocorreu aquela morte absurda. Para ela, aquela jovem falou e o aspecto a se pensar é: o que se pode entender? É preciso que os intelectuais façam a leitura da voz silenciada, mas que fala enquanto atua. A primeira hipótese para o suicídio é muitas vezes a possibilidade de uma mulher estar fugindo de uma gravidez. No entanto, argumenta Spivak: “o que a garota fez?”. Suicidou-se em um momento em que estava menstruada, para que não houvesse dúvidas a esse respeito.

Nos romances de Morrison, o subalterno fala. As figuras periféricas falam, pois, se assim não fosse, não haveria razão alguma para os romances fazerem uso da metaficção historiográfica e do realismo fantástico.

Embora a mulher negra tenha estado quase invisível na narrativa histórica dos Estados Unidos (autores como Frederick Douglass e W. E. Du Bois estão mais atentos à história dos homens, que encontram formas de resistir à violência da escravidão, segregação e racismo através da força, da coragem, da bravura masculinas), as mulheres das narrativas de Morrison ganham *status* de sujeito. Elas se mostram, se inscrevem na história dos Estados Unidos, através da posse da voz (MUNHOZ, 2017, p. 205).

REFERÊNCIAS

GARNER, S. N.; KAHANE, C.; SPRENGNETHER, M. **The (M)other Tongue: Essays in Feminist Psychoanalytic Interpretation**. Ithaca and London: Cornell University Press, 2004.

HARRIS, Middleton A. Harris et al. **The Black Book**. New York: Random House, 2008.

MORRISON, Toni. **Amada**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Paraíso**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Jazz**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **O olho mais azul**. Trad. Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MUNHOZ, Liliâne de Paula. **A trilogia morrisoniana**: metaficção historiográfica e realismo fantástico à luz de uma perspectiva feminina. (Tese). Universidade Federal de Goiás. 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2014.

WHY I WROTE THE BLUEST EYE – An Interview With Toni Morrison. Disponível em: <https://youtu.be/I0Jkl3F6z-Y>. Acesso em 26 set 2022.

Palestra “Sentir e sentimentos (emoções): um debate conceitual.”

Figura 5 - Cartaz de divulgação da palestra *Sentir e sentimentos (emoções): um debate conceitual*.



 10º Concurso Cultural
Leitores/as Destaque do Ano

**Sentir e sentimentos (emoções):
um debate conceitual!**

Ronaldo Ferreira Vaz

Data: 25/06/2022
Horário: 8h às 9h30

Local: <https://www.youtube.com/watch?v=ufYscpx7-Ag>

Mediadora: Maria Aparecida R. de Souza
Inscrições: <https://sugep.ifg.edu.br/eventos/#/>

 BIBLIOTECA
ÁTINA

 INSTITUTO FEDERAL
Goiás
Câmpus Inhumas

Fonte: Criação e arte de João Lopes Santana Neto

A ética organizando os sentimentos da moral

Ronaldo Ferreira Vaz (IFG-Câmpus Inhumas/GPEL)

A ética é a parte da filosofia que estuda a moral, e esta se constitui principalmente de sentimentos, afetos ou emoções. O estudo, contudo, não estabelece obrigatoriamente objetos com uma organização ou disposição universal. Os seus objetos são tomados do comportamento humano e dispostos por todo pensador, segundo suposta prevalência que eles possuem nas relações humanas. Assim, portanto, surgem sistemas éticos diferentes segundo a formação psíquica de cada filósofo ou pensador. Isso não implica, contudo, em relativismo, que os conceitos morais sejam válidos para alguns e não para outros. Os conceitos e seus objetos possuem existência universal, apenas são dispostos de maneiras diferentes, numa hierarquia e sequência segundo a vivência e observação da realidade que cada pensador privilegia. A determinação dessa organização não é absolutamente consciente, mas sem oposição desta com a consciência, como observou Nietzsche:



 @samantha_moreiraj

Depois de por muito tempo ler nos gestos e nas entrelinhas dos filósofos, disse a mim mesmo: a maior parte do pensamento consciente deve ser incluída entre as atividades instintivas, até mesmo o pensamento filosófico; aqui se deve mudar o modo de ver, como já se fez em relação à hereditariedade e às 'características inatas'. Assim como o ato de nascer não conta no processo e progresso geral da hereditariedade, também 'estar consciente' não se opõe de algum modo decisivo ao que é instintivo – em sua maior parte, o pensamento consciente de um filósofo é secretamente guiado e colocado em certas trilhas pelos seus instintos. Por trás de toda lógica e de sua aparente soberania de movimentos existem valorações, ou, falando mais claramente, exigências fisiológicas para a preservação de uma determinada espécie de vida. (NIETZSCHE, 1992, p. 11)

A valoração da vida está mais estritamente ligada à ética. É nela que os sentimentos mais fortes e conservadores da vida se expressam. As emoções eleitas por um pensador como favoritas, expressam sua constituição psíquica, ou suas exigências fisiológicas, pois coincidem. Se cada um pode ser avaliado segundo o quanto suporta de realidade, avaliaremos aqui três pensadores quanto à moral, sendo eles Aristóteles (384-322 a.C), Tomás de Aquino (1224-1274) e Benedito

Spinoza (1632-1677).

A avaliação que Aristóteles faz de nossa conduta moral já indica o quanto ele suportava a realidade, pois afirmou que o prazer e o sofrimento que sentimos nas nossas ações são indícios de nossas disposições morais. Em *Ética a Nicômaco* indica que a moral se adquire pelo hábito desde a infância, ou seja, que não é puramente pela instrução ou por natureza, mas por abdicar de prazeres excessivos que nos tornamos morais. A conclusão é que a formação moral exige postergação do prazer, ou, em termos freudianos, sublimação. Aristóteles indica o enfrentamento da realidade como forma absoluta de adquirir virtude, tudo suporta da realidade, pois a dor é a punição do prazer excessivo. A moral é formada pela virtude e pelo vício: “Nossa suposição é a de que a virtude é a qualidade segundo a qual agimos da melhor forma no tocante aos prazeres e às dores e que o vício é o oposto”. (ARISTÓTELES, 2014, p. 86)

O vício é a entrega total aos prazeres, a virtude é ação mediana entre o excesso e a falta. Aristóteles assinala os critérios da escolha e do evitar, que nos tornarão bons ou maus. Para escolher deve-se buscar o nobre, o útil e o prazeroso, para se evitar os seus contrários, ou seja, o vil, o nocivo e o doloroso. Perguntando pela definição de virtude, Aristóteles situa na sua alma mortal (ARISTÓTELES, 2006) as paixões, as faculdades e os estados, e pergunta qual dessas a virtude é. Descarta as paixões – o desejo, a ira, o medo, a confiança, a inveja, o júbilo, o amor e o ódio –, pois não somos classificados como bons ou maus segundo elas, mas antes somos louvados ou censurados segundo nossas virtudes e vícios. Põe de lado a faculdade de sentir ira, dor ou compaixão, pois “há em nós faculdades naturais, mas não nascemos bons ou maus naturalmente” (ARISTÓTELES, 2014, p. 90). Logo, a virtude somente pode ser o estado de estarmos bem ou mal dispostos em relação às paixões.

Aristóteles, porém, não é ascético, um indivíduo que nega absolutamente o prazer, como Nietzsche descreveu o sacerdote ascético com seus votos de pobreza, castidade e obediência (NIETZSCHE, 1998). Aristóteles suporta a realidade, mas lhe concede a vivência dos prazeres mediante a moderação, condenando seus extremos:

Com respeito aos prazeres e às dores – não todos eles e menos no tocante às dores – a mediania é a moderação, o excesso, o desregramento.

Indivíduos que sofrem de deficiência no que toca aos prazeres são raros e, conseqüentemente, falta um nome para eles, embora os possamos chamar de insensíveis. (ARISTÓTELES, 2014, p. 95)

Com a mediania, Aristóteles insere-se em quase todo tipo de ações no mundo, excluindo o adultério, o roubo e o assassinato. Assim, quanto ao medo e à autoconfiança, indica como mediania a coragem, quem se excede na autoconfiança, o temerário, e ao que falta é o covarde. Quanto a dar e receber dinheiro, a mediania é a generosidade; o excesso, a prodigalidade e a deficiência, a mesquinhez. Quanto à honra e à desonra, a mediania é a grandeza de alma; o excesso, a vaidade; a deficiência, a pequenez da alma. Quanto à ira, a medianez é a brandura; o excesso, a irascibilidade e a deficiência, o desalento. As medianizes que Aristóteles indica como referência de comportamento tem como característica serem nobres, essa é a baliza de sua ética, um agir positivo sob o mundo, e seus conceitos centrais, a virtude e o vício.

De Tomás de Aquino se esperava algo que não fosse diferente da referência cristã de humildade na sua ética. N'As *Paixões da Alma* (AQUINO, 2009), a ética de Tomás de Aquino não se utiliza do pecado, pelo menos na parte supracitada de sua *Suma Teológica*. Nele parece que o filósofo realista prevalece sobre o teólogo pessimista, que avaliaria as paixões da alma como preferencialmente sintomas de pecados.

Sua definição de paixão é filosófica, tendo três sentidos – primeiro de padecer, como receber a luz; segundo como de exclusão de algo, a saúde excluindo a doença; e, em terceiro lugar, como o contrário, o receber da doença com a perda da saúde. Sua alma é aristotélica, pois é composta pelas partes apreensiva, apetitiva e intelectual, localizando as paixões na parte apreensiva ou sensitiva (ARISTÓTELES, 2006). Não pensou como Calvino, o qual discorrendo sobre a alma aristotélica afirmou que:

Por nossa didática, somos forçados a nos afastar um pouco, pois que os filósofos, para os quais a corrupção da natureza era desconhecida, corrupção proveniente do castigo de Adão pela queda, confundem completamente os dois estados, que são diversos um do outro (CALVINO, 2008, p. 181).

Tomás de Aquino situou todos os sentimentos sob as potências concupiscível e irascível, como paixões ou potências, retomando conceitos aristotélicos

(ARISTÓTELES, 2012). Tanto o concupiscível quanto o irascível têm por objeto o bem e o mal sensíveis. O primeiro visa ao bem mediante o amor, o desejo e a alegria, e mediante o mal dele se afasta com o ódio, a aversão e a tristeza. O segundo, por sua vez, tende ao bem mediante a esperança, dele se afastando mediante o desespero, evitando o mal mediante o temor.

Considerando os movimentos da parte apetitiva da alma, porém, o bem possui poder atrativo e o mal, repulsivo. A conaturalidade para o bem pertence ao amor, a contrariedade quanto ao mal pertence à aversão. Na posse de um bem, ocorre o repouso no bem possuído, que pertence à alegria, e, do lado mal, a dor ou a tristeza. Quanto ao bem ainda não possuído tem-se a esperança, e em relação ao mal não presente, o temor e a audácia. Disso se conclui que: “Daí fica claro que há três pares de paixões no concupiscível: amor e ódio, desejo e aversão, alegria e tristeza. Semelhante, há três no irascível: esperança e desespero, temor e audácia, e a ira, à qual nenhuma paixão se opõe” (AQUINO, 2009, p. 317).

Observa-se que Tomás de Aquino pouco julga as paixões teologicamente. Sua avaliação é quase exclusivamente filosófica, o que leva a certa aceitação das paixões, pois, respondendo a pergunta se pode haver bem e mal moral nas paixões da alma, relativizou:

As paixões da alma podem ser consideradas de duas maneiras: primeiro, em si mesmas; segundo, enquanto dependem do império da razão e da vontade. Se, pois, as paixões forem consideradas em si mesmas, ou seja, enquanto movimentos do apetite irracional, desse modo não há nelas bem ou mal moral, o que depende da razão, conforme foi dito antes. Mas, se forem consideradas enquanto dependem do império da razão e da vontade, então, nelas há bem e mal moral, pois o apetite sensitivo está mais próximo da razão e da vontade do que os membros exteriores cujos movimentos e atos são bons ou maus moralmente na medida em que são voluntários. (AQUINO, 2009, p. 319-320)

A distinção entre paixões em si mesmas e as dependentes da razão é filosófica, não é teológica. Embora a vontade possa ser considerada segundo o livre-arbítrio, não existe uma condenação pecaminosa. Respondendo depois a questão de que se toda paixão da alma é moralmente má, levantou argumentos teológicos de Santo Agostinho, Damasceno e da Bíblia, afirmando as paixões como más. Mas, respondeu como os peripatéticos, seguidores de Aristóteles, segundo os quais as paixões são boas se governadas pela razão. Temos diante de nós um pensador para o qual os instintos de vida são extremamente fortes, temperamento

alegre e afável, desejoso de autossatisfação, motivos inconscientes que guiaram suas formulações e escolhas filosóficas? Se recordarmos dos padres dos monastérios ascéticos, com sua autoflagelação, dieta, abstinência sexual, forte consciência pecaminosa, parece que sim.

Uma melhor avaliação nos é dada pela primeira paixão no concupiscível e no irascível. Aquino debate se é o desejo ou o amor a primeira paixão concupiscível. Inicia a questão disputada, defendendo o desejo, identifica concupiscência com desejo, pois afirma que “com efeito, a denominação da potência concupiscível deriva de concupiscência, paixão idêntica ao desejo. Ora, a denominação é dada pelo que é mais importante, como se diz no livro II da alma” (AQUINO, 2009, p. 329). Em segundo lugar, expõe o argumento de Dionísio de que o desejo causa o amor, e de que o prazer às vezes causa o amor.

O proceder de Tomás de Aquino o coloca em delicada situação. Pois identificar concupiscência com desejo, embora ele depois afirme o amor como primeiro, indica a maior importância do desejo sobre o amor. Eros é assim afirmado, o desejo sexual é a base do todo amor sublimado, inclusive o dos pais pelos filhos (FREUD, 2010). Identificar a concupiscência com o desejo, contudo, é abrir caminho para se introduzir o mal numa perspectiva teológica. O limite do pensador Tomás de Aquino é esse, pois, apesar de o sentimento pecaminoso não estar presente diretamente nas suas considerações sobre as paixões da alma, prevalece certo bem estar psíquico dele frente aos prazeres sensíveis, presentes no mundo[LM3] . Aquino não ultrapassa a linha final da filosofia aristotélica que o juntaria a uma concepção moral do existir sem o pecado. Sua felicidade psíquica encontra no amor cristão satisfação. Contra os três argumentos de que o desejo precede o amor, cita o argumento contrário de Santo Agostinho de que as paixões são causadas pelo amor.

E resolve esta disputa de argumentos favoráveis e contrários, numa inferência indireta, sem relacionar diretamente o bem com o amor e o desejo com o mal, pois escreveu que:

O objeto do concupiscível é o bem e o mal. Ora, segundo a ordem natural das coisas, o bem precede o mal, uma vez que o mal é a privação do bem. Logo, todas as paixões cujo objeto é o bem são naturalmente anteriores àquelas cujo objeto é o mal, tendo cada uma a sua paixão oposta, pois, buscando-se o bem, por isso mesmo se elimina o mal oposto. (AQUINO, 2009, p. 329-330)

A resolução é ambígua. Nela Aquino retomou a definição agostiniana de que o mal é a ausência do bem, que é uma definição teológica, pois o mal não pode ter existência própria, uma vez que Jeová não o criou (AGOSTINHO, 2011, p. 26-29). Lembremos que Aristóteles afirma que não somos nem bons nem maus por natureza, mas pela educação ou hábito desde a infância. Mas a ação de matar é má, e não privação do bem, pois ela existe por si, se faz por si, ela é uma ação positiva, um acontecer, não uma ação negativa, um não acontecer. Logo, não é privação.[1]⁸

Quanto à primeira das paixões irascíveis, discute se a ira é mais importante do que a esperança. Levanta três argumentos favoráveis à ira: primeiro, por ser a denominação da potência, é anterior; segundo, o árduo é o objeto do irascível e somente a audácia pode superar uma ameaça futura - sendo assim a ira é mais importante que a audácia e esta, do que a esperança -; terceiro, no movimento, ocorre o afastamento de um termo inicial, sendo que a audácia e a esperança implicam em aproximação, sendo mais importante do que o temor e o desespero, os quais estão mais próximos. Contrários a estes argumentos, Aquino diz que estando uma coisa mais próxima daquela é primeiro, maior proximidade lhe garante anterioridade e maior importância.

Responde dizendo que a esperança é anterior ao desespero, pois é um movimento para o bem, sendo o desespero um afastamento do bem, razão pela qual a esperança é a primeira entre as paixões do irascível. Define com essas palavras a esperança: “Assim, a esperança é o movimento da potência apetitiva subsequente à apreensão do bem futuro, árduo e possível de ser obtido; é extensão do apetite para esse objeto” (AQUINO, 2003, p. 473). Nesse trecho, a definição é absolutamente aristotélica, a esperança é expressão da parte apetitosa da alma,

⁸ [1] “Para resolver esta questão, São Tomás usou de argumentação aristotélica: “Ora, o bem tem razão de fim, o qual é primeiro na intenção e último, na execução. Logo, a ordem das paixões do concupiscível pode ser considerada segundo a intenção ou segundo a execução. Segundo a execução, é anterior o que tem lugar primeiramente naquilo que tende para o fim. Ora, é claro que tudo o que tende para um fim há de ter, primeiro, aptidão ou proporção para esse fim, pois, nada tende para um fim não proporcionado. Em segundo lugar, repousa no fim depois de alcançado. Ora, a aptidão ou proporção do apetite ao bem é o amor, que não é mais do que a complacência no bem, enquanto o movimento para o bem é o desejo ou concupiscência; e, por fim, o repouso no bem é a alegria ou prazer. Portanto, segundo esta ordem de execução, o amor precede o desejo e este, o deleito. Mas, segundo a ordem de intenção, ocorre o contrário, porque o prazer intencionado causa o desejo e o amor”. (AQUINO, 2003, p. 330)

além do que há um grau de realismo, pois o bem é algo possível de ser obtido, a incerteza está afastada, embora não sendo necessária, tão pouco é contingente, outras categorias aristotélicas (ARISTÓTELES, 2016). Portanto, nele a esperança é algo positivo, pois é possível de ser realizada, estando ao alcance mediante árduo trabalho, com o que a deusa Fortuna parece não intervir, mostrando Tomás de Aquino um otimista (BOÉCIO, 1998).

Para concluir sobre Tomás de Aquino, dentre as muitas questões que podem ser debatidas, anota-se a seguinte ordem das paixões, tendo por referência a *Ética a Nicômacos*:

E, se quisermos conhecer a ordem de todas as paixões, segundo a geração, primeiramente ocorrem o amor e o ódio; depois, o desejo e a fuga. Terceiro, a esperança e o desespero; quarto, o temor e a audácia; quinto, a ira, sexto e último, a alegria e a tristeza, que se seguem a todas paixões, como se diz no livro II da *Ética*. (AQUINO, 2009, p. 332-333)

A ordem dos afetos, agora não da paixões, que Spinoza inicia sua *Ética*, é a da alegria e da tristeza. A dupla concupiscência e ira era adequada ao cristianismo aristotélico de Aquino, pois se no cristianismo o amor é o maior mandamento, ele exige um oposto que seja o contrário, que dentro do gênero moral, as espécies transitem de uma para outro, da esperança para o desespero, e demais casos. Perpassando todas as paixões de Aquino, está, nos outros volumes da *Suma Teológica*, o pecado. Um paradoxo, pois Tomás de Aquino expressa instintos sadios, de vida ou de Eros, não de morte ou de Thanatos, (FREUD, 2010), não de um cristianismo exclusivamente voltado para o além, mas de uma esperança que age arduamente, buscando o possível.

Spinoza vai muito além de Aquino. Seu ponto de partida foi tão radical que lhe valeu a expulsão da comunidade judaica, dentre outros motivos conceituais, pois definiu o desejo como a própria essência do homem, uma afeição de si própria a agir, pautando o apetite como desejo junto com consciência para conservação de cada um. Subsumiu os afetos, afecções do corpo pelas quais a potência de agir é aumentada ou diminuída, sob a dupla alegria – da perfeição menor para a maior –, e a tristeza – da perfeição maior para a menor. Seu par moral visa a coisas distintas dos pares virtude e vício de Aristóteles, e concupiscência e ira de Aquino.

Seu homem não busca a nobreza de ações, nem a salvação da alma. Não visa a qualquer perfeição. Afirmou que os escritos até então sobre os homens não

versavam sobre coisas naturais, mas sobre coisas fora da natureza, sobre o homem possuir potência absoluta sobre suas ações, sobre haver defeito na natureza humana. Imoralmente afirmou: “Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser” (SPINOZA, 2010, p. 173).

O homem, desde que não se torne servo de seus afetos, que não fosse impotente para lhes regular e refrear, não estava submetido à servidão da impotência, tudo podendo fazer para perseverar em seu ser. O que é importante é buscar os afetos da alegria, e afastar os afetos da tristeza. A questão é que o corpo humano é afetado de muitas maneiras, as quais aumentam ou diminuem sua potência de alegria. A mente deve então buscar ideias adequadas, e evitar padecer com ideias inadequadas, ou paixões de ideias inadequadas. O esforço de perseverança de seu ser é de sua própria essência. Seja com ideias claras ou confusas, a mente possui apetite. Sendo que as ideias que excluem a existência de nosso corpo, não podem existir na mente, com o que exclui o niilismo, o qual Nietzsche fortemente criticou (NIETZSCHE, 2011).

A psique de Spinoza, seus instintos mais inconscientes e íntimos, são de um homem saudável e pleno existencialmente. Pois, para ele o corpo e a mente possuem potência simultânea de alegria e tristeza, cabendo à mente esforçar-se para aumentar a potência do corpo. Refreada a potência, a mente age para excluir os motivos, sendo o amor uma alegria de origem externa, e o ódio, uma tristeza de origem também externa. Afetos simultâneos trazem um a presença do outro, o amor traz a presença do amor, o ódio a presença do ódio. Se alguém é afetado de alegria, por algo que amamos, então amamos essa pessoa. Igualmente a reciprocidade é verdadeira. As coisas que nos deleitaram, buscámo-las de novo. O desejo surgido da tristeza ou da alegria, tanto maior será quanto o afeto. Odiando a coisa amada, o ódio será mais intenso. Sendo eu odiado por outro, ele também odiarei, buscarei vingança, ódio aumenta ódio recíproco, mas sendo amado por outrem, ele amarei.

O mais forte dos afetos é o amor, para Spinoza, não porque devo amar o próximo como a mim mesmo, como Freud criticou o amor irrestrito ao próximo, dizendo que ele é muito caro ou importante para mim (FREUD, 2010) Mas, porque sendo eu amado por outrem, eu passo a amar esse outro. A iniciativa parte do outro, não de mim, pois: “Se alguém imagina que é amado por um outro e julga não lhe ter dado qualquer causa para isso (...) amará, por sua vez esse outro”

(SPINOZA, 2010, p. 211). Ou seja, a iniciativa do bem querer não cabe a mim, não parte de mim para o próximo, mas do outro, grafa-se esse termo – do outro, estando por oposição, do outro para comigo. Ademais, “O ódio é aumentado pelo ódio recíproco, podendo, inversamente, ser destruído pelo amor” (SPINOZA, 2010, p. 213).

O amor em Spinoza encontra-se entre a libido de Freud e o amor cristão ao próximo. Definindo o homem como ser que deseja, Spinoza se antecipa a Freud, pois deriva o amor do desejo, ou da libido. Por outro lado, como o amor parte do outro e não de mim, se aproxima do cristianismo, pois preferem antes amar a todos do que ser amado. É que:

Tais pessoas se fazem independentes da concordância do objeto, ao deslocar o peso maior de ser amado para amar; elas protegem-se da perda do objeto, ao voltar seu amor igualmente para todos os indivíduos, e não para objetos isolados; e evitam as oscilações e decepções do amor genital afastando-se da meta sexual deste, transformando o instinto em um impulso inibido na meta (FREUD, 2010, p.64)

Se o amor é o mais forte dos afetos, dois outros não gozam de muita reputação junto a Spinoza. O ódio, faz-se a ressalva, é um forte afeto porque causa tristeza, não se trata de condenação moral. O primeiro afeto que Spinoza desconsidera é o da tristeza. Sua definição parte de premissas diferentes da de Tomás de Aquino, pois naquele o objeto da esperança está acessível ao sujeito, uma vez que ele desenvolve árduo trabalho para obtê-lo. O objeto da esperança de Spinoza não está sob o domínio do sujeito, pois: “A esperança é uma alegria instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida” (SPINOZA, 2010, p. 243). A origem, em Aquino, da esperança enquanto virtude teologal, advinda de Paulo (1Cor 13,13), provinda da graça divina e dos méritos, lhe limita sua obtenção pelo árduo trabalho (AQUINO, 2012, p. 241).

Em Spinoza, a esperança viverá um paradoxo, pois de um lado é uma alegria instável, traz expectativas da realização de um desejo. Mas, esse desejo não é controlado pela ação humana, pois sendo coisa passada, não conhecemos nada dele, deu-se então sob a condução de outro. Sendo coisa futura, não temos certeza de que iremos obter aquela coisa desejada, como o de um tratamento de um câncer. Ademais, sua origem é a de uma tristeza instável: “O medo é uma tristeza instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos

alguma dúvida” (SPINOZA, 2010, p. 243).

Diferenciados e determinando esperança e medo, estão a tristeza e a alegria. Poderia ser de outra forma, ou regular todos os afetos por esses dois é arbitrário ou contingente, ou, por outro lado, é necessário? O que afirmou Aristóteles, decompondo a moral em virtude e vício, julgado quanto à dor e ao prazer, é necessário. Pois é assim que observamos, por exemplo, aqueles se rendem aos prazeres do álcool e das drogas, tornam-se viciados, e sua alegria é momentânea, pois são servos de seus afetos. A virtude e o vício, podem, portanto, ser avaliadas segundo a alegria e a tristeza. A concupiscência e a ira igualmente assim podem ser avaliadas, pois o amor é a paixão primeira da concupiscência, e a esperança, a primeira da ira. É certo que Tomás de Aquino sofismou para tirar o desejo como primeira paixão da concupiscência, segundo hoje podemos atestar pelas leituras da libido de Freud. E que então, não poderia situar a esperança como primeiro oposto do irascível, sequer podendo indicar também a ira. O certo seria Aquino indicar o par amor e ódio, e então o amor asseguraria sua condição de bem, mas o ódio não poderia ser afirmado como mal que é a privação do bem, pois o mal ganha ações de muitas formas, segundo observado.

A diferença entre esperança como dúvida na alegria e a do medo na tristeza, as determina recíproca e mutuamente, pois então “Segue-se, dessas definições, que não há esperança sem medo, nem medo sem esperança” (SPINOZA, 2010, p. 243). Uma está sempre ligada à outra, motivo pelo qual a esperança não é um bom afeto, ainda que não de origem teológica ou bíblica. No fim, ela é sempre instável, perturba corpo e mente, e suas ações. Se não é possível o afeto da segurança, da alegria da coisa realizada, deve-se abandonar a esperança, avaliando o que podemos fazer e está ao nosso alcance fazer, evitando cair no desespero, na tristeza da coisa consumada.

O afeto da humildade é outro que se deve evitar, pois ele é a tristeza quanto a nossa impotência de agir. Não é à toa, que, no cristianismo, esperança e humildade caminham juntos, pois são ambas impotências. Deve-se, ante a humildade, agir com satisfação, com a alegria de nossa potência de agir, ou, em outras palavras, com a modéstia, com o saber consciente que temos daquilo que tudo podemos realizar. Deve-se evitar a soberba, termos uma estimativa acima do que podemos realizar, ou seja, uma estimativa que não corresponde à realidade de

nossa inteligência e habilidades, amor próprio desmedido. Ademais, a humildade é próxima do rebaixamento, afeto triste por estimativa abaixo do justo que conseguimos realizar.

Spinoza possibilita-nos, portanto, inter-relacionar e avaliar Aristóteles e Tomás de Aquino. Nele, a razão foi guiada por afetos plenos de vida. Nele, não há rancor nem amargura no existir. Há plenitude e satisfação quanto à moral e seus afetos. Disso deve vir a sua condição abalizadora dos outros dois pensadores, embora Aristóteles possua também grandiosidade existencial feliz. Tomás de Aquino, por sua vez, ficou entre dois mundos, o de Eros e o de Thanatos, entre a filosofia aristotélica e a teologia.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **O Livre Arbítrio**. São Paulo: Paulus, 2011.

AQUINO, Tomás. **Suma Teológica. V. III**. São Paulo: Loyola, 2009.

AQUINO, Tomás. **Suma Teológica. V. V**. São Paulo: Loyola, 2012.

ARISTÓTELES. **De Anima**. São Paulo: 34, 2006.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. São Paulo: Edipro, 2014.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edipro, 2012.

ARISTÓTELES. **Órganon**. São Paulo: Edipro, 2016.

BOÉCIO. **A Consolação da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CALVINO, João. **A Interpretação da Religião Cristã. T. I**. São Paulo: Unesp, 2008.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na Civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Vontade de Poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Roda de conversa “Encontro com leitores/as”

Figura 6 - Cartaz de divulgação da roda de conversa *Encontro com leitores*.

Roda de conversa

ENCONTRO COM LEITORES



Data: 10/08/2022

Local: meet.google.com/bbsx-jfiv-kmw

Horário: 17h30 às 19h

Inscrição:
sugep.ifg.edu.br/eventos/#/

Certificação de participação de 2h complementares

 BIBLIOTECA
ATENA

 10º Concurso Cultural
Leitores/as Destaque do Ano

 INSTITUTO FEDERAL
Goiás
Câmpus Inhumas

Fonte: Criação e arte de João Lopes Santana Neto e Larissa Stefane Rodrigues de Lima

Resenhas produzidas para o “Encontro com leitores/as”

Uma reflexão sobre a utilidade da vida

Danilo Lopes Ribeiro - IFG-Câmpus Inhumas

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 126 p.

“Porque insistimos em transformar a vida em uma coisa útil?” É por meio de questionamentos, como esse, que Ailton Krenak leva o leitor da sua obra *A vida não é útil* a fazer uma reflexão sobre o que de fato é a humanidade e qual o papel que cada ser humano, tanto sob o aspecto individual, mas principalmente sob o aspecto coletivo, desempenha no mundo em que vivemos.

Natural da região do vale do Rio Doce, no estado de Minas Gerais, o líder indígena, filósofo, escritor brasileiro e ambientalista Ailton Krenak reúne nessa obra cinco textos que foram adaptados de *lives*, palestras e entrevistas entre novembro de 2017 e junho de 2020. Seus títulos são: Não se come dinheiro, Sonhos para adiar o fim do mundo, A máquina de fazer coisas, O amanhã não está à venda e A vida não é útil, cujo também é o título do livro.

Partindo do advento da pandemia da Covid-19 e suas consequências, principalmente a paralisação do mundo diante da gravidade e expansão da doença, o autor leva o leitor a refletir sobre a questão do que é ser humano de verdade, como estamos lidando com os recursos naturais do planeta, sobre até que ponto o capitalismo está degradando e consumindo este mundo e quantas doenças serão necessárias para fazer com que as nações se deem conta da gravidade dos problemas ambientais que a Terra vem enfrentando ao longo das últimas décadas.

A leitura da obra é bem fluida e fácil de ser feita, como se realmente estivéssemos em uma palestra ouvindo o autor falar. Os temas e as reflexões levantadas são de extrema importância para os dias atuais e nos mostram, sob o



 @samantha_moreiraj



ponto de vista de um indígena, qual deveria ser o verdadeiro sentido da existência de cada pessoa. Num mundo altamente tecnológico, capitalista e individualista, priorizar a mãe natureza e defender um ritmo de vida menos acelerado chega a parecer utópico, mas faz todo sentido quando olhamos para as nossas mazelas sociais, individuais e até mesmo, a fragilizada saúde mental do ser humano moderno.

Leve a vida com amor

Larissa Stefane Rodrigues de Lima – IFG-Câmpus Inhumas

MACKESY, Charlie. **O menino, a toupeira, a raposa e o cavalo**. São Paulo: Editora Sextante, 2020.

O livro *O menino, a toupeira, a raposa e o cavalo* é escrito por Charlie Mackesy. A princípio, parece um livro infantil, mas na verdade apresenta lições de vida que devem ser apreendidas por todos, independentemente da idade.

A história tem início apenas com o menino que se encontra com a toupeira, fazem amizade e trocam aprendizados da vida, como não se comparar com as pessoas e ter mais coragem do que medo frente às dificuldades da vida. Posteriormente, eles vêem algo



 @samantha_moreiraj

desconhecido e a toupeira diz para o menino não temer, pois o desconhecido deve ser enfrentado para se tornar conhecido. Então, chega até eles a raposa que, no primeiro momento, está raivosa e querendo devorar a toupeira, porém está presa em um arame, então a toupeira a ajuda para que fique livre. Dessa forma, disse a toupeira ao menino: “uma das maiores liberdades é escolher como reagimos às coisas” (p. 32). Em outro momento, a toupeira cai no rio e a raposa gentilmente a salva também. O cavalo junta-se ao grupo e, apesar de ser o maior dentre eles, é o mais dócil e amigável. Envoltos na conversa, o menino pergunta ao cavalo quando ele se sentiu mais forte e ele responde que foi quando teve coragem de mostrar as suas fraquezas e, assim, dialogam sobre a importância de pedir ajuda quando precisa e não está bem, sendo isso um ato de coragem, além de não ser necessário ser forte o tempo todo.

O livro, através de uma linguagem simples e com ilustrações, consegue nos envolver com reflexões sobre a vida, valores e autocuidado. Indico a obra para todos aqueles que precisam olhar a vida com mais leveza porque muitas vezes a resposta que tanto procuramos está dentro de nós.

Um pesadelo, um sonho com final feliz


Márcio Ferreira Milhomem - IFG-Câmpus Inhumas

OLIVEIRA, Ieda de. **As cores da escravidão**. Curitiba: Champagnat, 2013. 93 p.

A autora desta obra é Ieda de Oliveira, além de escritora, é compositora e também pesquisadora. Já foi premiada em alguns concursos de literatura infantil. É uma carioca apaixonada pela arte. O livro *As cores da escravidão* está estruturado em 15 capítulos, distribuídos em 93 páginas.

É um livro de fácil leitura, em razão de ser uma história fácil de se entender. Temos como personagens principais João Evangelista e Tonho (Antônio), através de



 @samantha_moreiraj

um sonho do personagem Tonho, João o acompanha em uma aventura na busca de uma vida melhor. Infelizmente João não tem muita sorte neste desafio de vencer a fome e a miséria. Perde a vida acometido pela frustração, exploração, fome, frio e cansaço extremo. Os dois amigos são enganados com falsas promessas de riquezas, de uma vida melhor. E assim vão trabalhar em uma fazenda, onde não tinham as mínimas condições de dignidade.

Um casal de idosos acolhe Tonho, levado pelo delegado da cidade para a casa desses idosos. Lá Tonho tem comida, carinho, um quatinho para chamar de seu e muito aconchego por parte do Sr. Luís e Dona Zefinha. Neste novo lar, Tonho teve um recomeço de vida. Ele aos poucos foi redescobrendo a vida e tentando não se lembrar dos momentos de sofrimento que ele e seu amigo João tiveram na busca da sobrevivência.

Neste novo lar, Tonho voltou a estudar, fazer novos amigos (Eraldo, Tião e Careca) e conheceu aquela que seria sua esposa e mãe do seu filho. O casamento de Tonho e Regina, chamada carinhosamente por Tonho de Rê. Juntos eles criaram um blog que tinha o intuito de dar voz àqueles que sofriam da maldade daqueles que exploravam os trabalhadores.

João e Rê se casaram e tiveram um filho, com a chegada de seu filho João, Tonho se sentiu ainda mais feliz e completo e novamente passou a acreditar na



felicidade. Após alguns anos, ele foi recordando de onde tinha vindo e tomou a decisão de ir na busca de reencontrar sua mãe, irmãos e sua amada vó Tonha. Esse reencontro aconteceu com seus familiares, apenas vó Tonha que já não estava mais viva, mas Tonho diante de seu túmulo declarou “vó, sou eu, seu Tonho que voltou”, declarando para o “invisível” que teve medos, fome, dores e feridas, mas, ainda assim, estava ali “ressuscitado”. Recomendo esse livro para aqueles que gostam de realidade e fantasia em um livro só, pois até a página 59 temos uma realidade vivida por muitas pessoas nos dias atuais, inclusive o capítulo dez do livro é idealizado pela autora a partir de documentos sobre o trabalho escravo no Brasil. Porém, a partir do capítulo 11, Ieda de Oliveira através da fantasia dá um novo destino para o menino Tonho.

Dicas de leituras

Maria Aparecida Rodrigues de Souza - IFG-Câmpus Inhumas

WIGGS, Susan. **A livraria dos achados e perdidos**. Rio de Janeiro: Harlequin, 2022.

O romance estadunidense “A livraria dos achados e perdidos”, escrito por Susan Wiggs, narra “pessoas vivendo a vida” (p. 141). A autora ganhou três vezes o prêmio RITA Awards (RWA) de escritores de romance da América.

No romance em análise, a autora utiliza fragmentos de livros, como por exemplo “Grandes esperanças” de Charles Dickens, “Alice no país das maravilhas” de Lewis Carroll, “O mágico de OZ” de L. Frank Baum, “O jardim secreto” de Frances H. Burnett, “Adventures of Huckleberry Finn” de Mark Twain, dentre os 35 autores mencionados. As citações são recursos

que dão ênfase à temática relações humanas, não deixando de ser uma estratégia motivacional de sobrevivência por meio do ato de ler.

A autora, sem a intenção de ser didática, utiliza-se da história, da arqueologia, da biologia, da administração, das letras, enfim de várias áreas das ciências para contar a história de uma família que morava em uma livraria, sustentados pelos serviços que ali oferecia. O romance ocorreu nas cidades de São Francisco e Archangel, na Califórnia, em dias atuais.

A personagem central do livro, Natalie, é filha de Blythe Harper que administra financeiramente, muito mal, a Livraria dos Achados e Perdidos que pertencia a seu avô, um senhor com mais de 80 anos com mal de Alzheimer. O título da livraria intitula o livro de Wiggs.

O namorado de Natalie morreu juntamente com a mãe dela em acidente de avião. A partir de então, Natalie inicia sua saga deixando seu emprego, a previsibilidade e a estabilidade financeira. Sendo ela a única neta, teve que assumir toda a gestão da livraria em ruínas e cuidar do avô.

Lidar com as perdas, com o luto a fez ressignificar sua vida e lembrar o passado. Do trabalho na livraria, originada no século 1800, localizada no centro



 @samantha_moreiraj

histórico da cidade, descobre sua árvore genealógica a partir dos artefatos escondidos entre as ruínas. Ao contratar um especialista em restauração, Peach Gallagher - pai de uma meiga e criativa menina - Natalie sente o nascer de um novo amor.

Entre dívidas, ruínas e livros herdados de sua mãe, Natalie vai se deparando com algumas anotações e dicas de leituras deixadas por sua mãe. Muitas delas a reanimaram. Tentava não julgar sua mãe, pois “as pessoas têm seus motivos”.

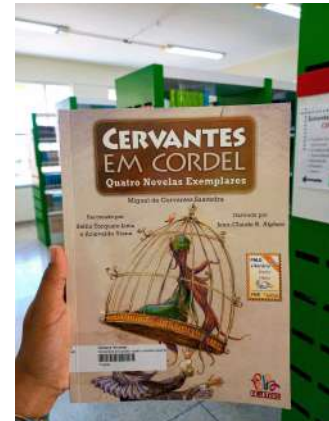
“A importância do ato de ler” defendido por Paulo Freire (1921-1997) pode ser presenciado nos relatos e descrições presentes no livro. É na leitura que nos permite a compreensão do inusitado, das novas formas e formatos de livros que atrai o leitor, com o “livro vira-vira”. De “uma relação de amor e ódio” (p. 146), das dificuldades enfrentadas e mediadas por soluções nas dicas de leitura e dos aconselhamentos de amigos, que a protagonista segue avante.

Para além de Dom Quixote

Milena Bruno Henrique Guimarães – IFG Câmpus Inhumas

LIMA, Stélio Torquato; VIANA, Arievaldo. **Cervantes em cordel**: quatro novelas exemplares. [Adaptado da obra de] Miguel de Cervantes Saavedra. Ilustrações de Jean-Claude Alphen. São Paulo: Folia de Letras, 2014. 96 p. (Programa Nacional do Livro Didático - PNLD Literário).

Este é um ótimo exemplo do porque não se deve julgar um livro pela capa e nem mesmo pelo título. A primeira vista pode parecer um livro infantil, com muitas e belas ilustrações realizadas por Jean-Claude R. Alphen. A linguagem em versos de cordel é um convite à leitura compartilhada e recitada; e o glossário e notas auxiliam na compreensão de termos antigos e citações/referências. Apesar disso, o conteúdo das histórias não é nada infantil, não traz “lições de moral” como em fábulas e inclusive



@samantha_moreiraj

exigem maturidade e senso crítico do leitor para relevar o contexto da obra original e não mais romantizar abusos como violência sexual, cárcere privado e casamento entre uma adolescente e um idoso.

Logo na apresentação, os autores explicam o contexto da obra original e como surgiu esta adaptação que reuniu quatro contos de Cervantes. Entre 1590 e 1612, Miguel de Cervantes Saavedra (amplamente conhecido por sua obra *Dom Quixote de la Mancha*) escreveu doze contos que foram reunidos na obra: *Novelas exemplares*. Os autores Stélio e Arievaldo selecionaram quatro dessas histórias e as recontaram através de versos de cordel: “*O licenciado Vidreira*” - *as façanhas e os chistes de um louco licenciado*; “*A força do sangue*” - *ardis de um sedutor e as manobras do destino*; “*O casamento enganoso*” - *ardis de um enganador e a burla que ele sofreu* e “*O ciumento*” - *loucuras de um ciumento e as manobras de um trovador*.

Resisti a resenhar esta obra por receio de divulgar comportamentos e pensamentos já ultrapassados socialmente no contexto moral e legal (na maioria dos países), mas que infelizmente ainda existem. Todavia, acredito que o passado não pode ser negado e coisas ruins precisam ser refletidas, inclusive para evitar que



se repitam. Também não posso negar que o livro me impactou (fiquei chocada e revoltada com o segundo conto) e me surpreendeu em alguns momentos. Reforço que não se trata de um livro para crianças, mas que merece ser conhecido, lido e refletido.

5 O ALCANCE DO INCENTIVO À LEITURA

O Concurso Cultural *Leitores/as Destaque do Ano* completou em 2022 dez anos de existência. Após dois anos ocorrendo de forma completamente remota, em decorrência da pandemia da Covid-19, esta 10ª edição foi a primeira a acontecer com a equipe organizadora do projeto retornando ao trabalho de forma presencial no lugar onde tudo começou ainda no ano de 2013, na Biblioteca Atena.

As atividades desenvolvidas durante a execução do concurso continuaram, em sua maioria, sendo realizadas de forma remota, mesmo com o retorno da Instituição às atividades presenciais. As palestras, a roda de conversa e a cerimônia de encerramento aconteceram nessa modalidade por meio do *Google Meet*, exceto a oficina de lançamento do concurso de “Construção de Resenha”, que aconteceu presencialmente. Já o recebimento das resenhas se deu de forma híbrida, tanto por *e-mail* quanto presencialmente, no balcão de atendimento da biblioteca. No entanto, a essência do projeto continuou sendo a mesma, que é o incentivo à leitura e à escrita.

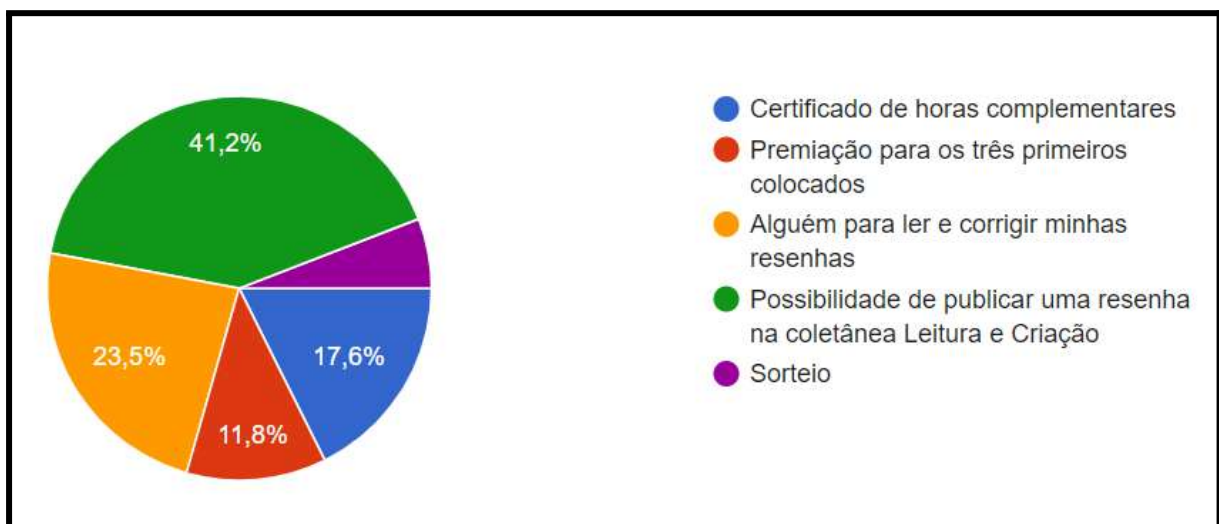
Neste ano tivemos um aumento considerável no número de participantes e de entrega de resenhas válidas em relação às duas últimas edições, sendo 54 participantes e 115 resenhas. Somando as participações em cinco atividades propostas, contamos com um total de 324 interações, com participantes de diversas cidades do estado de Goiás (Inhumas, Cidade de Goiás, Luziânia, Goiânia, Águas Lindas, Goianira, Senador Canedo, Aparecida de Goiânia, Anápolis, Araçu, Jataí) e de outros estados (Bahia e Rio Grande do Sul), bem como de diversas instituições de ensino além do IFG, tais como a Universidade Federal de Goiás (UFG), a Universidade Estadual de Goiás (UEG), a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Destacamos ainda, a parceria celebrada com a Escola Municipal Alessandro Miguel, de Inhumas, que permitiu a visita *in loco* para a divulgação e a participação de alunos do 8º e 9º ano com a escrita de resenhas. Participaram também estudantes das instituições privadas: Serviço Social do Comércio (SESC) e Faculdade Unida de Campinas.

Assim como na edição passada, foram premiados os três leitores/as que escreveram as resenhas de melhor qualidade. Para definir a classificação em

primeiro, segundo e terceiro lugares, foi instituída uma banca avaliadora *ad hoc* com a participação de profissionais da área de Letras e de áreas afins.

Um questionário eletrônico foi enviado para cada participante que entregou resenha, a fim de que avaliassem as atividades do Concurso desenvolvidas durante todo o ano. A partir da resposta ao questionário, identificou-se que o elemento que mais motivou à participação no Concurso foi a possibilidade de publicar uma resenha (Figura 7), segundo a resposta de 41,2% dos participantes.

Figura 7 - O que mais te motivou a enviar uma resenha para o concurso?



Fonte: Elaborado pelos organizadores. (2022)

Na avaliação dos participantes, transcritas nos fragmentos abaixo, os pontos positivos da ação decorrem da possibilidade de:

1. reescrita das resenhas:

“Correção de resenha, estar sempre escrevendo e testando meus métodos.” (L1)

“Treinar a escrita.” (L17)

2. recebimento de sugestões para ampliar o repertório linguístico:

“A possibilidade de alguém poder ler e apontar contribuições em relação às resenhas enviadas. As atividades com diferentes temáticas literárias.” (L2)

“Melhorei minha visão crítica com os livros, e percebi que livros são melhores do que eu penso.” (L15)

3. incentivo à leitura e escrita e conhecer novos livros:

“Incentivo à leitura, conhecer novas obras de assuntos totalmente diferentes do que você está habituado, melhoras na escrita.” (L3)

“Um incentivo à escrita e leitura.” (L5)

“Me motivaram bastante a ler; é um projeto super necessário.” (L6)

“Me motivou a ler mais e escrever melhor.” (L8)

“Estímulo à leitura e escrita, roda de leitores, correção das resenhas.” (L9)

“Um dos pontos positivos é o incentivo à leitura e escrita do concurso.” (L10)

“Há o incentivo dado aos participantes para lerem assuntos novos e aperfeiçoarem sua escrita sobre resenhas.” (L11)

“Oportunidade de melhorar a escrita, incentivo à leitura, enriquecimento cultural dentre vários outros pontos.” (L12)

4. publicação e acompanhamento individualizado:

“Publicações na coletânea, eventos relacionados à literatura e o acompanhamento individual do mediador.” (L7)

“A possibilidade de publicação.” (L13)

A avaliação de um dos participantes resume consideravelmente os pontos positivos do Concurso:

“[...] você pode enviar uma resenha sobre praticamente qualquer tipo de livro, seja ficcional ou não, e-book, quadrinho, baseado em alguma série, etc. Também gostei que as resenhas podem ser digitadas e enviadas por e-mail, bem mais prático na minha opinião. Gostei que tem alguém para corrigir as suas resenhas e dar sugestões de como melhorar em escritas futuras. O Concurso deu bastante tempo e liberdade para escrever as resenhas, isso também foi bom, e o pessoal da biblioteca soube resolver bem as minhas dúvidas”. (L14)

Em geral, a metodologia de ofertar diversas intervenções (revisão das resenhas, indicação de leituras e palestras) no processo de leitura e escrita das resenhas foi bem aceita pelos participantes.

Já os pontos negativos apontados pelos/as participantes foram:

a) alcance da divulgação e expectativas:

“Senti pouca divulgação com relação à comunidade externa e aos cursos do noturno.” (L2)

“Baixa divulgação do concurso. Acredito que mais pessoas poderiam ter a oportunidade de conhecer esse concurso que mudou minha vida como leitor e resenhista. Mas acho que isso nem se adequa a ponto negativo, já que a divulgação do concurso ocorre, apenas não recebe muitos participantes. Desse modo não tenho nenhuma crítica construtiva ao concurso.” (L9)

b) quantitativo de resenha:

“Somente uma resenha do escritor pode concorrer e ser publicada.” (L6)

“A impossibilidade de submeter mais de uma proposta.” (L10)

c) informações insuficientes no Edital e restrição quanto ao gênero literário:

“Não gostei que alguns pontos do concurso não ficaram muito claros, ou foram sequer mencionados, ele também não foi muito bem divulgado e várias pessoas ficaram confusas por causa disso. Como por exemplo, eu queria saber se poderia escrever resenhas sobre quadrinhos, eu li o edital e lá não dizia nada e nenhum dos panfletos/anúncios falava sobre também. Foi uma funcionária da biblioteca que me falou que somente livros com o registro ISBN são válidos. Sinto que nesse quesito deixou muito a desejar, e que esta informação deveria estar inclusa NO MÍNIMO no edital. E sobre a má divulgação, tinha colegas meus que nem sabiam que tinha um formulário de inscrição para o concurso, e que achavam que era só entregar a resenha na biblioteca. Não tenho sugestões de como melhorar nesse quesito, mas acho que tenha sido uma questão de má divulgação/falta de clareza dos organizadores do concurso, já que tinham várias pessoas com a mesma dúvida.” (L11)

“Muita coisa não fica claro na inscrição.” (L13)

Os pontos negativos ressaltados pelos participantes nos levam a refletir sobre a importância do ato de ler (FREIRE, 1989) ao longo da vida. Por exemplo, ler e saber interpretar um edital, documento que regulamenta os processos de um concurso, é fundamental para o exercício da cidadania. Caberiam, portanto, momentos contínuos de disseminação do edital junto à comunidade participante, chamando à atenção para os pontos inerentes à consecução do processo. Fica também expressa nas falas dos participantes a necessidade de ampliar as formas de divulgação do Concurso de forma massiva, indo além das redes sociais. Além disso, evidenciamos a necessidade de atividades de formação que abordem a diferença entre um livro literário de uma publicação seriada, no caso do gibi.

Para divulgar o Concurso dentro e fora do IFG a Comunicação Social do Câmpus utilizou os canais de comunicação oficiais da instituição, como as redes sociais (*instagram, facebook, twitter*) e o *site*⁹. As matérias foram publicadas (IFG,

⁹ Canais de comunicação do IFG Câmpus Inhumas: @ifg; ifgcampusinhumas;

2022) e compartilhadas com a comunidade. O *whatsapp* e o *e-mail* também foram ferramentas tecnológicas adotadas para disseminação das informações. Além disso, os organizadores da ação publicizaram sobre como participar do Concurso elaborando um vídeo e painel impresso e tais informações ficaram disponíveis no Câmpus do início ao fim do projeto. Houve momentos de visitas às salas de aula do Câmpus e também a uma escola do município. As bibliotecas dos outros Câmpus do IFG também foram grandes parceiras no ato de divulgar o Concurso aos seus usuários. Na ficha de inscrição, os participantes informaram sobre como tomaram conhecimento do Concurso: se por intermédio de auxiliares de biblioteca, se por outros participantes, por amigos, por colegas de sala e por sua mãe. Mesmo com os esforços de tornar mais visível a ação, a divulgação não atingiu por igual o público-alvo do projeto.

Concordamos com a avaliação de um dos participantes de que *“O incentivo apresentado no concurso para que os participantes leiam mais e aprendam com sua escrita de resenhas, pode nem sempre causar o resultado esperado.”* As estratégias de formação de leitores nem sempre funcionam igualmente para todos. A figura do mediador de leitura como aquele sujeito que aproxima o leitor do texto, ou seja, a ponte que os interliga (BORTOLIN, 2007), contribuiu sobremaneira no incentivo à leitura.

Com relação às dificuldades enfrentadas, as descobertas e o aprendizado adquirido durante o processo, os participantes relataram:

1. dificuldades:

“Eu aprendi um pouco sobre como funcionam as resenhas e que premissas de um livro podem ser simples e complexas, porém de todo jeito são interessantes, e até pode haver uma abordagem fácil de entender ou complexa, dependendo do autor ou como ele deseja expressar o assunto. Cada fator de uma história é independente e pode trazer uma reação diferente do leitor.” (L8)

“Ler literatura. Pois minhas leituras estavam muito restritas aos textos acadêmicos.” (10)

“Eu só fiz uma resenha. Eu queria ter feito mais, infelizmente não deu.” (L12)

“Esse é o segundo ano que participo e consegui enviar duas resenhas. Gostei muito do concurso, mas é muito difícil falar de um livro que a gente ama com somente 30 linhas. Aprendi com minha mediadora e pretendo concorrer todos os anos.” (L7)

“Infelizmente, com a correria da vida e a escrita do meu TCC, só tive a oportunidade de entregar uma única resenha nos últimos segundos do término do concurso. Neste ano li poucas obras de meu interesse, fiquei em autores que agregariam em meu trabalho. Mas nas outras edições devo dizer que mudou minhas perspectivas de leitura e escrita. Só tenho a agradecer ao concurso por tudo que me ofereceu.” (L9)

2. descobertas:

“Participar do Concurso foi algo muito interessante. Como eu disse, a possibilidade de contar com um/a mediador/a para ler as resenhas enriquece as nossas perspectivas de escrita, podendo nos fazer refletir sobre pontos dos quais não nos atentamos. Além disso, é um incentivo para estarmos sempre lendo e escrevendo sobre nossas leituras. Por isso, sem dúvidas, foi um aprendizado e tanto participar do Concurso.” (L1)

“Não tive dificuldades no concurso, mas gostei muito das obras que foram sugeridas pela minha mediadora.” (L2)

3. aprendizados:

“Criatividade para fazer a resenha, talvez escolha de palavras também.” (L2)

“Aprendizados sobre o aperfeiçoamento de como fazer resenhas.” (L4)

“É meu segundo ano participando, gosto da mediação e do acompanhamento. Me divirto bastante com a Resenha Oral [...]” (L5)

“Eu gostei bastante de participar, escrever as resenhas foi muito divertido, eu tive que pesquisar bastante e me esforçar para escrever algo bom. Minha maior dificuldade foi mesmo ter coragem para ler e terminar os livros já que não tenho muito costume.”

“Durante a escrita eu consegui treinar a escrita.”

Os participantes, em geral, tiveram suas perspectivas concretizadas, mesmo diante da dificuldade de tempo disponível e do descontentamento devido ao fato de terem sido tolhidos pela restrição de gênero literário permitida no Concurso. Percebemos que eles se divertiram, desenvolveram a criatividade, o senso crítico, seguindo avante com coragem para ler e escrever.

As sugestões de melhoria da ação apontadas pelos participantes foram: ampliar a divulgação junto à comunidade externa e interna, por meio de parceria com professores e engajamento dos estudantes de maneira contínua; melhorar a logística de entrega dos prêmios; traçar estratégias que possam incentivar os moradores das proximidades do câmpus e de outras instituições a participarem; disponibilizar auxílio aos participantes por meio de tira-dúvidas; clareza no edital acerca das informações e requisitos da ação.

Diante da resposta positiva de 76,5% dos participantes do Concurso que já se inscreveram para a próxima edição, caso esta ocorra, podemos concluir que o objetivo principal do projeto foi alcançado. O incentivo à leitura, a possibilidade de ler algo diferente do habitual ou do currículo escolar e acadêmico e a escrita de resenhas com a oportunidade de aprender técnicas de escrita e/ou aperfeiçoar a arte de escrever foram os principais pontos positivos apresentados.

Para a próxima edição do concurso, fica o desafio para a equipe executora de melhorar a divulgação da ação e fazer com que as informações importantes e necessárias cheguem até os discentes do câmpus, de outras escolas e instituições, como também ao público geral. Apesar das dificuldades pessoais encontradas, nenhum participante descartou a possibilidade de participar da continuidade do Concurso. Pelo contrário, apresentaram várias sugestões para inovar a ação e motivar mais participações de jovens e adultos, como realizar atividades mensais de leitura e produção de texto, desafios literários com premiação, eventos presenciais em locais públicos, visitas técnicas, dentre outros.

REFERÊNCIAS:

BORTOLIN, S. **O Mediador de leitura**. 2007. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=302. Acesso em 14 set. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS. CÂMPUS INHUMAS. **Ação de extensão**. 2022. Disponível em: <https://www.ifg.edu.br/ultimas-noticias-campus-inhumas/29107-inscricoes-para-o-10-concurso-cultural-leitores-as-destaque>. Acesso em 27 set. 2022.

Organizadores/as

Danilo Lopes Ribeiro - IFG-Câmpus Inhumas (Bacharel em Direito)

Larissa Stefane Rodrigues de Lima - IFG-Câmpus Inhumas (Bacharel em
Biblioteconomia)

Márcio Ferreira Milhomem - IFG-Câmpus Inhumas (Licenciado em Educação Física)

Maria Aparecida Rodrigues de Souza- IFG-Câmpus Inhumas (Doutora em
Educação)

Milena Bruno Henrique Guimarães - IFG-Câmpus Inhumas (Bacharel em
Biblioteconomia)

6 APÊNDICES

A - Livros lidos e resenhados disponíveis nas bibliotecas do IFG

A lista abaixo se refere aos livros resenhados pelos/as participantes do Concurso e disponíveis no SIB/IFG. As resenhas de algumas das obras relacionadas não estão publicadas na Coletânea.

AGAVINO, Rachel (tradução de). **Extraordinário**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 318p., il., 23 cm.

ALBISSÚ, Nelson. **É difícil de entender, vô!**. 14. ed. São Paulo: Atual Editora. 80 p., il. (Entre linhas: cotidiano).

ALENCAR, José de. **A viuvinha**. Goiânia: Educart, 2010.

ALENCAR, José de. **Cinco minutos**. São Paulo: Moderna. 54 p. (Travessias).

ASSIS, Machado de. **O alienista**. Porto Alegre: L&PM, 2009. 48 p., il..

AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Rio de Janeiro: Singular, 2009. 144 p.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 2. reimp. São Paulo: Ateliê, 2014. 381 p.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.p. 136 p.

BÉCQUER, Gustavo Adolfo. **O gnomo**. São Paulo: Sowilo, 2018. 39 p., il.

CARVALHO, Bernardo. **Nove noites**: romance. Belo Horizonte: Claro Enigma, 2009. 171 p.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom quixote**: versão adaptada para neoleitores. Porto Alegre: L&PM. 36 p.

DOYLE, Arthur Conan. **Sherlock Holmes: um estudo em vermelho**. Tradução de Michele de Aguiar Vartuli. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2018. 168 p. (Programa Nacional do Livro Didático - PNLD).

DOYLE, Arthur Conan. **Um estudo em vermelho**. Tradução de Heloisa Jahn. Coautoria de Marcos Rey. Ilustrações de Diego Patiño. 8. ed. São Paulo: Ática Scipione, 2014. 166 p., il.

DRUON, Maurice. **O menino do dedo verde**. 33.ed Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1987.

ESOPO. **Fabulas de Esopo**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Pocket. 176 p. (L&PM pocket).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em 3 artigos que se completam**. 29. São Paulo: Cortez, 1994. 87 p.

GREEN, John. **A culpa é das estrelas**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012. 286 p.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 9. ed. São Paulo: Ática Scipione, 2007. 199 p., il.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. São Paulo: Grupo Companhia das Letras, 2009. 95 p.

KINNEY, Jeff. **Diário de um banana: casa dos horrores**. 2. ed. São Paulo: V&R, 2013. v. 6 . 217 p., il., 20 cm. (Diário de um banana, 6).

KINNEY, Jeff. **Diário de um banana: maré de azar**. Tradução de Alexandre Boide. São Paulo: V&R, 2014. v. 8 . 217 p., il. (Diário de um banana, 8).

KINNEY, Jeff. **Diário de um banana: Rodrick é o cara**. 2. ed. São Paulo: V&R, 2012. v. 2 . 216 p., il., 20 cm. (Diário de um banana, 2).

KINNEY, Jeff. **Diário de um banana: um romance em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: V&R, 2012. 217 p., il., 20 cm. (Diário de um banana, 1).

LIPPINCOTT, Rachael. **A cinco passos de você**. Tradução de Amanda Moura. São Paulo: Globo Alt, 2019. 283p., 21 cm.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 202 p.

LONDON, Jack. **O grito da selva**. 2. ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional. 118 p.

MARX, Karl. **O manifesto comunista de 1848 e cartas filosóficas**. 2. ed. São Paulo: Centauro. 154 p.

MENDONCA, Luciana. **Abraão e as frutas: poesias**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. 81 p.

MOYES, Jojo. **Como eu era antes de você**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. 318p., 23 cm.

ORWELL, George. **A Revolução dos bichos**. São Paulo: Claro Enigma, 2013. 147 p.

QUINN, Julia. **O duque e eu**. São Paulo: Arqueiro, 2013. 282 p. (Os Bridgertons, 1).

- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 125. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. 174 p.
- REY, Marcos. **O rapto do garoto de ouro**. Ilustrações de Rogério Soud. 12. ed. 7. reimpressão São Paulo: Global, 2011. 126 p., il.
- REZENDE, Stella Maris. **As gêmeas da família**. São Paulo: Globo, 2018. 160 p., il. (Programa Nacional do Livro Didático - PNLD).
- RIORDAN, Rick, 1964-. **O ladrão de raios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. v. 1 . 400 p. (Percy Jackson & os Olimpianos, 1).
- RIORDAN, Rick, 1964-. **O último olimpiano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. v. 5 . 367 p., il. (Percy Jackson & os Olimpianos, 5).
- ROTHFUSS, Patrick. **O nome do vento: A crônica do matador do Rei: primeiro livro**. São Paulo: Arqueiro, 2009. 651 p. (Girassol).
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 223 p.
- SHAKESPEARE, William. **Sonho de uma noite de verão**. Porto Alegre: L&PM, c2001. 122 p. (L&PM pocket, 220).
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 187 p.
- SPARKS, Nicholas. **Diário de uma paixão**. Rio Branco/AC: Novo Conceito, 2010. 244 p.
- SPARKS, Nicholas. **Querido John**. Tradução de Paulo Geiger. Ribeirão Preto: Arqueiro, 2017. 247 p.
- TARNER, Margaret; SHELLEY, Mary Wollstonecraft. **Frankenstein**. São Paulo: Macmillan Education, 2018. 47 p., il.

B - GALERIA DE CARTAZES

Figura 8 - Cartaz de divulgação dos prêmios.



10º Concurso Cultural
Leitores/as Destaque do Ano
PREMIAÇÃO

1ª Prêmio (Ouro)

- 1 medalha de ouro
- 1 kit material escolar de R\$200
- 1 vale-livro de R\$50
- 1 lâmpada solar
- 1 Kindle 10a. geração


2ª Prêmio (Prata)


- 1 medalha de prata
- 1 kit material escolar de R\$150
- 1 vale-livro de R\$50
- 2 Refletores balizador solar de 30w

3ª Prêmio (Bronze)

- 1 medalha de bronze
- 1 kit material escolar de R\$100
- 1 vale-livro de R\$50
- 2 Refletores balizador solar de 30w

Oferecimento:

 **BIBLIOTECA**
ÁTINA

 **INSTITUTO FEDERAL**
Goiás
Câmpus Inhumas

Fonte: Criação e arte de João Lopes Santana Neto

Figura 9 - Cartaz de divulgação das atividades do Concurso.



 **10º Concurso Cultural**
Leitores/as Destaque do Ano

<http://ifg.edu.br/inhumas/biblioteca>

EVENTO	DESCRIÇÃO	LOCAL	DATA	HORA
Oficina	Construção de resenhas.	IFG Inhumas	26/03/2022	9h15 às 10h45
Inscrição	Período de inscrição e envio das resenhas.	E-mail e/ou Presencial	28/03 a 14/09	7h às 22h
Palestra	Literatura indígena contemporânea no Brasil: atravessando pontes, desconstruindo muros.	Google Meet	06/04/2022	17h30 às 19h
Palestra	Toni Morrison e a existência do feminino na literatura produzida por mulheres.	Google Meet	11/05/2022	17h30 às 19h
Palestra	Sentir e sentimentos (emoções): um debate conceitual!	Google Meet	22/06/2022	17h30 às 19h
Roda de conversa	Encontro com leitores/as.	Google Meet	10/08/2022	17h30 às 19h
Cerimônia de encerramento	Cerimônia de encerramento: premiação e lançamento da coletânea "Leitura e Criação 9".	Google Meet	26/10/2022	17h30 às 19h

*Certificação de participação de até 40h complementares


Para mais informações acesse

Oferecimento:

 **INSTITUTO FEDERAL**
Goiás
Câmpus Inhumas

Fonte: Criação e arte de João Lopes Santana Neto

Figura 10 - Cartaz de divulgação da Cerimônia de Encerramento do Concurso.



Fonte: Criação e arte de João Lopes Santana Neto

C - Apoiadores do Concurso:





✉ bib.inhumas@ifg.edu.br

🌐 <http://www.ifg.edu.br/inhumas/biblioteca>

📷 @bibliotecaatena

f Projeto Leitores Destaque do Ano

☎ (62)3514-9572

Avenida Universitária Qd. Única, Setor Vale das Goiabeiras, Inhumas/GO 75402-556



POSFÁCIO

Todo livro é uma fagulha. Não por acaso, temos o conhecimento sempre traduzido como aquilo que ilumina os pensamentos. Ou, ainda, aquilo que aponta novos caminhos, tal como um farol em meio à tempestade. E é por ser fagulha que todo livro só ganha corpo quando compartilhado. Assim, de centelha em centelha, criamos a chama que vai não apenas aquecer os nossos ideais, mas também revelar nossas novas ideias. Ou seja, sem a dedicação do resenhista, a humanidade se contentaria com a mais profunda escuridão.

Resenhar, portanto, é iluminar. É buscar nas linhas e entrelinhas de cada livro a voz que precisa ser ouvida, o sentido que precisa ser vislumbrado. Toda resenha deve cumprir um papel dúplice: chegar mais longe e ao mesmo tempo chegar aí dentro. Sim, dentro de cada um que vai encontrar nessa costura de palavras o convite certo para transformar a fagulha guardada no livro em uma nobre chama, cujo objetivo é iluminar dias melhores.

Agora, imaginem o quanto fui privilegiado nesse passeio por todas as resenhas da Coletânea Leitura e Criação 9. Pude desvendar motivos e inspirar minhas próximas leituras. Mais que isso, pude me fazer de condutor para essa coleção de frases e intenções, a que cada resenhista se propôs. É a história rompendo as barreiras de suas próprias capas para fazer do conhecimento essa luz que tanto precisamos.

Muito obrigado pelo convite e parabéns a cada resenhista por sua valiosa chama!

Renan Alves Melo
Escritor e Publicitário

